

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

ALBA LÚCIA DA SILVA MARINHO

**O SAGRADO NA TEIA DAS REDES GEOGRÁFICAS DO TURISMO
EM PERNAMBUCO**

Um estudo sobre o Santuário de São Severino,
Paudalho – Pernambuco.



Missa do Domingo de Ramos – adro da Igreja (foto: Gil Marinho, 2006)

**Recife
2008**

ALBA LÚCIA DA SILVA MARINHO

**O SAGRADO NA TEIA DAS REDES GEOGRÁFICAS DO TURISMO
EM PERNAMBUCO**

Um estudo sobre o Santuário de São Severino,
Paudalho – Pernambuco.

Dissertação apresentada como requisito
parcial à obtenção do grau de Mestre em
Geografia, pela Universidade Federal de
Pernambuco, sob a orientação do Prof. Dr.
Caio Augusto Amorim Maciel.

**Recife
2008**

Marinho, Alba Lúcia da Silva

O sagrado na teia das redes geográficas do turismo em Pernambuco: um estudo sobre o santuário de São Severino, Paudalho - Pernambuco / Alba Lúcia da Silva Marinho. – Recife : O Autor, 2008.

174 folhas : il., fig., gráf., tab.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Geografia, 2008.

Inclui: bibliografia.

1. Geografia cultural. 2. Turismo 3. Religiosidade. 4. Redes geográficas. 5. Santuário de São Severino. I. Título.

**911
910**

**CDU (2. ed.)
CDD (22. ed.)**

**UFPE
BCFCH2008/21**

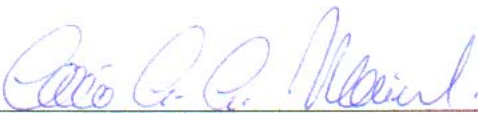
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS –DCG
CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA –CMG

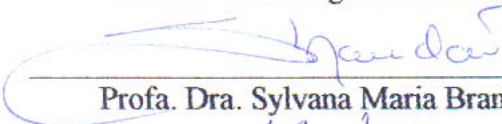
ALBA LÚCIA DA SILVA MARINHO

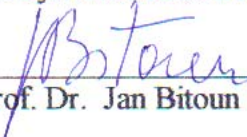
**Título: “O SAGRADO NA TEIA DAS REDES GEOGRÁFICAS DO TURISMO EM
PERNAMBUCO Um Estudo Sobre o Santuário de São Severino, Paudalho -
Pernambuco ”**

BANCA EXAMINADORA

TITULARES:

Orientador: 
Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel (UFPE)

1º. Examinador: 
Profa. Dra. Sylvana Maria Brandão Aguiar (UFPE)

2º. Examinador: 
Prof. Dr. Jan Bitoun (UFPE)

APROVADA em 29 de fevereiro de 2008.

DEDICATÓRIA

A minha vó Zefinha que me mostrou a
beleza da cultura nos subúrbios.

A minha mãe Ana que me ensinou a
gostar de gente, bicho e planta.

A Gil, companheiro, parceiro e cúmplice.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel, pelo privilégio de sua orientação, pela confiança e pelo incentivo desde o nosso primeiro contato.

Aos professores e funcionário do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, pelo apoio recebido durante todo o curso.

Ao Sr. Jarbas Maciel pela gentil colaboração.

Aos meus dedicados pesquisadores de campo: Patrícia Bezerra, Annara Perboire, Janine Farias da Silva, Flávia Pandolfi, Emanuelle Santana, Elton Silva, Tatiana Brasil, Marielly Barbosa e Ilânia Vieira.

Ao Sr. Pedro e Dorinha pela sempre gentil acolhida e pelas dormidas no Ramos.

Aos meus familiares e amigos, pelo carinho e incentivo constante.

A CAPES e ao CNPq pela bolsa concedida, viabilizando a realização desta pesquisa.

RESUMO

O trabalho investiga os deslocamentos espaciais, com duração máxima de 24 horas, realizados por excursões ao Santuário de São Severino, localizado no município de Paudalho, Pernambuco, tomando-o como parte de uma rede geográfica do sagrado que interliga centros de devoção situados no estado. A questão pesquisada partiu da identificação de que, não raro, as visitas faziam parte de um roteiro cujo itinerário incluía outros centros devocionais, tais como: Mãe Rainha (Olinda), Frei Damião (Recife) e Santo Cristo (Ipojuca). A formulação do problema partiu da suposição de que os lugares citados, somados ao Santuário de São Severino e articulados a outros destinos, conformariam pontos de uma rede do turismo religioso em Pernambuco. Assim, a abordagem se volta às dimensões de análise das redes geográficas de acordo as propostas de estudiosos da Geografia Cultural, ou seja, tomadas como um conjunto de localizações interconectadas tanto por ligações materiais quanto imateriais. As redes geográficas são investigadas por meio das dimensões organizacional, temporal e espacial como forma de identificar os seus arranjos internos, sua duração, a velocidade dos fluxos e a frequência com que a teia se estabelece. A metodologia privilegiou o trabalho de campo no local, com a aplicação de questionários junto aos frequentadores e aos responsáveis pelos transportes coletivos que se encontravam nos estacionamento do Santuário a cada primeiro domingo dos meses de janeiro a abril de 2007. Os resultados da investigação demonstram que o Santuário de São Severino pode ser visto como um fenômeno social e econômico mais amplo e centro nodal de uma rede com padrão de interação de múltiplos circuitos. Segundo a dimensão espacial, trata-se de uma rede predominantemente regional e informal, consubstanciando com outros centros de romaria um fenômeno importante para o turismo em Pernambuco.

Palavras-chave: redes geográficas; geografia cultural; turismo cultural; religiosidade; Santuário de São Severino.

ABSTRACT

This inquiry investigates the space pilgrimages with a maximum of 24 hours at most put into effect through short journeys to Saint Severino Sanctuary at the municipality of Paudalho, State of Pernambuco. This site is part of a sacred geographical network that interconnects several devotional centers occurring in this State. The leading stemmed from the fact that not infrequently these visitations belong to a schedule whose itinerary includes other devotional centers, like Mãe Rainha (Queen Mary) in Olinda, Frei Damião in Recife and Santo Cristo in Ipojuca. The statement of the problem is rooted in the assumption that all these sites add up to Saint Severino Sanctuary and still other routes to form a larger network of the State's cultural tourism. In this way, this approach is focused on the dimensional analysis of the geographical networks in accordance with the proposal of various scholars in the field of Cultural Geography. In particular, these networks are considered as a set of interconnected neighborhoods articulated by both material and cultural bands. The geographical networks are investigated by means of the spatial and time as well as organizational dimensions, together with the speed of the flows and the frequency with which the web is established the adapted methodology emphasized field work on the site, with the application of questionnaires with both the visitors and those responsible for the transportation to the Sanctuary on every first Sunday of January to April of 2007. The results yielded by this investigation shows that the Sanctuary of Saint Severino may be seen as a much more encompassing social and economic phenomenon, representing a nodal center of network with an interaction pattern of multiple circuits. From the point of view of the spatial dimension, this is a predominantly regional and informal network, compounding with other pilgrimages centers a important event for the tourism of the State of Pernambuco.

Keywords: geographical networks; cultural geography; cultural tourism; devotion piety; Saint Severino Sanctuary.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: localização do Santuário de São Severino	44
Figura 02: antiga estação ferroviária de São Severino, hoje demolida	49
Figura 03: vista aérea do Santuário e seu entorno	54
Figura 04: Capela de Nossa Senhora da Luz	57
Figura 05: nave e altar-mor da Capela de Nossa Senhora da Luz	58
Figura 06: imagem de Nossa Senhora da Luz pintada do teto	58
Figura 07: altar lateral à esquerda do altar-mor	59
Figura 08: altar lateral à direita do altar-mor, imagem de São Severino	59
Figura 09: acesso ao cemitério	60
Figura 10: ossuário central do cemitério	60
Figura 11: croqui do santuário e seu entorno	62
Figura 12: barraca fixa para venda de artigos religiosos	63
Figura 13: exemplo da mistura entre artigos religiosos e profanos	63
Figura 14: fila de acesso à loja de ex-votos e ao altar de São Severino	64
Figura 15: bar montado próximo ao estacionamento interno	64
Figura 16: dança nos bares	64
Figura 17: bares e restaurantes simples	64
Figura 18: emboladores	65
Figura 19: Batalhão de Bacamarteiros	65
Figura 20: Ônibus Show de bonecos articulados	65
Figura 21: Ônibus Show de bonecos articulados	65
Figura 22: bar às margens do rio Capibaribe	66
Figura 23: banho no rio Capibaribe	66
Figura 24: placa da Secretaria de Infra-Estrutura de Paudalho	71
Figura 25: Deputado José Chaves na festa de Domingo de Ramos	72
Figura 26: Faixa questionando a privatização do santuário	72
Figura 27: David Fulco	74
Figura 28: capa do CD de David Fulco	74
Figura 29: Imagem de São Severino Mártir do Engenho Ramos	77
Figura 30: San Severiano Martire ad Albano	84

Figura 31: Os quarenta santos mártires de Sebaste	84
Figura 32: São Severino de Nórica	84
Figura 33: San Severino de Viena, Austria y Baviera	84
Figura 34: San Severino de Noricum	84
Figura 35: São Severino Apóstolo da Áustria	84
Figura 36: San Severino Abade	84
Figura 37: San Severino Abade	84
Figura 38: San Severo di Rabean	85
Figura 39: San Severo de Ravena	85
Figura 40: San Severiano Bispo de Escitópolis	85
Figura 41: San Severo de Nápoles	85
Figura 42: San Severino di Settempeda	85
Figura 43: San Severiano de Sebaste, Mártir	85
Figura 44: San Severo di Treviri	85
Figura 45: San Severino, Obispo y Confesor	85
Figura 46: San Severo di Cagliari Vescovo e martire	86
Figura 47: San Severo di Barcellona	86
Figura 48: San Severo, Obispo y Martir	86
Figura 49: ex-voto – acervo do Museu do Homem do Nordeste	89
Figura 50: Acervo particular em exposição na Jaqueira	89
Figura 51: São Severino com a vestimenta atual avistada no Santuário	89
Figura 52: “Museu” dos Milagres	93
Figura 53: “Museu” dos Milagres	93
Figura 54: Romeiros na noite do sábado	100
Figura 55: Chegada dos romeiros na noite do sábado	100
Figura 56: Pernoite dos romeiros – bar após o cemitério da Igreja	101
Figura 57: Pernoite dos romeiros – lateral da Igreja	101
Figura 58: Missa do Domingo de Ramos – nave da Igreja	101
Figura 59: Missa do Domingo de Ramos – adro da Igreja	101
Figura 60: imagens veneradas acompanham os romeiros	102
Figura 61: imagens veneradas acompanham os romeiros	102
Figura 62: fila de acesso à loja de ex-votos e ao altar de São Severino	103
Figura 63: Loja de ex-votos	103
Figura 64: Romeiros diante do Altar	104

Figura 65: Romeiros diante do Altar	104
Figura 66: pagamento de promessa	104
Figura 67: benção da “água milagrosa”	104
Figura 68: Romeiros diante do Altar	105
Figura 69: Missa	105
Figura 70: Missa do Domingo de Ramos	106
Figura 71: Missa do Domingo de Ramos	106
Figura 72: local para acender velas	107
Figura 73: Queima de fogos	107
Figura 74: crianças chegando ao santuário em pau-de-arara	113
Figura 75: crianças em banho no rio Capibaribe	113
Figura 76: romaria ciclística	115
Figura 77: romaria eqüestre	115
Figura 78: comércio “sincrético”	117
Figura 79: romaria com cunho sincrético	118
Figura 80: benção com água benta para o carro novo	122
Figura 81: croqui do santuário e seu entorno	125
Figura 82: Romeiros no interior da Capela	127
Figura 83: Família “típica” composta por várias gerações	127
Figura 84: “museu dos milagres”	127
Figura 85: área para acender velas	127
Figura 86: gravuras em molduras	128
Figura 87: pôsteres	128
Figura 88: Casa Grande quando habitada	129
Figura 89: comércio em frente à Casa Grande	129
Figura 90: Romeiros no porta-malas do ônibus	129
Figura 91: Bar próximo ao estacionamento interno	129
Figura 92: ciclistas	130
Figura 93: barracas com comidas	130
Figura 94: dança em um dos restaurantes	130
Figura 95: oferta de bebidas em um dos restaurantes	130
Figura 96: área de comércio entre a linha férrea e o Rio Capibaribe	131
Figura 97: área de comércio entre a linha férrea e o Rio Capibaribe	131
Figura 98: antiga escola	131

Figura 99: comércio hoje, em frente à antiga escola	131
Figura 100: acesso à “água milagrosa”	132
Figura 101: barracas de comidas no caminho da “água milagrosa”	132
Figura 102: pomada de “banha de ema”	132
Figura 103: pomada de “banha de jacaré”	132
Figura 104: lajedos no rio Capibaribe	133
Figura 105: banhos no rio Capibaribe	133
Figura 106: margem do rio, estacionamento informal, área de piqueniques	133
Figura 107: trio de forró pé-de-serra	133
Figura 108: pagador de promessa	134
Figura 109: Romeiros em pau-de-arara	134
Figura 110: estacionamento externo	134
Figura 111: banhos com estacionamento externo ao longe	134
Figura 112: esquema de localização dos municípios	136
Figura 113: modelo preliminar da formação da rede do sagrado	136
Figura 114: santuário de Frei Damião	137
Figura 115 Santuário da Mãe Rainha	138
Figura 116: Santuário de Nossa Senhora da Conceição	141
Figura 117: Santuário de Santo Cristo de Ipojuca	142
Figura 118: Gruta de Nossa Senhora de Lourdes	142
Figura 119: Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres	143
Figura 120: Parque de Dois Irmãos	144
Figura 121: Tracunhaém	146
Figura 122: Pedra do Navio, Bom Jardim	147
Figura 123: esquema de localização dos municípios e dos atrativos	148
Figura 124: esquema da rede	148

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. ENTRE A GEOGRAFIA, O TURISMO E A RELIGIÃO	17
2. O SANTUÁRIO DE SÃO SEVERINO: O PASSADO NO PRESENTE	45
2.1 – OS EVENTOS	48
2.2 – A PAISAGEM CULTURAL	54
2.2.1 - A Capela	57
2.2.2 - O Comércio no entorno da Capela	63
2.3 – OS CAMPOS DA DISPUTA TERRITORIAL	71
3. O MITO SÃO SEVERINO E AS EXPRESSÕES DO SEU RITO	76
3.1 – SÃO SEVERINO	77
3.2 – AS EXPRESSÕES DO RITO	92
3.2.1 – O Museu dos Milagres	93
3.2.2 – Fotografias	95
3.2.3 – Os Livros de Visita	97
3.2.4 – Um Domingo de Ramos	101
4. PERFIL DOS VISITANTES, TERRITORIALIDADES E TESSITURAS	109
4.1 – OS PROTAGONISTAS ANÔNIMOS	111
4.2 – AS TERRITORIALIDADES	126
4.3 – A REDE E SUAS TESSITURAS	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
REFERÊNCIAS	153
APÊNDICES	
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Tomando por base de pesquisa o Santuário de São Severino Mártir do Engenho Ramos, localizado no município de Paudalho, este trabalho tem por foco investigar a existência de itinerários de deslocamentos sócio-espaciais, realizados por meio de excursões com duração máxima de até 24 horas, que possam ser configurados como uma espécie de rede geográfica do sagrado, interligando os centros de devoção situados no estado de Pernambuco, Brasil.

Nosso primeiro contato com o Santuário de São Severino se deu no ano de 2002, período em que cursávamos, na UFPE, a Especialização *Lato Sensu* em História de Pernambuco. Deu-se então início a uma investigação sistematizada que incluía registro fotográfico, levantamento bibliográfico, pesquisas de campo e entrevistas com vistas ao entendimento do sagrado e do profano na organização do lugar. Embora fugindo ao eixo central daquela investigação, foi identificado que, não raro, as visitas ao Santuário de São Severino faziam parte de um roteiro cujo itinerário incluía outros centros devocionais, tais como: Mãe Rainha (Olinda), Frei Damião (Recife) e Santo Cristo (Ipojuca).

O Santuário de São Severino tem sido contemplado por estudos acadêmicos provenientes de outras áreas de conhecimento, onde percebemos duas vertentes. A primeira, mais recorrente entre estudiosos da Comunicação Rural, desenvolve-se pelo viés da Folkcomunicação, teoria formulada por Luiz Beltrão, que abrange o processo de troca de informações e manifestações de opiniões, através de agentes

e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore.¹ A segunda, proveniente das mais diversas áreas de estudos, tem privilegiado o centro de romaria na perspectiva do fenômeno denominado *turismo religioso*, ou seja, todo o espaço em que está inserido o Santuário é visto como um conjunto de atividades com utilização parcial ou total de equipamentos e a realização de visitas que expressam sentimentos místicos ou suscitam a fé.² Essa produção, por investigar o santuário em sua contemporaneidade, fornece dados à nossa pesquisa.

A origem das romarias ao Santuário de São Severino perde-se na teia histórica e territorial do Engenho Ramos. Não se sabe a respeito da origem da imagem do santo milagroso, assim como é desconhecida a sua data de chegada ao Engenho Ramos.

A investigação tem por recorte temporal a organização espacial do lugar a partir do início do século XX, período em que a capela do engenho foi ampliada, quando São Severino passou a ter um altar próprio, acontecimento indicador de plena estabilização das romarias. Entende-se que este fato marca um rearranjo territorial de grande relevância.

Assim, o estudo se desenvolve em duas vertentes dialéticas. Uma primeira, que investiga no passado a origem das romarias em devoção a São Severino, vista como uma construção social inserida nas circunstâncias históricas e espaciais que propiciaram as condições para a sua gênese e consolidação. A segunda vertente, detendo o olhar no presente, está voltada à análise das práticas atuais com vistas à

¹ CARVALHO, Adriany. **O turismo religioso popular em São Severino dos Ramos**, 2001, p. 10

² ANDRADE, José. **Turismo fundamentos e dimensões**, 2000, p. 16

confirmação ou não da existência da rede. O trabalho está organizado da seguinte maneira:

O capítulo 1 – *Entre a Geografia, o Turismo e a Religião: Conceitos Envolvidos* – traça em resumo uma aproximação epistemológica entre os estudos da geografia, do turismo e da religião através da análise e da sistematização das questões conceituais envolvidas na religiosidade devocional e suas interfaces.

O capítulo 2 – *O Santuário de São Severino: o Passado no Presente* – investiga os eventos no Engenho Ramos e sua transformação em santuário; destaca elementos materiais da paisagem cultural atual e suas rugosidades; trata do comércio e do perfil dos comerciantes e levanta a questão dos interesses políticos e econômicos que cercam o centro de romarias.

O capítulo 3 – *O Mito São Severino e as Expressões do seu Rito* – introduz o mito São Severino Mártir do Engenho Ramos e investiga a sua identidade. Apresenta interpretações acerca do espaço humanizado em sua dimensão simbólica, descrevendo o ritual observado em um dia de festa e os elementos do sagrado através de três manifestações: ex-votos, fotografias e livros de visita.

O capítulo 4 – *Perfil dos visitantes, territorialidades e tessituras da rede* – observa, dá voz e analisa o perfil atual dos *protagonistas anônimos*³ entendidos como os freqüentadores, suas motivações, suas territorialidades e a configuração da rede geográfica tecida.

³ Expressão copiada de Ronaldo Vainfas, significando, neste, caso, todas as gentes que visitam o Santuário.

A metodologia aplicada fez uso de fontes primárias inéditas, revisão bibliográfica aliada a entrevistas com residentes do lugar, representantes da administração pública municipal, comerciantes e devotos mais idosos e assíduos. Entretanto privilegiou o trabalho de campo com a aplicação de questionários junto aos visitantes do Santuário de São Severino, apresentando o resultado do material coletado nos anos de 2006 e 2007. O detalhamento dos métodos utilizados encontra-se ao longo do texto.

Apesar de não existir dados estatísticos, o Santuário de São Severino Mártir do Engenho Ramos é, possivelmente, o de maior fluxo de visitantes dentre os localizados na zona interiorana de Pernambuco. O processo que possibilitou a gênese e a consolidação do fenômeno devocional se deu em características peculiares. O Santuário está em terras de propriedade privada, onde, por muitos anos, São Severino dividiu os seus domínios com o canavial do engenho. Este fato gerador de uma singularidade dinâmica de paisagem, bem como a sua escala de importância em relação aos demais centros de romarias no Estado e, principalmente, os indícios de integrar uma rede composta por outros centros de devoção, fez com que o elegêssemos para a nossa proposta de contribuição ao debate geográfico.

CAPÍTULO 1. ENTRE A GEOGRAFIA, O TURISMO E A RELIGIÃO: CONCEITOS ENVOLVIDOS.

O turismo tem se revelado um dos campos de estudo mais férteis para diversas áreas do saber. Tantas são as disciplinas que tratam da questão, que o turismo configura-se mais como um campo de investigação científica do que uma ciência independente e com dinâmica própria. Essa multi ou interdisciplinaridade, observada não apenas no Brasil, resulta em estudos sob a influência de diferentes paradigmas. Dencker observa que os trabalhos produzidos nas duas últimas décadas se apresentam fortemente vinculados a abordagens sistêmicas, próprias do campo da administração, portanto, voltados aos aspectos gerenciais e operacionais da atividade turística. A autora não pretende questionar a solidez dessa base teórica, mas afirma que essa produção “não permite avançar no entendimento do turismo como fenômeno social em toda a sua complexidade”,⁴ Com o que concordamos.

Destacados autores que não tiveram sua formação em cursos de graduação em turismo, contudo oriundos, mais notadamente, da administração, economia, arquitetura, biologia, direito, comunicação, filosofia, sociologia, geografia e antropologia, entre tantas outras, consciente ou mesmo inconscientemente, fazem uso dos paradigmas que orientam a sua formação, o que para Panosso Netto é um dos limitadores das abordagens do turismo. Ao partir dos pressupostos próprios a cada área, tendem a reduzir a explicação do turismo.⁵ Com efeito, freqüentemente os estudos acadêmicos que abordam o turismo se voltam para os impactos

⁴ DENCKER, Ada. **Pesquisa em turismo**, 1998, p. 35-36

⁵ PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do turismo**, 2005, p. 44

ocasionados no núcleo receptor. Nesse contexto, não raro, tecem duras críticas ao *trade*:

O chamado "trade turístico", o conjunto de empresas que comercializam o produto turístico, não apóia os estudos científicos do turismo provenientes da geografia e da antropologia dado que eles evidenciam a forma irresponsável como alguns empresários de turismo vêm tratando o meio ambiente natural e cultural.⁶

Por outro lado, pesquisadores também fazem uma autocrítica: "poucos trabalhos se destacam por buscar o conhecimento, situando-se, a maior parte, dentro das plataformas de advertência sobre os efeitos do turismo nas comunidades hospedeiras".⁷

É fato que a atividade turística quase sempre se apresenta como um potente agente modificador, por vezes até mesmo devastador, da paisagem natural e cultural; entretanto, não se pode refutar a crescente importância do turismo na sociedade contemporânea, tampouco atribuir ao turismo todos os impactos danosos ao meio ambiente. Menos ainda negar a importância da produção acadêmica das mais diversas áreas do conhecimento, porém, reconhecer a validade da afirmativa de Panosso Netto: "A produção acadêmica em turismo deveria construir uma teoria do turismo, mas as informações e pesquisas encontram-se desconectadas, impossibilitando o avanço significativo do debate".⁸

Detendo o olhar mais especificamente sobre a contribuição da geografia a este debate, percebe-se que os enfoques foram se ampliando com o passar do tempo. Pearce chega a identificar seis grandes áreas de interesse à geografia do turismo:

⁶ BANDUCCI, Álvaro e BARRETO, Margarita (orgs.). **Turismo e identidade local**, 2001, p. 10

⁷ Idem. p. 13

⁸ PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do turismo**, 2005, p. 32

os padrões de distribuição espacial da oferta; os padrões de distribuição espacial da demanda; a geografia dos centros de férias; os movimentos e fluxos turísticos; os modelos de desenvolvimento do espaço turístico; e o impacto do turismo.⁹

No caso da produção nacional recente, observa-se que cada vez menos está voltada apenas aos impactos, alargam-se as análises. Os geógrafos vêm investigando a expressão espacial do turismo como uma produção humana, investigando tanto o espaço de origem quanto o de destinação turística, e a relação entre ambos; o reflexo da atividade na paisagem sob o viés da urbanização, da cultura material e imaterial, e tantas outras abordagens que representam uma colaboração não só aos estudos como ao planejamento e gestão do espaço turístico.

Mas como contribuir efetivamente a um debate sobre um fenômeno tão complexo que envolve, além da paisagem natural e cultural, pessoas que ora são visitantes, ora visitados, por vezes são investidores com os mais diversificados interesses? Um caminho pode ser vislumbrado na perspectiva do filósofo e sociólogo Edgar Morin, para quem, na ótica da complexidade, o pensamento científico deixou de ser o domínio da certeza absoluta, mas constrói-se sobre múltiplas certezas vindas das mais diversas áreas de conhecimento. Nesse pensar, o sujeito é visto como produto e produtor do seu meio, pois meio e sujeito são organismos vivos e inseparáveis, e todo sistema vivo gera relações complementares, concorrentes e antagônicas.¹⁰ Na visão de Souza, apesar de ter como centros irradiadores a física e a biologia, cada vez mais o paradigma da complexidade passa a ser encarado como um aporte à

⁹ PEARCE, *apud* SCHÜLTER, Regina G. **Metodologia da pesquisa**, 2003, p. 45-46

¹⁰ MORIN, Edgar. **Complexidade e Transdisciplinaridade**, 1999

epistemologia da pesquisa social em geral, destacando que o estudo do desenvolvimento sócio-espacial é um desafio complexo por excelência.¹¹

Mais que formatar uma teoria, Morin propõe desafiar preceitos, valores e a ordem estabelecida. Enxergar a desordem deve ser um meio de aprendizagem, entender que a ordem e/ou a desordem é integrante do fenômeno social e carrega em si as possibilidades de evolução e mudanças. Assim, bem como todo o universo, o espaço turístico pode ser entendido como um entrelaçamento entre ordem e desordem. No domínio de uma pura ordem não haveria oportunidade para a inovação e a evolução. Já na desordem absoluta não existiria a estabilidade necessária à organização. Não existe uma fórmula de equilíbrio perfeito, mas sim uma busca constante por uma nova ordem, ainda que provisória.¹²

Este é o desafio proposto: trilhar os rastros do pensamento complexo, focalizando o olhar nas tensões, em busca de pistas para um adequado entendimento do turismo. Promover uma aproximação epistemológica entre os estudos da geografia, do turismo e da religião através da análise e da sistematização das questões conceituais envolvidas e suas interfaces, de forma a apresentar não apenas críticas, mas sim uma contribuição à discussão da prática do turismo sustentável. Este encadeamento teórico implica em uma revisão bibliográfica, ainda que concisa, adequada à fundamentação desta dissertação, e, quiçá, um aporte dos estudos geográficos para uma melhor compreensão do turismo.

¹¹ SOUZA, Marcelo. A expulsão do paraíso, In CASTRO, GOMES e CORRÊA (Orgs.). **Explorações geográficas**, 2006, p 43-47

¹² MORIN, Edgar. **Complexidade e Transdisciplinaridade**, 1999

Cabe esclarecer que apesar de suas interfaces com a geografia do turismo e geografia da religião, a presente abordagem se dá através da geografia cultural na ótica de Claval:

A geografia cultural está associada à experiência que os homens têm da terra, da natureza e do ambiente, estuda a maneira pela qual eles os modelam para responder às suas necessidades, seus gostos e suas aspirações e procura compreender a maneira como eles aprendem a se definir, a construir sua identidade e a se realizar.¹³

Ainda segundo Claval, após um período de certa perda de prestígio, a geografia cultural ressurgiu a partir de 1970 como um importante subcampo da geografia. Dentro de um contexto pós-positivista, afirma-se na conscientização de que a cultura tanto é reflexo quanto condicionante à diversidade e à dinâmica da organização espacial. É para essa diversidade resultante da ação humana sobre a superfície terrestre que se volta o interesse do geógrafo, através da investigação de elementos tais como instrumentos de trabalho, técnicas e gêneros de vida, em tempos que "os problemas culturais nunca ocuparam tanto espaço nas inquietações dos homens".¹⁴ Complementa Corrêa que nesse contexto emergiram ou foram retomadas "as temáticas da religião, da percepção ambiental, da identidade espacial e a interpretação de textos (literatura, música, pintura e cinema)" entre outras.¹⁵

Na abordagem geográfica o turismo - geralmente visto como um fenômeno incorporado a uma sociedade com sua nova ordem socioeconômica e seus novos paradigmas e valores - tende a ser caracterizado pelo viés das atividades de serviços, em suas múltiplas formas de atuação, e seus reflexos no meio ambiente.

¹³ CLAVAL, Paul. As abordagens da Geografia Cultural. In CASTRO, GOMES e CORRÊA (Orgs.). **Explorações geográficas**, 2006, p. 89

¹⁴ CLAVAL, Paul. **A geografia Cultural**, 2001, p. 55-59.

¹⁵ CORRÊA, Roberto Geografia Cultural. In ROSENDAHL e CORRÊA (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**, 1999p. 53

Neste cenário, “as pesquisas encontram-se direcionadas para a incorporação de novas linguagens aos processos de informação e para a procura de uma racionalidade e eficiência dos processos de gestão”,¹⁶ e maior entendimento das questões ambientais, urbanas e rurais.

Krippendorf é categórico ao tratar do turismo como mecanismo de evasão do cotidiano: “O ser humano não nasceu turista”, a necessidade de viajar é cria da sociedade e está profundamente marcada pelo cotidiano. Viaja-se, mesmo que temporariamente, para fugir às condições normais do dia-a-dia de trabalho, moradia e até do lazer. Para ele o turismo possibilita e alimenta diferentes formas de escapismos, escapismo que funciona como uma “máquina de restauração de forças” ou “terapia da sociedade”. O ser humano que consegue viajar, mudar de ambiente, se desligar das coisas do dia-a-dia e experimentar a fugacidade do turismo, desenvolve a necessidade de retorno à benéfica estabilidade do cotidiano. E esse efeito estabilizador positivo não apenas reflete sobre o indivíduo, mas sobre toda a sociedade e economia.¹⁷

Em estudos atuais e voltados à geografia do turismo, Pearce ratifica o pensamento de que “a interação entre origens e destinos, implícita em todo turismo, surge fundamentalmente da necessidade básica de deixar a origem”. A motivação principal para uma viagem turística é a fuga da rotina, o que para muitos apenas pode ser efetivamente conseguido por meio de uma mudança física de lugar. Em termos geográficos, nessa mudança física e temporal estaria a diferença fundamental entre turismo e lazer. O lazer é praticado em casa ou dentro de um determinado perímetro

¹⁶ XAVIER, Herbe. **A percepção geográfica do turismo**, 2007, p. 15

¹⁷ KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**, 1989, p. 16-19

urbano, já o turismo apresenta atributos como viagem e estada, originando diversas outras demandas de serviços, assim, o turismo também se diferencia na dimensão econômica e comercial das outras atividades de lazer.¹⁸

Dumazedier vê o lazer com três grandes funções: a do descanso, a do divertimento e recreação, e a do desenvolvimento. Esta terceira função é abordada no sentido do desenvolvimento pessoal que possibilita “uma participação social maior e mais livre, a prática de uma cultura desinteressada do corpo, sensibilidade e razão”.¹⁹ Neste aspecto pode incluir a motivação religiosa, o prazer em conhecer paisagens culturais diferentes, participar de eventos esportivos ou científicos, enfim, os mais variados interesses culturais.

O turismo, assim como outros fenômenos, também é analisado associado à industrialização e à produção em massa que, na contemporaneidade, passa por modificações como reflexo das mudanças no processo mais global, tais como as inovações tecnológicas, os problemas ambientais, o crescimento da pobreza e da violência, o terrorismo organizado, o receio de contrair doenças. Mudanças, estas, consideradas por parcela do meio acadêmico como tipicamente pós-modernas, quando levantam questões, estudam temas e comportamentos que, pela atualidade, merecem ser abordados com mais acuidade, posto que repercutem em todas as ciências sociais.

No âmbito da geografia, Edward Soja identifica que o aparecimento das primeiras vozes em defesa de uma geografia pós-moderna se deu no final da década de

¹⁸ PEARCE, Douglas. **Geografia do turismo**, 2003, p. 25-26 e 81

¹⁹ DUMAZEDIER, Jofre. **Lazer e cultura popular**, p. 32-34.

sessenta, porém “...mal se fizeram ouvir no alarido temporal vigente”. Soja enfatiza que a sua preocupação está mais focada para o pensamento social crítico e como este deve absorver a temática geográfica em seu conteúdo. Entende ainda não ser evidente a evolução de uma geografia pós-moderna como uma nova escola, prefere chamar a atenção para as transformações que o espaço, objeto da geografia, vem passando e reconhece a necessidade de recorrer aos mais diversos aportes teóricos, inclusive aqueles de não geógrafos.²⁰

Já nas questões das atividades turísticas, Molina propala o pós-turismo como uma ruptura com o turismo tradicional, opondo-se aos paradigmas fundamentais do turismo, por exemplo: desconsidera a necessidade de deslocamento a um lugar diferente daquele de residência habitual, não promove o contato com ambientes naturais ou com a cultura das comunidades locais. Entretanto, o autor reconhece que o pós-turismo representa apenas uma alternativa, não exclui as demais manifestações do turismo. Os produtos tipicamente voltados ao pós-turismo são altamente competitivos, a exemplo dos parques temáticos. Molina admite que o pós-turismo está profundamente relacionado aos países que se encontram em condições socioeconômicas mais vantajosas,²¹ ou seja, embora pertinente quanto a abordagem da discussão teórica atual, as colocações de Molina estão longe da realidade dos visitantes do Santuário de São Severino.

Bem mais aproximada à realidade do espaço em estudo, encontra-se Rosendahl quando diz que o fundamental à análise geográfica é o entendimento de que o espaço sagrado tem sua origem no imaginário religioso coletivo, e apresenta

²⁰ SOJA, Edward. **Geografias Pós-modernas**, 1993, p. 20-23.

²¹ MOLINA, Sérgio. **O pós-turismo**, 2003, p. 9-13

simbolismos que estão acima de qualquer concepção, seja ela tradicional ou pós-moderna.²² E a Castells, por sua vez, ao sustentar que nesse mundo globalizado e de mudanças drásticas, a busca da identidade é tão poderosa quanto as transformações tecnológicas e econômicas. Assim, as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais e nacionais.²³

Um bom exemplo da afirmativa de Castells pode ser encontrado na maior cidade metropolitana do Brasil, e uma das maiores desse mundo globalizado: o Santuário do Terço Bizantino, localizado em São Paulo, que tem como personalidade referencial o Padre Marcelo Rossi. Nascido em “torno de uma mística urbanizada, empresarial e moderna. Instalou-se no galpão de uma casa de shows populares, conhecido como Gonzagão, para reunir até 20 mil fiéis”. Em 1998 transferiu-se para as instalações de uma antiga fábrica. O santuário recebe até 120 mil pessoas em cinco missas semanais. Os estacionamentos ficam lotados por transportes que trazem os milhares de freqüentadores vindos em caravanas de diferentes bairros, cidades e estados.²⁴

Em menor dimensão quanto ao número de freqüentadores, mas um destacado referencial do fenômeno religioso no estado de Pernambuco, espaço geográfico deste estudo, o Santuário de São Severino tem sido contemplado por produções acadêmicas provenientes de várias áreas de conhecimento, onde se percebe duas vertentes. A primeira, mais recorrente entre estudiosos da Comunicação Rural, desenvolve-se pelo viés da Folkcomunicação, teoria formulada por Luiz Beltrão, que

²² ROSENDAHL, Zeny. Percepção, vivência e simbolismos do sagrado no espaço, in LIMA, Luiz (Org.), **Da cidade ao campo**, 1998, p. 141.

²³ CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**, 1999, p. 67-120.

²⁴ OLIVEIRA, Christian. **Basílica de Aparecida**, 2001, p. 157-158.

“abrange o processo de troca de informações e manifestações de opiniões, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore”.²⁵. A segunda, proveniente das mais diversas áreas de estudos, tem privilegiado o centro de romaria na perspectiva do fenômeno denominado *turismo religioso*.

Nos trabalhos que tratam o turismo religioso no Brasil o conceito mais comumente citado, principalmente por não turismólogos, vem de Andrade que analisa o fenômeno como um “conjunto de atividades com utilização parcial ou total de equipamentos e a realização de visitas a receptivos que expressam sentimentos místicos ou suscitam a fé, a esperança e a caridade”.²⁶ Considerando os elementos geralmente contidos nas definições sobre o turismo religioso, Dias vai dar maior destaque à caracterização do evento, e concluir que

O turismo religioso é aquele empreendido por pessoas que se deslocam por motivações religiosas e/ou para participação em eventos de caráter religioso. Compreende romarias, peregrinações e visitações a espaços, festas, espetáculos e atividades religiosas.²⁷

O conceito de Andrade é também adotado em série voltada ao desenvolvimento do turismo publicada pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE, que complementa: “o turismo religioso não é propriamente uma excursão nem um passeio, mas uma viagem inspirada pela fé”, e acrescenta a informação de que entre as religiões que favorecem a atividade estão: o budismo, o hinduísmo, o espiritismo, o islamismo, o cristianismo, o judaísmo, o xamanismo, e as religiões afro-brasileiras.²⁸

²⁵ CARVALHO, Adriany. **O turismo religioso popular em São Severino dos Ramos**, 2001, p. 10

²⁶ ANDRADE, José. **Turismo: fundamentos e dimensões**, 1991, p.77.

²⁷ DIAS, Reinaldo. O Turismo Religioso, *In*: DIAS, Reinaldo, SILVEIRA, Emerson J. S. (orgs.), **Turismo religioso**, 2003, p.17

²⁸ MOLETTA, Vania. **Turismo Religioso**, 2003, p. 9-16.

Em resposta ao senso de que a peregrinação pode ser reconhecida em diversas religiões, Oliveira salienta que através do exercício da pesquisa acadêmica sobre a religiosidade no Brasil, apenas conseguimos identificar a transformação da peregrinação em turismo sob determinados limites, qual seja, da cultura religiosa cristã. Portanto, “incapaz de ser cientificamente generalizado para todo e qualquer contexto religioso”. E ratifica produzir uma referência conceitual válida para “a cultura ocidental (greco-latina), marcada pelo sistema ético cristão e pelas diversas influências de etnias subalternas (ameríndios e africanos). Chega assim a uma definição mais aperfeiçoada no dizer do autor, visão que é adotada neste estudo: o turismo religioso “é uma peregrinação contemporânea motivada por celebrações relacionadas direta ou indiretamente com a cultura cristã”.²⁹

Quanto ao conceito adotado para turismo será o mesmo oficialmente aceito pelo Brasil, estabelecido pela Organização Mundial de Turismo-OMT, que diz o turismo compreender “as atividades que as pessoas realizam durante viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras”.³⁰ Essa definição mais abrangente, mostra-se adequada por permitir incluir visitantes que pernoitam e os visitantes de um dia, ou seja, os excursionistas que praticamente representam a totalidade daqueles que visitam o santuário de São Severino.

No turismo, a segmentação é entendida como uma forma de organizar para fins de planejamento, gestão e mercado. Os segmentos turísticos tanto podem ser

²⁹ OLIVEIRA, C. **Turismo religioso**, 2004, p. 17-18

³⁰ MINISTÉRIO DO TURISMO. **Cartilha de Segmentação do Turismo**, 2006, p. 4.

estabelecidos a partir dos elementos de identidade da oferta quanto pelas características e variáveis da demanda, assim chega-se às segmentações como turismo social, ecoturismo, turismo cultural, turismo de estudos e intercâmbio, turismo de esportes, turismo de pesca, turismo náutico, turismo de aventura, turismo de sol e praia, turismo de negócios e eventos, turismo rural, turismo de saúde e tantas outras. O Ministério do Turismo-Mtur esclarece que ao adotar a segmentação como estratégia, procurou organizar, primeiramente, os segmentos da oferta, sabendo não abarcar o universo de que se constitui o turismo. Até mesmo porque “novas denominações surgem a cada tempo, em decorrência da incessante e dinâmica busca de novas experiências, aliada às inovações tecnológicas e à criatividade dos operadores de mercado”.³¹

Nas publicações do Mtur o turismo religioso é apresentado como um sub-segmento do turismo cultural:

Turismo Cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura.

Assim, compartilhando interesses sagrados e/ou profanos dos turistas, caracterizam-se pelo deslocamento a espaços e eventos para fins de realização de peregrinações e romarias, participação em retiros espirituais, participação em festas e comemorações religiosas, contemplação de apresentações artísticas de caráter religioso, participação em eventos e celebrações relacionados à evangelização de fiéis, visita a espaços e edificações religiosas (igrejas, templos, santuários, terreiros), realização de itinerários e percursos de cunho religioso e outros.³²

³¹ MINISTÉRIO DO TURISMO. **Cartilha de Segmentação do Turismo**, 2006, p.3.

³² MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo Cultural**, 2006, p. 10-12.

Embora incluída no contexto mais amplo da cultura, a religião é de grande relevância nos estudos geográficos, visto que toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo, e a religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento. Dentre outros estudiosos, esta é uma afirmativa de Berger:

A religião desempenhou uma parte estratégica no empreendimento humano da construção do mundo. A religião representa o ponto máximo da auto-exteriorização do homem pela infusão dos seus sentidos sobre a realidade. A religião supõe que a ordem sagrada seja projetada pela totalidade do ser. Ou, por outra, a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo.³³

O homem modifica o seu ambiente físico e verga a natureza à sua vontade, produz também a linguagem e, sobre esse fundamento e por meio dele, um imponente edifício de símbolos que permeiam todos os aspectos da sua vida. A religião legitima o instituído, “infundindo-lhes um *status* ontológico de validade suprema”. E a manutenção dessa realidade subjetiva do mundo está entre as mais imperativas estratégias para a sustentação da ordem social.³⁴ Dentre outros fatores destacados, na visão de Berger, a religião tem a serventia de ordenar o caos.

Serventia que por si só justifica a ampliação dos estudos acerca das religiosidades, destacamente nos dias atuais, entendidos como de pós-modernidade, quando se vive uma mais ampla possibilidade de mudanças como parte de um deslocamento de estruturas, abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem mais estável no mundo social.³⁵

³³ BERGER, Peter. **O dossel sagrado**, 1985 p. 41.

³⁴ *Idem*, p. 46-49

³⁵ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**.2002, p. 7

No pensar durkheimiano a noção do religioso está longe de coincidir com a do extraordinário e do imprevisto, pois as concepções religiosas têm por objeto, acima de tudo, exprimir e explicar, não o que há de excepcional e anormal nas coisas, mas, ao contrário, o que elas têm de constante e regular. Simples ou complexas, as crenças religiosas apresentam uma especificidade comum ao supor uma dicotomia das coisas, reais ou ideais, concebidas pelos homens em duas classes ou gêneros, geralmente designados por dois termos opostos: profano e sagrado. Este é o traço distintivo do pensamento religioso. Entretanto, alerta que o sagrado não está apenas no que chamamos de deuses ou espíritos, os sistemas de representações que exprimem a natureza das coisas sagradas incluem elementos espaciais tais como um rochedo, uma árvore, uma casa, ou seja, qualquer coisa pode ser sacralizada e objeto de adoração.³⁶

Os homens foram obrigados a criar para si uma noção do que é religião bem antes que a ciência das religiões pudesse instituir suas comparações metódicas. Após muitas reflexões, Durkheim chega a seguinte definição: “uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem”. Afirma ainda que muitas vezes as crenças religiosas podem surpreender pelo seu simplismo, e responsabiliza a ciência por ensinar aos homens que as coisas são complexas e de difícil compreensão.³⁷

³⁶ DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosas**, 1996, p. 19-20

³⁷ *Idem* p. 4-9

Complexa e de difícil compreensão é, certamente, uma expressão adequada ao estudo das religiosidades³⁸ no território brasileiro. E não é de se estranhar, pois sobre o catolicismo popular português no século XV, já dizia Freyre:

Nem era entre eles a religião o mesmo duro e rígido sistema que entre os povos do Norte reformado e da própria Castela dramaticamente Católica, mas uma liturgia antes social que religiosa, um doce cristianismo lírico, com muitas reminiscências fálicas e animistas das religiões pagãs: os santos e os anjos só faltando tornar-se carne e descer dos altares nos dias de festa para se divertirem com o povo; os bois entrando pelas igrejas para ser benzidos pelos padres; as mães ninando os filhinhos com as mesmas cantigas de louvar o Menino Deus; as mulheres estéreis indo esfregar-se, de saia levantada, nas pernas de São Gonçalo do Amarante.³⁹

A despeito de a produção freyriana servir de referência, o presente estudo faz par com Bosi quando vê na obra de Freyre uma sublimação do senhor-de-engenho, e questiona até que ponto foi essa docilidade e o lirismo desse cristianismo. E prossegue com Bosi no contexto da transposição do catolicismo nos princípios da colonização brasileira. Diz ele que os catequistas foram obrigados a efetuar adaptações nas práticas religiosas católicas. O jesuíta Anchieta “aprende o tupi e faz cantar e rezar nessa língua os anjos e os santos do catolicismo medieval nos autos que encena com os curumins”. E mais, Anchieta inventa um estranho imaginário sincrético, nem só católico, nem puramente tupi-guarani, forjando figuras míticas, assim cria Tupansy, mãe de Tupã, para destacar um atributo de Nossa Senhora. Dessa forma os indígenas assimilavam uma religiosidade já sincretizada.⁴⁰

Tudo isso fez com que, apesar da formação brasileira estar atrelada a determinantes econômicos, políticos e culturais comuns a tantos outros povos e nações, a

³⁸ A religiosidade é a prática religiosa, não pressupõe como essencial algum tipo de vínculo com uma religião instituída.

³⁹ FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**, 2001, p. 95.

⁴⁰ BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**, 1992, p. 31.

religiosidade da maioria dos brasileiros seja singular e original. A esse substrato Bittencourt Filho denomina de *Matriz Religiosa Brasileira*. Expressão que busca traduzir uma complexa interação de idéias e símbolos religiosos que se amalgamaram num decurso multissecular. Não se trata de uma categoria de definição, mas de um objeto de estudo, essência possibilitadora para que em meio a um mundo globalizado, a situação religiosa brasileira seja exemplar:

temos o “mago” [o escritor Paulo Coelho] mais lido do planeta; exportamos a Assembléia de Deus para Moscou, a Igreja Universal do Reino de Deus para Paris, e a Umbanda para o Cone Sul. Tudo isso sem contar o mosaico religioso altamente complexo, constituído pelas propostas e pelas sínteses religiosas mais inusitadas...⁴¹

Na visão teológica de Boff, o cristianismo, da mesma forma que toda religião, conserva e enriquece sua universalidade, na medida em que é capaz de falar todas as línguas e de encarnar-se, refundindo-se em todas as culturas humanas. É esse sincretismo que postula como válido, embora possa manifestar patologias. E ainda,

A Igreja em sua estrutura apresenta-se tão sincrética como qualquer outra expressão religiosa [...] o cristianismo puro não existe, nunca existiu nem pode existir [...] O sincretismo, portanto não constitui um mal necessário nem representa uma patologia da religião pura. É sua normalidade.⁴²

Ao criar pontes entre o catolicismo e a cultura, Steil destaca o papel importante que os santuários tiveram no processo cultural do Brasil, por serem depositários de mitos e lendas reveladoras das grandes questões existenciais para a população iletrada, e julga que a visita “repetida a esses lugares tem um sentido educativo e pedagógico fundamental”, pois, mais que a um espaço físico e simbólico, “adentrava-se também numa comunidade lingüística que partilhava de significados e

⁴¹ BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira**, 2003, p. 31-41.

⁴² BOFF, Leonardo. **Igreja, carisma e poder**, 1982, p. 150-151.

valores comuns”.⁴³ fato que o autor entende se manter, pois vê as peregrinações atuais como “um importante instrumento para que pessoas e grupos geograficamente dispersos estabeleçam entre si laços identitários que transcendem as questões e preocupações locais.”⁴⁴

Cabe aqui dar relevo à afirmativa de Still, visto a reflexão geográfica ter o *lugar* como um dos seus conceitos-chave, e esta análise investiga não apenas um lugar, mas uma rede que interliga diversos lugares. Rede que se forma por deslocamentos em excursões e carrega em si diversas pessoas e grupos, prioritariamente motivados pela visita a um santuário, cada qual com seu lugar de origem e seu lugar de destino que se completam e se explicam mutuamente.

Numa visão geral, pode-se dizer que o turismo religioso é a peregrinação que se adequou à evolução da sociedade, e que hoje a diferenciação entre peregrinação e turismo é mais didática do que estratégica.⁴⁵ Por isso, em função da didática, apresenta-se algumas tipologias tanto para os viajantes, quanto para as motivações dos seus deslocamentos. Andrade assim define as principais categorias de viagem por motivos religiosos: *Romaria* - visitas sem pretensões evidentes; *Peregrinação* - visitas para o cumprimento de promessas; e *Penitência* - visita com propósitos de expiação dos pecados cometidos.⁴⁶ Já Azzi divisa pretensões evidentes na *Romaria*: é a visita que o povo faz ao santuário ou centro de devoção, seja como expressão de veneração ao santo, seja como cumprimento de promessas pelas

⁴³ STEIL, Carlos. Catolicismo e cultura, in VALLA, Victort (org), **Religião e cultura popular**, p. 29.

⁴⁴ STEIL, Carlos. Peregrinação, romaria e turismo religioso, *In*: ABUMANSSUR, Edin (Org.) **Turismo religioso**, 2003, p. 49

⁴⁵ OLIVEIRA, C. **Turismo religioso**, p.26.

⁴⁶ ANDRADE, José. **Turismo: fundamentos e dimensões**, 1991, p. 77

graças já recebidas. Para Azzi a *Peregrinação* é semelhante à romaria, diferencia-se por incluir um sacrifício físico.⁴⁷

Este estudo se alia a Steil por entender que o ponto fundamental a diferenciar o turismo da peregrinação ou da romaria, encontra-se no grau de imersão e de externalidade proporcionada por cada uma dessas experiências. “Enquanto as peregrinações e as romarias tendem a ser vivenciadas como um ato religioso de imersão no sagrado, o turismo, mesmo quando adjetivado como religioso, caracteriza-se por uma externalidade do olhar”⁴⁸ Ou seja, se a experiência da peregrinação e romaria está centrada na participação, no compromisso religioso, a prática do turismo religioso está mais associada à contemplação.

O “turismo religioso”, como discurso tende a desconsiderar as motivações religiosas para a viagem e se concentrar no fenômeno do deslocamento e, mais especificamente, na necessidade que esse deslocamento traz em termos de estrutura de transporte, hospedagem e alimentação.⁴⁹

Relacionando a religiosidade popular ao turismo, Roberto Benjamin diz que ao turismo se tornar uma atividade econômica relevante no mundo capitalista, “as peregrinações foram incorporadas, criando-se a categoria turismo religioso, em relação aos centros de visitação capazes de atrair pessoas das classes média e alta”. Quanto aos deslocamentos daqueles de menor poder econômico entende o autor que a gente do povo realiza as suas peregrinações com sua “própria estrutura organizacional, mantendo traços culturais que remontam a velha tradição das peregrinação penitencial e incorporando, dentro de sua possibilidades, aspectos

⁴⁷ AZZI, Riolando, **Catolicismo popular e autoridade eclesiástica**, 1977, p 130-131

⁴⁸ STEIL, C. Peregrinação, romaria e turismo religioso *In*: ABUMANSSUR, E. (Org.). **Turismo religioso**, 2003. p. 35

⁴⁹ ABUMANSSUR, Edin Religião e Turismo, *in*: ABUMANSSUR, E. S. (Org.). **Turismo religioso**, Campinas, SP: Papirus, 2003. p. 54.

típicos do turismo da modernidade”.⁵⁰ Este é o caso do nosso ponto nodal, o Santuário de São Severino, onde o povo é o mentor e promove os passeios com ou sem a parceria de igrejas ou prefeituras, e fora do mercado formal dos agentes de turismo.

Efetivamente o ato de viajar não é mais privilégio ou condição exclusiva da população de alta renda, mas algo que se popularizou através do turismo de massa, como diz Abumanssur:

O turismo de massa, como fenômeno social, é coisa típica do século XX. A democratização das viagens implicou a oferta de produtos turísticos administráveis para grandes contingentes populacionais. Os pacotes turísticos baratearam os custos de uma viagem e a tornaram acessível a uma boa parcela da população. Mas o turismo de massa não significa apenas a quantidade de gente envolvida em viagens. O volume de pessoas em trânsito impõe aos agentes turísticos a necessidade de que seja dado a esse contingente, um tratamento padrão, nivelado, homogeneizado e indiferenciado.⁵¹

Nesse contexto, Abumanssur afirma que “o “turismo religioso” e o turismo de massa são crias siamesas de um mesmo processo histórico (...) Fenômeno da modernidade”. Observa também que no Brasil, o “turismo religioso” que se destina aos santuários nacionais é considerado turismo de pobre. Relegadas pelo trade turístico, as romarias são organizadas de forma espontânea pelas pessoas interessadas.⁵²

É sabido que no Brasil as romarias são geralmente organizadas de forma espontânea através do fretamento de ônibus, sem a intermediação de agências de viagens, mas, não podemos generalizar que esse tipo de viagem é realizada

⁵⁰ BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação no contexto da massa**, 2000, pp. 23-24

⁵¹ ABUMANSSUR, Edin Sued. Religião e turismo, *In*: ABUMANSSUR, Edin (Org.) **Turismo religioso**, 2003, p. 56

⁵² Ibidem

somente por “pobres”. Nesse ponto, tomamos por referência os mecanismos da circularidade cultural teorizada por Mikhail Bakhtin⁵³ e aprofundada por Carlo Ginzburg que afirma existir, “por um lado, dicotomia cultural, mas, por outro, circularidade, influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica”.⁵⁴. Apesar da teoria ter sido formulada no contexto da Idade Média para explicar as relações entre cultura popular e cultura das elites na Europa do século XVI, entende-se que os mecanismos propostos persistem, ainda mais acelerados. Chartier, em estudos mais recentes, não vê a religião popular tão radicalmente diferente da religião da elite ou do clero. Apesar destes procurarem impor seus repertórios e modelos, ela é “compartilhada por meios sociais diferentes, e não apenas pelos meios populares. Elas são, ao mesmo tempo, aculturadas e aculturantes”⁵⁵.

Apesar da visitação a santuários locais nem sempre ser bem vista pelo *trade* turístico, é relevante destacar que a atividade está inserida dentro de um sistema muito mais amplo. Durkheim como já mencionado, postulava que a religião estaria além da idéia de deuses ou de espíritos, é antes um sistema de crenças e práticas que unem em uma mesma comunidade moral todos os que a ela aderem. E só pode haver moral se a sociedade possuir um valor superior a de seus membros, é, portanto, um sistema que tem a função de agregar os indivíduos à sociedade, instrumento de controle social e de manutenção da ordem.⁵⁶

Ao analisar o turismo como mecanismo de evasão do cotidiano Krippendorf identifica o sistema organizado numa espécie de alternância, para proporcionar o que chama

⁵³ BAKHTIN, Mikhail. **Cultura popular na Idade Média**, 1987.

⁵⁴ GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**, 1987, p. 20

⁵⁵ CHARTIER, Roger. **Cultura Popular**, 1995, p. 6

⁵⁶ DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosas**, 1996, p. 21

de “ciclo de reconstituição do ser humano na sociedade industrial”, por meio de quatro campos de forças, ou subsistemas: Subsistema sócio-cultural - a sociedade e seus valores; Subsistema ecológico - o ambiente e seus recursos; Subsistema econômico - a economia e as relações comerciais e produtivas; Subsistema político - o Estado, sua organização administrativa e suas políticas públicas. Destaque-se que com o livro *Sociologia do Turismo* lançado em Zurique no ano de 1984, Krippendorf levantou questões ainda atuais, tais como qual a adequação necessária para que essa rede proporcione um turismo mais responsável, integrado e capaz de proporcionar experiências únicas aos povos tanto de regiões emissoras quanto receptoras.⁵⁷

Mais especificamente voltado ao sistema de turismo-SISTUR, Beni o identifica como uma rede aberta que realiza trocas e, por isso mesmo, é interdependente:

... um conjunto de partes que interagem de modo a atingir um determinado fim, de acordo com um plano ou princípio; ou conjuntos de procedimentos, doutrinas, idéias ou princípios, logicamente ordenados e coesos com intenção de descrever, explicar ou dirigir o funcionamento de um todo.⁵⁸

Referência nos estudos sobre redes, diz Castells que elas formam um conjunto de nós interconectados e, como estruturas abertas, tendem a se expandir, gerando novos nós, constituindo a morfologia social de nossas sociedades. Ele reconhece que isso não é novo, a novidade está na existência de uma base material para a sua expansão, possibilitando a criação de uma nova economia informacional, global e em rede.⁵⁹

⁵⁷ KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**, 1989, p. 24-29

⁵⁸ BENI, Mário. **Análise estrutural do turismo**, 2006, p. 23 e 53

⁵⁹ CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**, 1999, p. 67-120.

Nessa perspectiva as identidades primárias religiosas, produto de inúmeras relações entre as pessoas, instituições e processos de formações, também poderia ser identificada uma teia de ações e fluxos estruturados em redes. Portanto esta abordagem se volta às dimensões de análise das redes geográficas de acordo com as propostas de estudiosos da geografia cultural. Estudando mais especificamente a geografia da religião, Zeny Rosendahl entende que o conceito de rede aplica-se à rede simbólica, qualificado-a como formal ou informal, hierárquica ou não, periódica ou permanente, planejada ou espontânea, dendrítica ou complexa. E quanto à escala espacial, se ela é de âmbito local, regional ou nacional.⁶⁰

Porém, neste item, nosso principal referencial recai sobre Roberto Lobato Corrêa, para quem um conjunto de localizações geográficas interconectadas pode ser constituído tanto por ligações materiais quanto imateriais. O autor propõe as dimensões organizacional, temporal e espacial como forma de identificar a configuração interna da rede, sua duração, a velocidade dos fluxos e a frequência como a rede se estabelece.⁶¹

A partir dessa base de entendimento, torna-se possível estabelecer alguns parâmetros referenciais e metodológicos. Todo estudo geográfico sobre o turismo no meio religioso se depara com o problema da terminologia utilizada. Este estudo faz opção pela adoção da expressão “turismo cultural” dentro da “geografia cultural” por considerá-la mais abrangente, envolvendo todas as atividades nos espaços, seja ele sacralizado ou não.

⁶⁰ ROSENDAHL, Zeny. Espaço, Cultura e Religião, *In* CORRÊA e ROSENDAHL, (orgs), **Introdução à Geografia Cultural**, 2003, p.

⁶¹ CORRÊA, Roberto. **Trajetórias geográficas**, 2001 p. 106-110

Refletindo acerca das peregrinações religiosas como eventos turísticos Abumanssur levanta a seguinte questão: “a peregrinação pode ser vista tanto como um fenômeno religioso quanto como um fenômeno turístico”.⁶² Estudiosos como Mircea Eliade, embora exercitando o sagrado como dialeticamente oposto ao profano, chegaram a reconhecer a inexistência de “fenômenos religiosos ‘puros’, assim como não há fenômeno única e exclusivamente religioso. Sendo a religião uma coisa humana, é também, de fato uma coisa social, lingüística e econômica”⁶³.

Assim, é admissível partir da suposição de que a maioria dos conceitos aparentemente dicotômicos tais como: religião popular e religião oficial, profano e religioso, romeiro e turista religioso, podem ser entendidos apenas como pontos extremos de uma linha entrelaçada. É para isso que é feito o uso dos conceitos, para um melhor entendimento das extremidades. Entendimento sustentado em Cosgrove: “Os rótulos têm valor, não porque confinam ou delimitam a atividade, mas porque estimulam a imaginação erudita em direções distintivas em vez de distintas”.⁶⁴

O termo “santuário” é adotado pela pesquisa no seu sentido mais tradicional e objetivo: local de culto que o povo transformou num particular centro de devoção. Já a “romaria” é entendida como a visita que o povo faz ao centro de devoção, seja como expressão de veneração ao santo, seja como cumprimento de promessas

⁶² ABUMANSUR, Edin Sued. Religião e turismo, *In*: ABUMANSUR, Edin (Org.) **Turismo religioso**, 2003, p. 54-55.

⁶³ ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**, p. 19

⁶⁴ COSGROVE, Denis. Geografia cultural do milênio, *in* ROSENDAHL e CORRÊA (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**, 1999, p. 46.

pelas graças já recebidas.⁶⁵ Concordando com Dias quando lembra que “no Brasil, o termo romaria está mais relacionado ao caráter coletivo da viagem, sendo o romeiro o membro da comunidade que faz a jornada religiosa”.⁶⁶ Ao veio deste aporte, somamos o pensamento de Rosendahl, mais especificamente voltado a geografia da religião como uma proposição temática, que diz: “A perspectiva que interessa aos geógrafos está na análise da experiência da fé no tempo e no espaço em que ela ocorre”.⁶⁷

O processo de análise da sacralização do lugar foi sistematizado a partir da revisão bibliográfica, utilizando, ainda, técnicas para a coleta de dados, tais como a realização de entrevistas com os dirigentes dos santuários, moradores locais, representantes da administração pública municipal, comerciantes e devotos mais idosos e assíduos.

No que diz respeito à elaboração do perfil geográfico-cultural dos visitantes, procedemos análises qualitativas e quantitativas. Através da pesquisa quantitativa coletou-se os dados mensuráveis pela estatística: origem, idade, sexo, frequência de viagens ao santuário e motivação. Com enfoque ainda centralizado no indivíduo, a pesquisa qualitativa recorreu ao imaginário, à circulação e à apropriação das idéias que mantêm e realimentam as romarias aos santuários e os prováveis deslocamentos em rede.

⁶⁵ AZZI, Riolando, **Catolicismo popular**, 1977, p. 130-131.

⁶⁶ DIAS, Reinaldo. O Turismo Religioso, *In* DIAS e SILVEIRA (orgs.), **Turismo religioso**, 2003, p.22.

⁶⁷ ROSENDAHL, Zeny. **Geografia da Religião**, 2002, p. 9.

Quanto aos conceitos acerca de religiosidade e devoção as reflexões teóricas aproximam-se do ponto de vista do “relativismo cultural”, pólo oposto ao etnocentrismo, que “contém um aspecto altamente positivo quando trata de medir com um mesmo parâmetro todas as formas de vida e quando afirma que todo costume é válido em seu próprio contexto cultural”.⁶⁸

No entendimento de Bittencourt Filho, o pluralismo religioso brasileiro está a exigir um esforço concentrado para ser compreendido, entretanto, considera que são diversas as dificuldades metodológicas, isso porque:

em si o religioso não é uma realidade empírica, observável. Apreendemos apenas as suas expressões e os seus portadores: gesto, palavra, objeto, texto, edifício, cerimônia, lugar, tempo, pessoa, grupo, e até... atitude ou temperamento... sem que no entanto se possa fixá-lo ou retê-lo... renunciemos à idéia de um fenômeno estático e isolável.⁶⁹

A caracterização do comportamento e do sistema de representações do universo investigado só pode ser feita de uma maneira mais conseqüente à medida que seja evidenciado o fato de se inserir em uma sociedade complexa, fazendo parte e relacionando-se com outros grupos e setores da sociedade. Pois é impossível analisar a cultura por si mesma, já que ela é parte de uma série de relações onde os “múltiplos planos de processos sociais e culturais se entrecruzam, compondo uma intrincada rede de relações”.⁷⁰

A fim de fundamentar a proposta desta análise que ocorre no contexto das redes geográficas, tomou-se por padrões de interação os modelos propostos por Corrêa:⁷¹

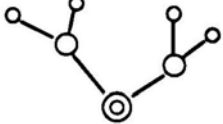
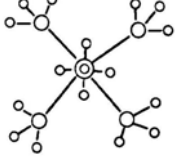
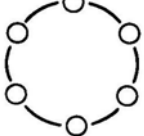
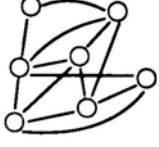
⁶⁸ BARRIO, Angel-B. **Manual de Antropologia Cultural**, 2005, p. 40.

⁶⁹ BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira**, 2003, p. 38-39.

⁷⁰ DAVID, Solange. **Cultura e religião**, 2001, p. 233.

⁷¹ CORRÊA, Roberto. Interações espaciais, *In* CASTRO, GOMES e CORRÊA (Orgs.). **Explorações geográficas**, 2006, p. 306-313.

Demais aportes metodológicos e métodos adotados estão distribuídos ao longo da análise.

Padrões de Interações Espaciais em Rede	
 Rede Solar	 Rede Dendrítica
 Rede Christalleriana	 Rede Axial
 Rede Circular	 Rede de Múltiplos Circuitos
Legenda:  Interações espaciais  Hierarquia dos Centros	
Fonte: CORRÊA, Roberto. Interações espaciais, <i>In</i> CASTRO, GOMES e CORRÊA (Orgs.). Explorações geográficas, 2006,p. 308	

A Rede Solar tem por principal característica um nó central, relativamente mais forte, como ponto convergente de vias e fluxos interligados a nós menores, não relacionados entre si. Já a Rede Dendrítica caracteriza-se por ter seu centro nodal vias e fluxos distribuídos segundo um padrão comparável a uma rede fluvial. Tem hierarquias mais desenvolvidas entre os centros, percebendo-se que, quanto mais

distantes forem os centros periféricos do centro nodal, menor seu nível hierárquico. Assim como a Rede Solar, seus centros não mantêm ligações laterais.

A Christalleriana é uma rede em que o centro nodal, de maior hierarquia, se localiza no centro da rede, tendo, em seu entorno centros de menores níveis hierárquicos, sistematicamente dispostos. Tais centros controlam, cada um, centros de hierarquia ainda menor, que mantêm muito pouca ou nenhuma relação entre si. A Rede Christalleriana é a junção das redes Solares e Dendrítica, porém com maior complexidade.

A Rede Axial tem por característica a forma linear onde, normalmente, tem seus nós interligados por uma única via de tráfego. Pode-se observar que os centros nodais apresentam hierarquias diferenciadas a partir da relação de interações efetivadas em duas direções. Nesta rede, as interações perpendiculares, mesmo existentes, são insignificantes, porém também se observa que determinados fluxos ultrapassam centros menores, interligando centros hierarquicamente superiores. A Rede Axial tende a apresentar um maior número de centros que a outras redes.

A Rede Circular é caracterizada por um único circuito a interligar os nós. Nela não se observa grande diferença hierárquica entre os centros nodais que a compõem. Os fluxos se observam nos dois sentidos. Mais intrincada a Rede de Múltiplos Circuitos difere-se das demais redes por oferecer várias ligações entre um mesmo par de nós. É uma rede mais complexa onde as ligações podem apresentar cruzamentos sem a intermediação de um nó. Nela os centros tanto podem apresentar complementaridade como diferentes graus de hierarquias entre si.

Por fim, lembrar que a investigação ocorre em tempos em que o paradigma do *pensamento complexo*, coloca a abertura às indeterminações, “às mudanças, à diversidade, à possibilidade de construir e reconstruir em um processo contínuo de novas leituras e interpretações”.

O paradigma da complexidade, coloca o desafio do diálogo entre certeza e incerteza, propiciando que os indivíduos vivenciem uma realidade marcada pela indeterminação, a interdependência e a causalidade entre os diferentes processos. Entretanto, isso não deve se transformar numa camisa de força conceitual e metodológica, mas numa articulação entre os processos subjetivos e objetivos que estão presentes na produção de conhecimento e de sentidos.⁷²

Quando visto como adjetivo, *complexo* também se aplica ao ponto nodal deste estudo. Um lugar complexo por seu processo de construção, por sua dimensão cultural, por sua intrincada rede de territorialidades e pelas relações de poder em disputa pela posse do espaço sacralizado. Mas vamos a ele, conhecer aspectos do processo geográfico e histórico envolvidos na construção do espaço denominado Santuário de São Severino, a paisagem cultural atual, o perfil dos seus visitantes e, sobretudo, a tessitura da rede na qual está envolvido.

⁷² JACOBI, Pedro, prefaciando LOUREIRO, LAYRARGUES e CASTRO (orgs.). **Pensamento complexo**, 2006, p. 9-10

CAPÍTULO 2. SANTUÁRIO DE SÃO SEVERINO: O PASSADO NO PRESENTE

O Santuário de São Severino está localizado em terras do antigo Engenho Ramos em Paudalho, município da zona da mata norte, situado a 44 quilômetros de distância da cidade do Recife, capital do estado de Pernambuco. O Santuário permanece em terras de propriedade privada, onde, por muitos anos, São Severino dividiu os seus domínios com o canalial do Engenho Ramos, hoje se inclui entre os maiores centros de devoção espalhados pelo Nordeste brasileiro.

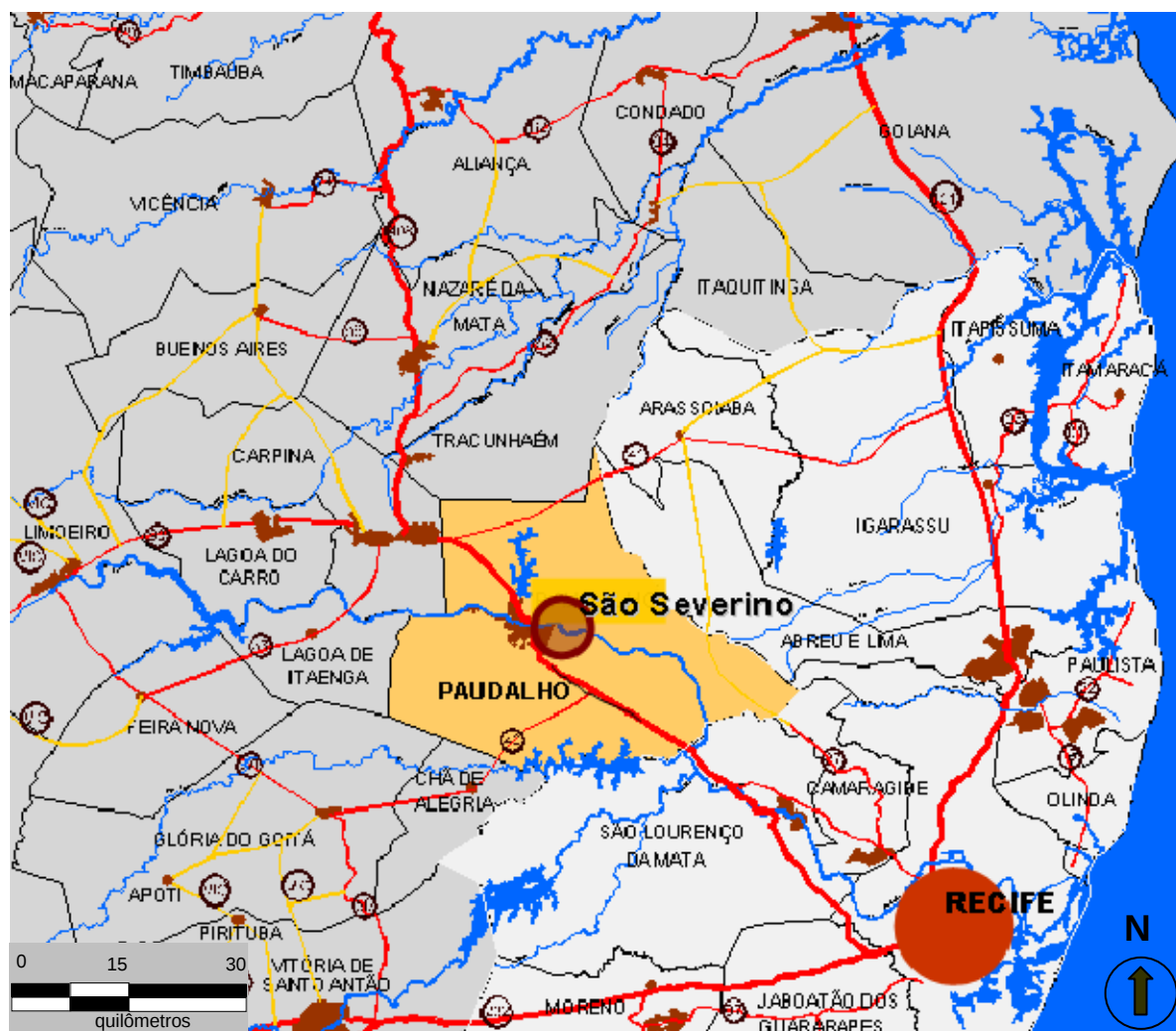


Figura 01: localização do Santuário de São Severino Mártir do Engenho Ramos (fonte: Plano Diretor de Paudalho, FIDEM/PMP, 2002)

Mantendo o foco no marco teórico, este capítulo investiga a construção histórica do espaço do Santuário com vistas à compreensão do que deu ensejo as interações espaciais atualmente existentes, visto que são construções sociais conforme diz Corrêa:

As redes geográficas são historicamente contextualizadas, constituindo-se em parte integrante do longo e cada vez mais complexo processo de organização espacial socialmente engendrado. Pois as localizações, vias e fluxos são elementos essenciais e insubstituíveis da própria existência e reprodução social.⁷³

Para melhor compreensão da realidade do Santuário de São Severino, entendido como *locus* das práticas sociais histórica e geograficamente construídas, a análise parte inicialmente de duas noções: eventos e rugosidades. Conforme Milton Santos,⁷⁴ os *eventos* tanto podem ser fenômenos naturais quanto sociais ou históricos. Estes últimos supõem a ação humana, porém, os eventos não são apenas fatos, também se inserem no campo das idéias. Já a *rugosidade* é o que fica dos eventos passados no presente, registros visíveis de tempos anteriores, restos dos processos de supressão, acumulação, superposição de técnicas e produções sociais.

Os eventos não se dão isoladamente, mas sim em conjuntos sistêmicos. Assim, a dinâmica espacial se dá por meio da interação. Por um lado, as ações são condicionadas pelos sistemas de objetos, por outro, o sistema de ações tanto pode levar à criação de objetos novos quanto se realizar sobre objetos já existentes. Este

⁷³ CORRÊA, Roberto. Interações espaciais, In CASTRO, GOMES e CORRÊA (Orgs.). **Explorações geográficas**, 2006, p. 306.

⁷⁴ SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. 1996, p. 114-117.

é o caso do Santuário de São Severino que tem a sua origem ligada à teia do Engenho Ramos, mais precisamente à chegada da imagem tida por milagrosa e sua exposição na nave da capelinha do engenho.

O evento gerador dessa superposição vem bem ao encontro da afirmativa de Santos que diz: “Não há evento sem ator. Não há evento sem sujeito”. Todo evento social pressupõe a ação de um sujeito, mas a sua identificação pode resvalar ao campo do imaginário. Este é o campo predominante no Santuário. Nada de conclusivo se sabe a respeito da origem da imagem do santo milagroso, é desconhecida a sua data de chegada ao Engenho Ramos, assim como é indefinida a própria identidade do Santo.

No encalço dessa e de outras pistas, este capítulo tem um olhar no presente, investigando o passado e a organização espacial do lugar a partir do início do século XX, período em que a capela do engenho foi ampliada, quando São Severino passou a ter um altar próprio, acontecimento indicador de plena estabilização das romarias. Entendemos que este fato marca um rearranjo territorial de grande relevância e que, a partir de então, acelerou-se o processo de superposição de atividades resultando naquilo que Milton Santos denomina por *cristalizações do passado no presente*, ou seja, rugosidades.

No veio deste aporte, o que se verá neste capítulo é resultado de intensa investigação bibliográfica e documental em registros primários. A pesquisa revelou ser ele o engenho da meninice de Gilberto Freyre. Freyre que é considerado “responsável por uma guinada nas interpretações do caráter da religiosidade

colonial”⁷⁵, por conferir à religiosidade brasileira um aspecto afetivo e de maior intimidade com a simbologia católica, através do clássico livro *Casa Grande e Senzala*. Partindo dessa informação, foram realizadas várias incursões ao setor de genealogia do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano, e entrevistas com descendentes.

2.1. Os eventos

Na verdade, pouco se sabe da história do Engenho Ramos. Em 1761 o encontramos com a denominação de *Engenho do Ramos*, na povoação da Ribeira de Pau d’Alho, então freguesia de São Lourenço da Mata, tendo como proprietário o Capitam Alexandre Correa.⁷⁶ A povoação foi elevada à vila por alvará de 1811 e provisão de 1812, acrescentando ao seu território terras de São Lourenço da Mata. De vila, ligada à comarca de Olinda desde 1815, passou ao predicamento de cidade em 1879, desmembrada de Olinda e Igarassu. Paudalho constitui-se em município autônomo em 1893.⁷⁷

Assim, como tantos outros, o engenho ficou *de fogo-morto*⁷⁸ em 1924.⁷⁹ Mas nessa época suas terras já vinham se transformando, talvez há mais de um século, em um grande centro de romaria. A primeira notícia que encontramos de um milagre

⁷⁵ HERMANN, Jacqueline. História das Religiões e das Religiosidades, *In Domínios da História*, p. 348

⁷⁶ Primeira Relação procedida pela Companhia Pernambuco Paraíba, 1761, trata do número de engenhos moentes e de fogo morto.

⁷⁷ MELO, Mário. *Pau d’Alho – geographia physica e política*, 1918, p.42.

⁷⁸ *De fogo-morto* é uma expressão utilizada para engenhos que, por qualquer motivo, deixou de fabricar açúcar.

⁷⁹ O ano em que o engenho deixou de moer é uma informação oral, obtida através da Sra. Flávia Mousinho, uma das herdeiras do engenho.

atribuído a São Severino em terras pernambucanas vem do ano de 1854. Possivelmente não foi o primeiro e, certamente, a chegada da imagem do Santo antecede esta data. A Capela do Engenho Ramos, onde se encontra a imagem devocional, foi ampliada entre os anos de 1906 e 1918, quando São Severino passou a ter um altar próprio, fato indicador de plena estabilização das romarias.

Nada indica que o Ramos teve algum destaque como unidade produtiva, mas sabe-se que, de forma geral, a segunda metade do século XIX foi um período em que o número de engenhos foi ampliado, e que foram implantadas as modificações tecnológicas. Mas a partir dos anos 1890 até a primeira década do século XX, houve um decréscimo do número de engenhos e da produção. Antes, quando a proliferação dos engenhos centrais provocou um “boom” na produção açucareira, tornou-se necessário um transporte mais eficaz e mais rápido para a entrada do açúcar na praça do Recife.⁸⁰

As ferrovias reduziam os custos do transporte. Em 1875 a *Great Western Railway of Brazil Company*, empresa de origem britânica, conseguiu a concessão para construir em Pernambuco uma ferrovia ligando o Recife a Limoeiro, passando por Caxangá, São Lourenço da Mata, Pau d’Alho e Tracunhaém, com ramais para Nazaré da Mata e Vitória de Santo Antão. O primeiro trecho Recife-Pau d’Alho só ficou pronto em 1881,⁸¹ e uma estação de parada ficava no Engenho Ramos, bem ao lado da sua capela. É possível que a difusão da devoção tenha uma estreita ligação com a construção da linha férrea, o que justificaria a necessidade da ampliação da capela alguns anos depois, em 1906.

⁸⁰ PERRUCCI, Gadiel. **A República das Usinas**, 1978, p. 121



Figura 02: antiga estação ferroviária de São Severino, hoje demolida.
(foto: acervo Flávia Mousinho, s.d.)

Foi nesse período que o Ramos passou a ser o engenho da meninice de Gilberto Freyre. Fato praticamente ignorado pela sociedade, mas que se tornou valiosa fonte de investigação, uma vez que o eminente sociólogo é intensamente detalhista em seus relatos. Assim, apesar de representar a voz da elite, através de algumas referências pontuais em sua extensa obra foi possível identificar elementos da construção material e imaterial do lugar.

Freyre seguiu para o Ramos em 1909, logo após a morte da avó materna, permanecendo durante uma *longa temporada*.

... foi aquele engenho do Norte o primeiro que conhecemos, eu e meus irmãos. Seguimos para S. Severino, perto de Pau-d' Alho, depois da morte da nossa avó materna. E foi para todos nós uma aventura quase de meninos de romance de Robert Louis Stevenson, embora o preto de luto fechado nos assemelhasse mais a órfãos desconsolados de Charles Dickens.⁸²

⁸¹ PARAÍSO, Rostand. **Esses Ingleses...**, 1997, p. 74

⁸² FREYRE, Gilberto. **Pessoas, Coisas & Animais**, 1981, p. 17-18

Além de introduzir o *Mestre de Apipucos* no universo da sociedade canavieira, engenho e santuário foram fonte de inspiração para seus primos, também destacados intelectuais pernambucanos. Mauro Mota fez da sua história um poema: “O Engenho nasceu no vale, / nasceu no Engenho a Capela. / São Severino do Ramo / (pelos infelizes vela) / do pátio, esta noite, indaga: / - Que romaria é aquela?”⁸³ Severino, como tantos *que é santo de romaria*, é nome de personagem na mais conhecida obra de João Cabral de Melo Neto⁸⁴.

Mas são as narrativas de Freyre que, mesmo subliminarmente, mais apontam para aspectos econômicos, sociais e paisagísticos do Engenho Ramos e seus arredores, do Santuário de São Severino e do imaginário corrente à época. Já no prefácio à primeira edição do livro *Casa-grande & Senzala* encontramos: [...] “Engenho de São Severino dos Ramos, em Pau-d'Alho - o primeiro engenho que conheci e que sempre hei de rever com emoção particular”.⁸⁵ “pertencente aos meus parentes Souza Mello. Descendentes de senhores de engenho arruinados do Sul de Pernambuco - que é a zona dos engenhos mais característicos e tradicionais da velha província - mas nascidos já no Recife”⁸⁶

Na casa-grande vivem as duas Souza Mello, senhoras do Ramos, suas primas Calu e Marocas. “Calu sempre magra; Marocas sempre gorda. Já não me lembro é do nome da parenta velha que fazia alfinim”.⁸⁷ Todavia, o nome de Dona Rosalina de Mello foi lembrado no Manifesto Regionalista de 1926, por fazer “ela própria os

⁸³ MOTA, Mauro. Romaria na Capela de São Severino (trecho), em **Canto ao Meio**, 1964, p. 14

⁸⁴ MELO NETO, João Cabral de. Morte e vida severina, em **Obra completa**, 1994 p.171

⁸⁵ FREYRE, Gilberto. Casa-grande & Senzala, 2001, p. 63

⁸⁶ FREYRE, Gilberto. **Pessoas, Coisas & Animais**, 1981, p 17

alfenins de que não se esquecem nunca os meninos que já passaram algum fim de ano no Engenho de São Severino dos Ramos”.⁸⁸

Em sua memória os homens da família surgiam “quase todos de dólmãs brancos sempre muito engomados, todos bigodudos como uns ciganos, tabicas na mão”. Um deles, Pedro Velho, era o senhor da casa-grande vizinha que era um chalé, “mas com um terraço tão alto que nos impressionou. Diferente de todos os chalés nossos conhecidos: da Madalena, de Caxangá, de Dois Irmãos, dos Aflitos, da Capunga”.⁸⁹

No Ramos, Freyre se familiarizou com a vida de um engenho. Lá viu ser produzido o mel e o açúcar, tudo explicado pelos *primos velhos*. Bebia garapa, tomava banhos de rio que, aliás, lhe pareciam melhores que os de Caxangá. E diria mais: “Não faltavam a S. Severino nem rio, nem mata, nem cavalos, nem negros velhos dos quais fomos logo aprendendo toada”. E apresenta como exemplo, uma que começa assim: “Há quatro coisa no mundo que faz admiração”... Uma dessas coisas era “quilograma dar aviso, antes do vapô chegá”. E diz ele que demorou muito a se habituar à denominação de “vapor” dada a “trem”.⁹⁰

Mas a “grande aventura” eram os passeios a cavalo. Os passeios curtos eram feitos em cavalos dóceis e bem pequenos, quase do tamanho de carneiros e, ainda assim, ladeado por um ou dois moleques. Já os passeios longos eram feitos à garupa dos adultos. Um destes passeios, na garupa de um cavalo chamado Bandinha, “devido

⁸⁷ FREYRE, Gilberto. **Pessoas, Coisas & Animais**, 1981, p 18

⁸⁸ FREYRE, Gilberto. **Manifesto Regionalista de 1926**.

⁸⁹ FREYRE, Gilberto. **Pessoas, Coisas & Animais**, 1981, p 18

⁹⁰ *Idem*, p 18

ao seu jeito caviloso de só andar de lado”, transformou-se numa experiência em tudo sinistra.

Noite escura, voltava de Paudalho acompanhado de um tio. “Chuva grossa. Trovão. O rio já roncando de cheio. O vento gemendo nos pés de cana: gemidos de almas penadas. (...) Cada pé de cana era um pé de gente”. Canaviais de Paudalho, terras em que fora enforcado o bandido Cabeleira⁹¹, um dos pavores da infância de Freyre, “um monstro horrivelmente cabeludo, unhas enormes e amarelo que nem lobisomem”. E aquela cantiga que doía nos ouvidos a cada estrondo de um trovão:

Fecha porta, Rosa,
Cabeleira eh - vem
Pegando mulheres
Meninos também

Exposto “nos próprios canaviais do monstro”, sem portas ou janelas de casa que o protegessem, o menino rezava baixinho a Nossa Senhora e ao bom Deus. Talvez como exemplo de que santo de casa não faz milagre, em nenhum momento pensou em se entregar à proteção de São Severino. Já em casa, rezou mais uma vez a Nossa Senhora e pediu a benção a “Papai do Céu”. E o dia seguinte nasceu claro e de céu azul, “com os passarinhos cantando nas árvores e as lagartixas tomando sol no terraço da casa-grande”.⁹²

Conforme se vê não se pode inferir às narrativas de Freyre alguma forma de estímulo à devoção, antes pelo contrário, para ele o Ramos era o domínio da diversão, dos passeios a cavalo, dos banhos de rio, da entrega à gula, aos alfenins.

⁹¹ O Cabeleira chama-se José Gomes, célebre na história de Pernambuco pela carreira de crimes. A sua saga é contada por Franklin Távora no livro *O Cabeleira*.

⁹² FREYRE, Gilberto. **Pessoas, Coisas & Animais**, 1981, pp 19-22

Todavia, uma leitura mais acurada pode identificar elementos que aliados a diversos outros eventos e objetos amalgamados remetem, mais uma vez, a Milton Santos quando diz que o lugar é o depositário final, obrigatório, do evento. E que os eventos mudam as coisas, transformam os objetos, dando-lhes ali mesmo onde estão, novas características.⁹³

O passar do tempo histórico nas terras do antigo engenho consolidou o Santuário, e a ascensão do sagrado repercutiu na transformação espacial do lugar. Nos dias de hoje, o patrimônio remanescente da agroindústria açucareira tornou-se uma espécie de rugosidade “invisível”. À exceção da capela, as antigas edificações cristalizadas no presente são encobertas, seja pelo comércio ambulante dos finais de semana, seja pelo véu do imaginário.

2.2. A paisagem cultural

Resultante desse processo de supressão, acumulação e superposição, a paisagem é formada pelos fatos do passado e do presente.⁹⁴ Tratando da paisagem cultural, diz Corrêa ser ela um conjunto de formas materiais dispostas e articuladas entre si no espaço, possibilitando ao geógrafo exercitar a investigação híbrida entre o saber sobre a natureza e o saber sobre o homem.⁹⁵ Concorde com Claval quanto à paisagem ser, por um lado, o resultado de uma dada cultura que a modelou e, por outro, constitui-se ela própria em uma matriz cultural.

⁹³ SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. 1996, p. 115-116

⁹⁴ SANTOS, Milton. **Espaço e método**, 1985, p. 50

Socialmente construída, a paisagem é “marcada pelas técnicas materiais que a sociedade domina, e moldada para responder às convicções religiosas, às paixões ideológicas ou aos gostos estéticos dos grupos”. É, nesse sentido, documento-chave para a compreensão das culturas, mas é também transmissora de conhecimentos, atitudes e valores simbólicos, portanto, matriz.⁹⁶



Figura 03: vista aérea do Santuário e seu entorno

1 – Capela de Nossa Senhora da Luz, mais conhecida como “Igreja de São Severino”; 2 – Casa Grande; 3 – rio Capibaribe; 4 – linha férrea; 5 – nascente conhecida como “água milagrosa”. (Foto: acervo Flávia Mousinho, 200?)

A primeira vista, a paisagem hoje estruturada não difere muito daquela dos tempos da meninice de Freyre. O acervo arquitetônico remanescente do engenho: capela e casa grande é mais um representante das antigas unidades produtivas açucareiras que desde os primórdios da colonização foram dominando a zona da mata

⁹⁵ CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**, 2001, p. 289

⁹⁶ CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**, 2001, p. 14-15.

pernambucana. Da fábrica nada mais resta, assim como as reservas de mata atlântica sofreram drástica redução.

Lá está o rio Capibaribe. Embora bastante poluído, o rio ainda é utilizado para banhos e suas margens como local de piquenique. O entorno do Engenho é bastante arborizado, com palmeiras imperiais e outras árvores de grande porte. As áreas não arborizadas funcionam como estacionamento de veículos. Principalmente aos domingos, todo o espaço é tomado pelo comércio ambulante.

O terreno levemente ondulado é cortado pela linha férrea. Ao longo desta, no sentido oposto à igreja, existe um arruado no qual, entre pequenas moradias e casas comerciais, avista-se edificações de maior porte: ruínas do que foi a hospedaria, prédio da antiga escola, e um chalé de maiores proporções que tem na fachada principal a data de 1911, e que aparenta ter sido a casa grande anterior àquela existente próxima à capela. Ao norte, à margem direita da linha, brota uma água tida por milagrosa.

Da antiga linha férrea, permanece apenas o trilho que é apenas para passagem de trem de carga. A pequena estação foi demolida no finais dos anos oitenta do século XX. Os mais antigos lembram da chegada do trem, quando a hospedaria ficava superlotada. Funcionava em quatro chalés que ofereciam quartos privados ou coletivos. Tudo muito simples, os privados não chegavam a oferecer banheiro, mas estava garantido um urinol sob a cama. Nos demais, armadores de rede, espaço para estender esteiras. A ocupação da hospedaria era determinada pelo horário dos trens.

Sem mais o movimento de trens de passageiros e prevista a construção da estrada para o transporte rodoviário, o então proprietário, Augusto Pinheiro Toscano de Mello, antecipou-se e providenciou a demolição dos chalés que estariam no caminho da via planejada. Hoje apenas um deles resta e mesmo assim arruinado; dos demais sobrou apenas a fachada principal. Precipitação, a estrada só veio a ser construída muitos anos depois, em 2002, e teve o seu traçado alterado. Em meio ao conjunto, o templo religioso chama a atenção por sua grande dimensão para uma capela de propriedade privada.

2.2.1. A Capela

Apesar de ser popularmente conhecida como Igreja de São Severino, a capela foi erigida no século XVIII sob a invocação de Nossa Senhora da Luz. Ampliada em 1906 e melhorada em 1918⁹⁷, para melhor acomodar o grande número de pessoas que chegavam para visitar o “Rei dos Santos do Brasil” no dizer de Gilberto Freyre que, entretanto, acrescenta a ressalva: Bahia acima, é claro, e respeitados os direitos de N. Sr. do Bonfim.⁹⁸

O próprio Freyre confundia a devoção da capela e o nome do engenho “conheci a igreja de S. Severino do Ramo [...] durante a longa temporada que passei no

⁹⁷ MELO, Mário. *Pau d'Alho – geographia physica e política*, 1918, p. 42. O autor não especifica o ano da construção, apenas cita o século XVIII.

⁹⁸ FREYRE, Gilberto. Santos e quase santos S. SEVERINO DO RAMO* (Reproduzido de Autores & Livros (suplemento literário de A Manhã, Rio de Janeiro) v. III, no. 10, p. 156.

engenho do mesmo nome”.⁹⁹ Aliás, a confusão é de certa forma estimulada até os dias de hoje, tanto que na celebração do dia 13 de abril de 2003, o impresso distribuído entre os fiéis, que continha os cantos da missa festiva, estava assim identificado: “Cantos Igreja São Severino”. No verso do mesmo impresso, observa-se que entre os cantos reservados para o final está um intitulado: A Benção São Severino. (Anexo A)



Figura 04: Capela de Nossa Senhora da Luz.
(Foto: Alba Marinho, 2006)

A Capela de Nossa Senhora da Luz tem a sua fachada principal ladeada por duas torres, possui cinco portas frontais, sendo que aquelas localizadas nas extremidades se encontram na base das torres e dão acesso aos corredores laterais do templo. Todo o frontispício é adornado por colunas e cercaduras em massa, destacando-se quatro imagens sacras, danificadas e não identificadas, aparentemente em cerâmica, mas também poderia ser em gesso com pintura em tons de marrom. O

⁹⁹ Idem, p. 17.

frontão possui um adorno central em massa onde está escrito: “ANNO DE 1900”. A data de 1900 se repete na base da cruz que encima a extremidade do frontão.



Figura 05: nave e altar-mor da Capela de Nossa Senhora da Luz (foto: Alba Marinho, 2006)



Figura 06: imagem de Nossa Senhora da Luz pintada no lambri do teto da capela-mor (foto: Alba Marinho)

Internamente, o corpo da igreja liga-se aos corredores laterais por meio de grandes aberturas em forma de arco. Aberturas que se repetem no andar superior, na altura do coro. No altar-mor está entronizada a imagem da padroeira, abaixo dela, dois nichos menores. Em um avista-se a imagem de São Francisco Xavier, ladeado por uma pequena imagem de Nossa Senhora Aparecida. No outro, destaca-se um Santo Antonio, acompanhado de outras imagens em menores dimensões: São Sebastião, São Benedito e Santa Terezinha. A área do altar possui o teto em lambri com pintura em policromia de Nossa Senhora da Luz.



Figura 07: altar lateral à esquerda do altar-mor (foto: Alba Marinho, 2006)



Figura 08: altar lateral à direita do altar-mor, imagem de São Severino (foto: Alba Marinho, 2006)

No altar lateral situado à esquerda do altar principal existem três nichos, o central exhibe a Sagrada Família e o Espírito Santo. Nos nichos laterais, Santana e São Joaquim. No entanto, todas as atenções se voltam para o altar lateral localizado à direita, pois é nele que se encontra a imagem de São Severino, a quem são atribuídos milagres de toda a natureza. Neste altar, existe a seguinte inscrição:

projeto de construção
de J^e Anastácio
E- Filho – LVC^o
- 1917

Na entrada principal da capela, ao lado direito e rente ao chão, avista-se uma placa de um aparente enterramento, cujas inscrições desapareceram pelo uso do piso ao longo dos tempos. Segundo Sr Amaro, que por muitos anos trabalhou no local, seria este o nome que se lia: Maria de Souza Carneiro de Melo. Mas este uso provavelmente seria um tanto raro, pois a propriedade tem o seu próprio campo-santo. Aos fundos, e anexo ao templo, está o cemitério das famílias Souza Melo e Toscano de Melo, proprietárias das terras.



Figura 09: acesso ao cemitério
(foto: Gil Marinho, 2005)



Figura 10: ossuário central do cemitério
(foto: Gil Marinho, 2005)

Diz Freyre que esta prática dos cemitérios privados, próximos da casa e da capela, quase uma “puxada” é muito característico ao espírito patriarcal. “Santos e mortos eram afinal parte da família. Abaixo dos santos e acima dos vivos ficavam, na hierarquia patriarcal, os mortos, governando e vigiando o mais possível a vida dos filhos, netos, bisnetos”.¹⁰⁰

O cemitério tem planta baixa quadrangular, murado, com dois portões de acesso. Dois blocos de túmulos estão localizados rente aos fundos da capela, na extremidade oposta, rente ao muro, avista-se um outro bloco. Ao centro, em meio ao verde da vegetação, destaca-se o ossuário. Uma planta esquemática desde cemitério, constando todos os enterramentos e detalhes com suas placas e dizeres, pode ser encontrada no Apêndice A.

Conforme seria esperado, todos os restos mortais que lá se encontram são de integrantes das famílias que detiveram a propriedade ao longo dos anos. Porém, três deles fogem a este padrão. O primeiro deles, possivelmente é de uma inglesa:

Aqui jaz os restos mortais de
Belkiss Patsy Mocock
Nascida 13-4-1830 falecida 31-8-1930

O segundo caso explica-se por si mesmo:

Pedro Pereira da Silva
* 29-6-1897 + 29-2-1964
Saudade de sua família
Homenagem da Capela de N.S. da Luz ao seu
zeloso servidor

¹⁰⁰ FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**, 2001, pp. 51-52

Já em relação ao terceiro, conta-se que os pais desesperados com a morte do jovem filho, sem qualquer combinação prévia, chegaram ao local trazendo o corpo do garoto e só sossegaram quando foi permitido que o funeral se desse ali, sob a proteção de São Severino. Aliás o nome do jovem já era uma homenagem ao santo:

Aqui descansa eternamente o menino Severino
Ramos A. de Andrade
* 19.12.1950 + 23.1.1964
Lembrança de seus pais

Mas a atividade da romaria não se esgota na área da capela ou no seu entorno mais próximo. Visita-se o museu de ex-votos onde estão alguns testemunhos dos milagres atribuídos ao santo, caminha-se por cerca de 500 metros até chegar a fonte de onde brota uma água dita milagrosa. Ao lado de pedidos de graças, agradecimentos, orações, espocares de fogos e cantorias em louvor a São Severino, cresceu um variado comércio.

2.2.2. O Comércio no entorno da Capela



Figura 11: croqui do santuário e seu entorno (fonte: croquis sobre Carta SUDENE 1:25.000, folha Paudalho, 1972)

O desenvolvimento do comércio no local pode ser mais bem entendido, tomando-se como marco a morte de um dos proprietários das terras, Cláudio Pinheiro Toscano de Melo, em 1985, quando os filhos liberaram a área interna para os comerciantes. Até então, o comércio interno era controlado, havia um reduzido número de barracas fixas dos moradores. O grosso do comércio, principalmente aquele mais voltado ao lado 'profano', estava situado fora da porteira do engenho, isto é, após a ponte que cruza o rio Capibaribe e dá acesso ao Santuário. Este comércio externo era então conhecido como Feira da Cachorra.¹⁰¹

¹⁰¹ Depoimento de Damiana Bernardina dos Santos, antiga moradora, em 05.04.2003

Hoje, a movimentação garante trabalho informal para muita gente. Estima-se que nos dias de maior movimento o número de barraqueiros chegue a uma média de quinhentos.¹⁰² Em termos de infraestrutura, o espaço não oferece muito. O comércio é desordenado e vende-se de tudo: artigos religiosos, imagens, terços, quadros, pequenos objetos de decoração ou utilitários, roupas, artesanatos, bijuterias, lanches, bebidas, enfim, oferta-se os mais diversos tipos de mercadoria. Aos domingos, o clima de festa pode ser fomentado por emboladores, som eletrônico ou shows com música ao vivo em bares e restaurantes.



Figura 12: barraca fixa para venda de artigos religiosos (foto: Gil Marinho, 2005)



Figura 13: exemplo da mistura entre artigos religiosos e profanos (foto: Gil Marinho, 2006)

Entre os objetos religiosos, a oferta multiplica-se freneticamente, pôster do Coração de Jesus pode ser visto ombreado ao da Feiticeira, popular ícone sexual da televisão brasileira.

¹⁰² BARONI, Irani e LOPES, Désirée. **Projeto de planejamento da feira livre em São Severino do Ramos**, 2000, p.11.



Figura 14: fila de acesso à loja de ex-votos e ao altar de São Severino
(foto: Alba Marinho, 2006)



Figura 15: bar montado próximo ao estacionamento interno
(foto: Gil Marinho, 2006)

Não apenas à igreja se restringem os visitantes. O protagonismo laico entende que tudo pode ser aninhado no sagrado. Enquanto uns fazem fila para pagar suas promessas e depositar seus ex-votos, outros lotam os bares e os restaurantes.



Figura 16: dança nos bares
(foto Gil Marinho, 2006)



Figura 17: bares e restaurantes simples
(foto: Alba marinho, 2006)

Apesar da grande oferta de bares, restaurantes e lanchonetes não se pode dizer que o local seja adequado ao cometimento do pecado da gula, a comida ofertada não vai além do trivial simples, e as condições de higiene também são pouco atrativas. O que se observa é muita animação, algumas vezes apenas a roupa dos garçons é capaz de lembrar que estamos na área de um santuário, pois a música e a dança incorporam plenamente os “hits” dos ritmos profanos mais ao gosto popular.



Figura 18: emboladores
(foto: Alba Marinho, 2006)



Figura 19: Batalhão de Bacamarteiros
(foto: acervo Flávia Mousinho, s.d.)

Mas quem prefere uma cultura popular mais tradicional pode ter a sorte de admirar uma apresentação de emboladores ou, talvez, de bacamarteiros.



Figura 20: Ônibus Show de bonecos articulados (foto: Alba Marinho, 2006)



Figura 21: Ônibus Show de bonecos articulados (foto: Alba Marinho, 2006)

Uma das atrações mais constante é o Ônibus Show, cujo proprietário, Sr. José Matias da Silva, 50 anos, nascido na cidade de Surubim, conta que também circula por outros centros de romaria, mas sempre está presente no Santuário de São Severino nos dias de maior movimento. Isto há mais ou menos 14 anos, desde o tempo em que o engenho estava sob o comento do Sr. Augusto Pinheiro Toscano de Melo. De início contava com 39 bonecos articulados que se movimentam compondo diversas cenas, hoje já são 73, confeccionados pelo mestre Saúba, reconhecido artesão pernambucano.



Figura 22: bar às margens do rio Capibaribe
(foto: Alba Marinho, 2006)



Figura 23: banho no rio Capibaribe
(foto: Gil Marinho, 2003)

Até bem pouco tempo, as barracas fixas se concentravam no entorno mais próximo à capela. Hoje podem ser avistadas em áreas mais afastadas, principalmente nas margens do Capibaribe, nos trechos mais utilizados pelos banhistas.

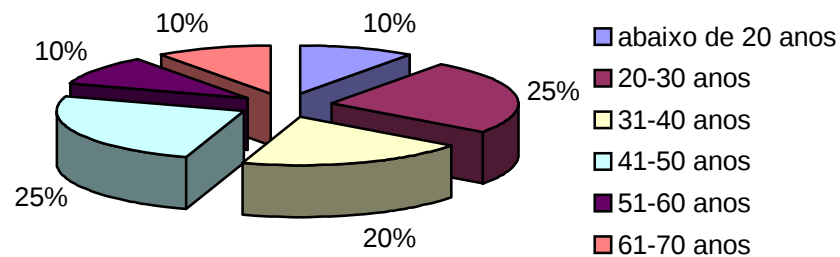
Na verdade, os últimos anos foram de grandes modificações nas terras do Santuário: os três quilômetros que o distanciavam da sede municipal foram asfaltados, a antiga e precária ponte em madeira, que cruzava o rio Capibaribe e lhe servia de acesso, foi substituída por uma outra maior em concreto. Confirma-se, portanto, que a atividade turística quase sempre se apresenta como um agente modificador da paisagem, que vai se “transformando, adaptando-se, sofrendo dinâmicas decorrentes da expansão turística”.¹⁰³

Uma pesquisa exploratória de Ceci Amorim¹⁰⁴, realizada por amostragem no dia 13 de março de 2003, revela um pouco mais desse universo, através do perfil dos comerciantes.

¹⁰³ BARROS, Nilson. **Manual de Geografia do turismo**, 2000, p. 7

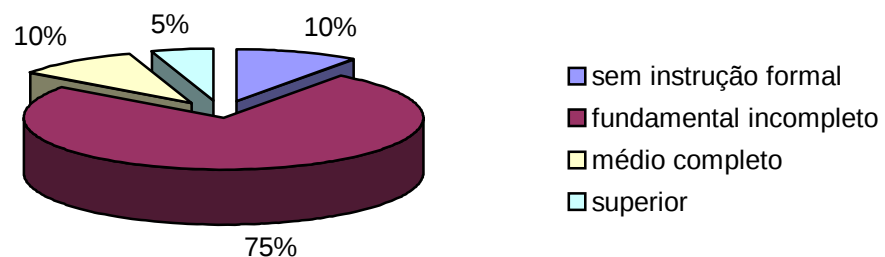
¹⁰⁴ Dados inéditos gentilmente cedidos pela Profa. Ms. em administração e comunicação rural.

distribuição por faixa etária



Observa-se uma concentração etária na faixa que vai dos vinte aos cinquenta anos. Adultos em idade produtiva para o mercado de trabalho. No universo pesquisado, as mulheres representam 65% e os homens de 35%, ou seja, elas dominam quase o dobro do comércio local.

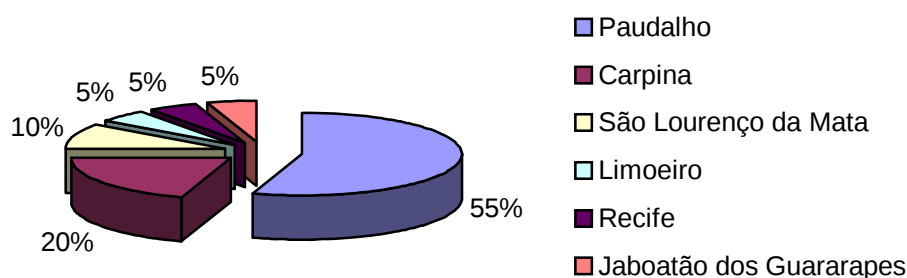
distribuição por escolaridade



Somando-se os comerciantes que não possuem qualquer tipo de instrução formal, mais aqueles que possuem o ensino fundamental incompleto, fica evidenciada a ligação entre uma baixa escolaridade e o comércio informal. Porém, há que também se observar a deficiência da oferta de empregos de uma forma geral, visto que os

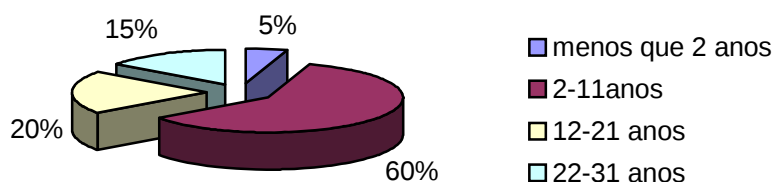
que têm escolaridade média completa e, até mesmo, superior, acham-se na mesma situação da informalidade.

origem por município de residência



O fluxo de visitantes no santuário garante trabalho informal não apenas para os moradores do povoado de São Severino ou do município de Paudalho, se bem que estes sejam a grande maioria. Mas, representa fonte de renda para residentes nas cidades vizinhas e até mesmo algumas mais distantes como Recife e Jaboatão dos Guararapes.

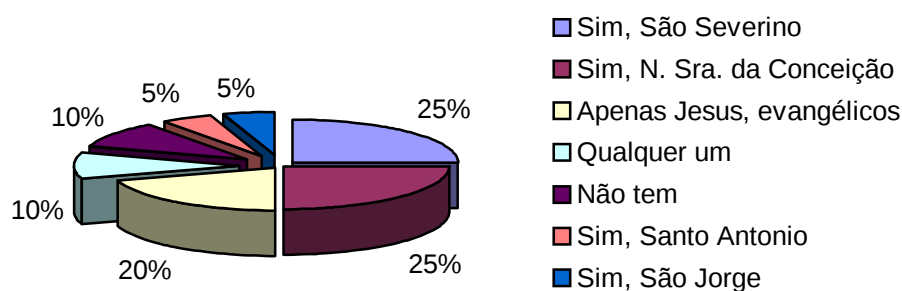
tempo que comercializa no local



O expressivo percentual de 60% apresenta o tempo de atuação no comércio local entre dois e onze anos, permitindo fazer uma associação entre este dado e o período posterior ao falecimento de Cláudio, quando a área interna foi liberada ao

comércio de uma forma geral. Assim, os que estão comercializando há mais de vinte anos provavelmente seriam antigos moradores do engenho.

tem algum santo de devoção?



Finalizando o traçado deste perfil, conforme esperado, há uma predominância de católicos. Juntos, São Severino e Nossa Senhora da Conceição, dividem igualmente a preferência dos devotos, perfazendo um total de 50%. Um dado curioso é que apesar da capela ser dedicada a Nossa Senhora da Luz, ela não aparece entre os santos citados.

Mas chama a atenção o percentual de evangélicos, sobretudo, porque a práxis protestante é conduzida por uma lógica de segmentação, mas nesse caso, a sobrevivência parece exercer preponderância à convivência no espaço contrário às suas pregações. Espaço que, destaque-se, é motivo de muita disputa entre diversos atores sociais.

2.3. Os campos da disputa territorial

Embora não seja nosso objeto de discussão, convém citar que a história recente do santuário tem se caracterizado por um emaranhado de interesses que se interpõem e se mesclam em questões de poder/legitimidade. Aliás, Claude Raffestin dedicou um capítulo da sua obra “Por uma geografia do poder”, sugerindo uma abordagem política do fenômeno religioso: O fenômeno religioso não foi, ao menos para os geógrafos, concebido em termos de relações de poder, muito embora essas relações integrem a própria essência do fenômeno. Assim como os valores sagrados e profanos, os valores religiosos e valores políticos estão em estreita relação.¹⁰⁵

Por ser uma propriedade privada, o monopólio do Santuário de São Severino, bem como do seu significado e uso, que normalmente ficaria por parte da igreja, cede lugar à atuação dos proprietários. Na esfera do poder municipal, fica clarificada a adoção de uma tendência impulsionada por teóricos do turismo, comumente assimilada por planejadores, de que cada localidade deve ter a sua identidade no mercado. Assim São Severino não é do Ramos, vai além, é formador de uma identidade municipal: “Paudalho é a terra de São Severino”:

¹⁰⁵ RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**, p.119 e 124



Figura 24: placa da Secretaria de Infra-Estrutura de Paudalho (foto: Alba Marinho, 2005)

Isto é o que vê em toda publicidade municipal e em placas de obras. No entanto, essa opção tem mostrado seus limites. Internamente, para os paudalhenses, a principal festa religiosa é em louvor de São Sebastião. Uma possível justificativa para o santo de casa não fazer milagres, pode ser encontrada em Abumanssur, quando diz que os santos da casa

“estão atentos às coisas mezinhas do dia-a-dia. Poderíamos dizer que é ele o responsável pelo correr regular da vida. No entanto, se algo sai dos conformes, somente apelando para uma força extra para se encontrar de novo o equilíbrio (...) quanto mais distante das coisas cotidianas, mais miraculoso é o santo”.¹⁰⁶

Apoiada pela população residente ou não, a prefeitura vem desenvolvendo pesquisas e estudos com vistas à desapropriação, chegando a receber o apoio do Ex-Secretário de Turismo do Estado e atual Deputado Federal, José Chaves.

¹⁰⁶ ABUMANSSUR, Edin. Religião e turismo, *In* ABUMANSSUR (Org.) **Turismo religioso**, 2003, p. 59



Figura 25: Deputado José Chaves na festa de Domingo de Ramos no Santuário de São Severino (foto: Gil Marinho, 2007)

Em contrapartida, naquele mesmo dia, a tensão pela disputa territorial também podia ser observada através de faixas que alertavam aos visitantes quanto a desapropriação, questionando quanto a adequação da gestão pública a ser empreendida.

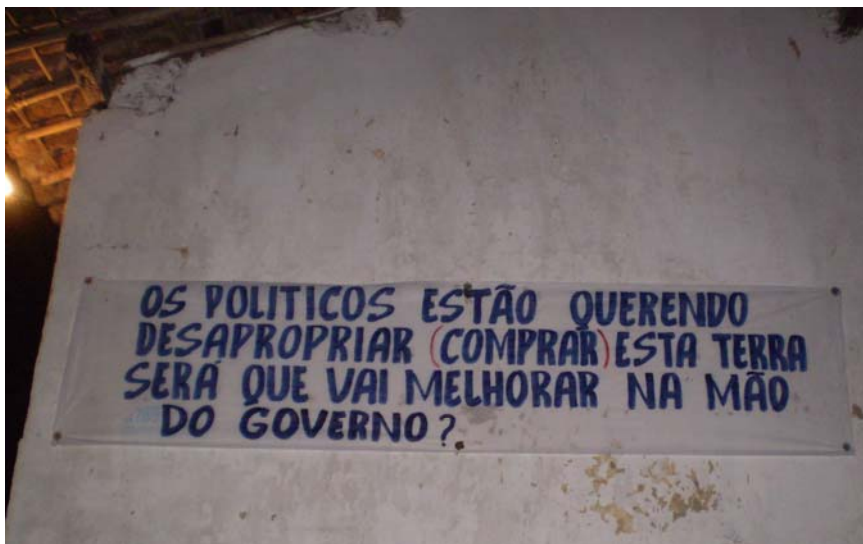


Figura 26: Faixa questionando a privatização do santuário, Domingo de Ramos (foto: Alba Marinho, 2007)

Procurando-se analisar a diversidade dos discursos e pontos de vista que se fazem presentes, fica claro que para os políticos e poder público em suas diversas esferas,

existe uma tendência em qualificar o espaço sagrado como um espaço turístico, ou seja, o santuário torna-se um produto a ser vendido e consumido, além de representar muitos votos não apenas para Pernambuco, como também para diversos outros estados, principalmente os geograficamente mais próximos, ou ainda aqueles onde existe uma maior presença de imigrantes nordestinos.

Jarbas Vasconcelos, quando governador do estado, em 2002, ao inaugurar obras em Paudalho, reconheceu ser preciso ter muita competência para driblar as dificuldades locais dos partidos aliados, o motivo, segundo a imprensa, seria que a “briga por espaço político é grande porque a cidade abriga um dos maiores centros de romaria do Nordeste”.¹⁰⁷

Esta afirmação fica melhor evidenciada quando se vê um uso político mais recente: Logo ao ser eleito presidente da Câmara dos Deputados, Severino Cavalcanti, recebeu de um de seus aliados, o deputado Wladimir Costa Rabelo (PMDB-PA), projeto que torna São Severino padroeiro do legislativo brasileiro. Em virtude do afastamento do dirigente parlamentar por estar envolvido em denúncias de extorsão, não é de se esperar que o projeto venha a ser aprovado. Mas a ligação de Severino Cavalcanti com o santo é bem mais antiga, em meio aos ex-votos da Sala dos Milagres, existe uma propaganda do então deputado estadual, datada dos anos setenta do século XX. Uma cópia deste ex-voto pode ser vista no Anexo B.

Além dos políticos, artistas também enxergam no espaço sacralizado uma forma de dar maior visibilidade a suas produções artísticas.

¹⁰⁷ Jornal do Commercio, coluna Política, Recife: 05.02.2002



Figura 27: cantor David Fulco no Santuário de São Severino (foto: Alba Marinho, 2007)

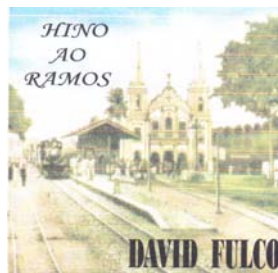


Figura 28: capa do CD de David Fulco (foto: Alba Marinho, 2007)

Em meio à disputa pelo espaço, o santuário assume distintos significados. Para os herdeiros, uma propriedade privada a ser mantida, dentre outros interesses, por laços sentimentais, pois ali estão os seus mortos. Para o poder público, um bem de consumo turístico; para os políticos, votos; para os comerciantes, sobrevivência; para os devotos de São Severino, a certeza de poder contar com uma intervenção perante o Divino. E para os estudos geográficos, a afirmativa de Raffestin quanto a necessidade de aprofundar as investigações relacionando a religião ao poder. Necessidade de aprofundamento que se reafirma nas palavras da historiadora Sylvana Aguiar:

Todos nós que trabalhamos com religiões e religiosidades sabemos que são fenômenos condensadores, encruzilhadas de várias vertentes dos processos históricos, por assim dizer, encruzilhadas de processos econômicos, sociais, culturais, políticos, mentais e dos cotidianos e não estamos com tal asserção advogando uma história aprisionada em teias estruturalistas, estamos sim advogando uma história sistêmica que nunca perca de vista a exploração e manipulação das gentes humildes, até porquê nas esferas das religiões e religiosidade é onde podemos compreender com grande clareza como ocorrem explorações e manipulações.¹⁰⁸

Permanece a necessidade de uma análise mais acurada e de um acompanhamento do desenrolar dessa disputa pelo poder territorial. E de acordo com as necessidades deste estudo, o olhar se volta ao principal objeto da disputa: São Severino Mártir do Engenho Ramos.

¹⁰⁸ AGUIAR, Sylvana. **Perspectivas na História: do ver e ouvir**. In: SIMPÓSIO CEHILA, 2004

CAPÍTULO 3. O MITO SÃO SEVERINO E AS EXPRESSÕES DO SEU RITO

Em relação às interpretações geográficas acerca dos espaços humanizados, Claval tece uma crítica por haver uma tendência de destacar, sobretudo, as lógicas econômicas em detrimento da dimensão simbólica. E afirma que os homens não podem viver sem atribuir um sentido àquilo que os cerca. A preocupação humana não se baseia apenas em satisfazer as suas necessidades e assegurar a transmissão dos saberes às gerações futuras.

Eles lêem no céu e nos vastos horizontes o peso de forças cósmicas ou a presença do divino: ao profano da vida cotidiana opõe-se o sagrado dos lugares visitados ou habitados pelos gênios, espíritos ou príncipes invisíveis, mas que são mais verdadeiros que o mundo visível.¹⁰⁹

Teorizando o espaço sacralizado, dizia Eliade que na “geografia mítica, o espaço sagrado é o espaço real por excelência [...] o mito é real porque ele relata as manifestações da verdadeira realidade: o sagrado”.¹¹⁰ Pois é nesse espaço que o sagrado se materializa e pode ser até tocado através de objetos, representações do mito reverenciado ou ainda manifestado nos símbolos.

Pensando o local como uma produção socialmente construída, é possível empreender a busca de elementos culturais na própria comunidade, pois, conforme raciocínio de Halbwachs, é o grupo e não o indivíduo que garante a permanência do passado no presente; indivíduos desaparecem, mas não desaparece a possibilidade de reconstrução da memória, pois ela tem o grupo como suporte.¹¹¹ Dentro de um

¹⁰⁹ CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**, 2001, p. 293

¹¹⁰ ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**, 1991, p. 36.

¹¹¹ HALBWACHS, Maurice, *apud* D’ALÉSSIO, Márcia. **Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora**, 1993, p. 100.

determinado grupo, cada indivíduo “tem sua perspectiva, mas em relação e correspondências tão estreitas com aquele outros que, se suas lembranças se deformam, basta que ele se coloque do ponto de vista do outro para retificá-las”.¹¹²

Com base nessas referências, sem abrir mão da pesquisa bibliográfica e investigações junto às fontes primárias, os métodos utilizados foram variados; através de entrevistas, mídia eletrônica com buscas em *web sites* e trocas de e-mails, além de observação de campo fartamente anotada e documentada através de fitas magnéticas e material fotográfico.

3.1. São Severino

Até onde nos foi possível pesquisar, nada de conclusivo se sabe a respeito da imagem do santo milagroso, nem da sua origem, tampouco da sua chegada ao Engenho Ramos. Diz a tradição local que “uma das proprietárias do Engenho tinha um filho sacerdote. Este, indo à Europa, de lá trouxe [a imagem] como presente à genitora”. Até meados do século XIX “existia na igreja um grande caixão de zinco em que veio a milagrosa imagem”¹¹³. Esta versão da história é a que se encontra na memória e nos documentos escritos, apócrifos ou não, por vezes com acréscimos: o filho passa a ser um seminarista que se ordenou em Roma e recebeu a imagem como presente do Papa¹¹⁴. E em uma publicação oficial sobre municípios

¹¹² HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**, 2004, p. 84

¹¹³ ARAÚJO, Severino Soares de. **Paudalho Terra dos Engenhos**, 1990, p 107

¹¹⁴ Esta versão também é divulgada por um dos herdeiros do engenho, Otávio Toscano, em depoimento gravado no vídeo **Ramos da Fé**, produção de 2002.

pernambucanos, consta que “Na capela se encontra uma imagem de São Severino, trazida de Portugal”.¹¹⁵

Um antigo trabalhador do Engenho Ramos diz, por ter ouvido de pessoas mais velhas, que o padre que trouxe a imagem estaria enterrado sob a pia batismal da capela de Nossa Senhora da Luz. E acrescenta que antes da ampliação da igreja, quando o santo venerado ainda não tinha seu altar, a imagem de São Severino permanecia em exposição no centro da capela sobre um caixão,¹¹⁶ talvez o mesmo caixão em zinco que consta nos relatos de sua vinda da Europa.



Figura 29: Imagem de São Severino Mártir do Engenho Ramos
(foto: Alba Marinho, 2002)

O São Severino que se encontra no Engenho Ramos é a imagem de um homem de estatura mediana, deitado, mas com olhos e boca entreabertos, o que lhe dá um

¹¹⁵ CONDEPE. **Paudalho**, 1987, p. 47.

¹¹⁶ Amaro José de Santana, morador do Engenho Ramos, em entrevista a nós concedida em 05.04.2003

aspecto de alguém agonizante. Ao lado do corpo, avista-se uma espada, à cabeça uma coroa em pérolas e, próximo aos pés, um capacete adornado por plumas. As vestes, em tecido bordado e com pedraria, costumam ser descritas como “farda de um soldado romano, do quarto século da era cristã”¹¹⁷.

O catolicismo venera mais de uma dezena de santos com o nome de Severino, entre tantos, seria difícil recuperar a identidade perdida da imagem venerada. Aliás, essa dúvida também acontece em relação à imagem que se encontra na Igreja de São Severino localizada em Paris: seria de Severino Abade e Mártir ou Severino Apóstolo de Nórlica? Isto sem considerar que existem nove outros Severinos citados no Martiriológico Romano.¹¹⁸

Mais difícil ainda se torna no caso brasileiro, visto que num livro que conta a história de Paudalho são citados nada menos de treze santos com o mesmo nome:

um mártir em Viena, sob o domínio de Marco Aurélio; outro mártir em Córsega, e cujo corpo esta conservado em Savona; outro mártir em Campanha, com 28 companheiros; outro, bispo, de Breves; outro célebre eremita do quarto século, cuja fama de santidade atraía a visita de muitos reis; outro patrono de Bordeaux; outro bispo de Conhesa; outro, abade d'Agaune; outro, solitário, chefe do mosteiro de Percy; outro padre e solitário perto de Paris; outro bispo de Septempeda; outro, monge, cujas relequias estão na igreja de São Lourenço de Trivoli; outro, finalmente militar e mártir.¹¹⁹

Em relação ao São Severino avistado no Engenho Ramos, existe uma pouco esclarecedora versão publicada que diz:

...pesquisas do esclarecido sacerdote da arquidiocese Olindense que pregou em 1919, durante uma solenidade ao eleito do Céu, trouxeram a luz sobre o caso. Severino era soldado do imperador Maximiniano

¹¹⁷ CARVALHO, Adriany. **O turismo religioso popular em São Severino dos Ramos**, 2001, p. 115

¹¹⁸ PIERRARD, Pierre. **Dictionnaire des Prénoms et des Saint**, 1974, p.197

¹¹⁹ ARAÚJO, Severino Soares de. **Paudalho Terra dos Engenhos**, 1990, p 108.

Hércules, que governou Roma de 286 a 305 e se celebrou pela perseguição aos adeptos da doutrina de Cristo.¹²⁰

Desvendar a identidade de São Severino Mártir do Engenho Ramos, parece ser uma empreitada extremamente árdua, fato que se reafirmou de maneira ampliada nas nossas pesquisas. Entre Severinus, Severianus, Severus e Severians, encontramos vinte e seis santos em um único *site*, o qual nos servirá de referência,¹²¹ estão agrupados por datas em que são reverenciados. A relação segue abaixo e sempre que houver quaisquer acréscimos de informação, as fontes serão especificadas. Apesar do longo parêntesis é importante mostrar um pouco da investigação realizada pois, conforme visto anteriormente, os valores religiosos e valores políticos mantêm uma estreita relação de disputa de poder, assim é pertinente questionar sobre quem é venerado no Engenho Ramos.

- I. (08/01) Severinus de Nápoles, bispo, irmão do mártir São Victorinus. Também conhecido como Severinus de Septempeda.
- II. (08/01) Severinus de Noricum, patrono de Viena, Áustria e Baviera. Falecido em 482, seus restos mortais estão em Nápoles. Foi monge e pregador itinerante¹²².
- III. (08/01) Severinus de Septempeda. Data desconhecida, no século VI foi bispo de Setempeda, atual Sanseverino. Irmão de São Victorinus de Camerino. Também conhecido como Severinus de Nápoles. Em outro site, encontra-se a informação de que existe uma confusão na identificação, possivelmente

¹²⁰ ARAÚJO, Severino Soares de. **Paudalho Terra dos Engenhos**, 1990, p 108. O Autor não precisa data ou nome do sacerdote, tampouco se essas pesquisas estariam registradas em documentos escritos.

¹²¹ Maiores detalhes ver em <http://www.saintpatrickdc.org>

¹²² <http://www.epilepsiemuseum.de/espanol/kunst/severin.html> em 05/05/2006

provocada pelo traslado das relíquias de San Severino de Nórico para Nápoles, mas afirma não existir razão para se achar que Severinus de Septempeda tenha algo a ver com Nápoles.¹²³

- IV. (11/01) Severus, Peter e Leucius, mártires, falecidos em 309, na Alexandria, Egito.
 - V. (23/01) Severian e Áquila, mártires, marido e esposa, da Mauritânia.
 - VI. (01/02) Severus de Ravenna, bispo, falecido em 348.
 - VII. (01/02) Severus de Avranches, bispo, falecido em 690. Uma versão complementar, diz que morreu de causas naturais, e suas relíquias estão em Rouen, França, sendo também conhecido como Severus de Ravenna.
- Mas observe-se que entre as datas de falecimento de um e outro existe um distancia temporal de quase três séculos e meio!
- VIII. (11/02) Severinus de Agaunum, abade, falecido em 507. É representado curando o rei Clovis da Suíça. Saint Séverien (sic) de Paris é em sua honra. Apesar desta informação, é bom lembrar que, conforme visto anteriormente, não existe uma definição quanto ao santo reverenciado na igreja de Paris.
 - IX. (15/02) Severus de Androcca, falecido em 530. No século X suas relíquias foram transladadas para a diocese de Trier, Alemanha.
 - X. (21/02) Severian de Scythopolis, bispo e mártir, falecido em 452 na Palestina.
 - XI. (29/04) Severus de Napóles, bispo, falecido em 409 em Campaña.
 - XII. (08/06) Severinus de Sanseverino, bispo de Septempeda, hoje chamada de Sanseverino, falecido em 550, irmão de São Victorinus de Camerino.

¹²³ http://ar.geocities.com/misa_tridentina02/ em 05/05/2006

Em princípio deve ser o mesmo Severinus de Septempeda antes citado, mas no item III ele aparece como data desconhecida, embora seja informado o século VI.

- XIII. (07/08) Severinus, Carpophorus, Exanthus, Cassius, Secundus, Licinius Milímetro, falecidos em 295, soldados cristãos martirizados em Como, Lombardia, Itália, durante o reinado de Maximiliano Hercules.
- XIV. (09/09) Severian de Sebaste, mártir, falecido no ano de 322, em Sebaste, Armênia. Soldado do imperador Licínio, foi martirizado até a morte por converter-se e visitar os 40 mártires de Sebaste quando estavam no cárcere.
- XV. (15/10) Severus de Trèves, bispo, falecido em 455.
- XVI. (22/10) Severus, Eusebius, Hermes e Philip de Heraclea, mártires falecidos em 304.
- XVII. (23/10) Severinus (Severin) de Cologne, bispo, falecido em 403, nascido em Bordeaux.
- XVIII. (23/10) Severinus Boethius, mártir, falecido em 524, nascido em Roma no ano de 480.
- XIX. (23/10) Severinus of Bordeaux, falecido em 420.
- XX. (01/11) Severinus de Tivoli, ermitão, falecido em 699, suas relíquias estão em Tivoli.
- XXI. (06/11) Severus de Rome, bispo e mártir, falecido em 633, também conhecido como Severus de Barcelona
- XXII. (08/11) Severianus e Severus, mártires, falecidos em 305.
- XXIII. (08/11) Severianus, Severus, Victorinus, Carpophorus e Simplicius, falecidos em 305. Geralmente identificados no coletivo: Quatro Mártires Coroados.

Existem duas versões para dois grupos com nomes e lugares distintos: Pannomia, Húngria, ou em Albano, Itália. Estranhamente, nos dois casos, a igreja comemora cinco e não quatro mártires, pois o nome de Simplicius desafortunadamente teria sido omitido de início. Algum tempo depois das relíquias de Severus, Severianus, Carpophorus e Victorinus terem sido levadas para Roma, foi criada uma lenda sobre quatro soldados romanos martirizados por Diocleciano por recusarem sacrifício a uma imagem de Aesculapius, deus grego da medicina. Na segunda versão, seus nomes seriam: Simpronian, Claudius, Nicostratus, Castorius, e Simplicius. Neste caso, não haveria Severianus nem Severus.

XXIV. (27/11) Severinus de Paris, ermitão, falecido em 540.

XXV. (21/12) Severinus de Trêves, bispo de Trier, Trêves, Alemanha, falecido em 300.

XXVI. (30/12) Severus, Mansuetus, Appian, Donatus, Honorius, mais cinco outros foram martirizados na Alexandria, no ano de 483. Mais comumente são citados como Mansuetus e companheiros.

Além de todos acima citados, encontra-se um Severiano entre os Quarenta Santos Mártires de Sebaste, reverenciados a 10 de março. Eram de Sebaste, na Armênia, e sofreram o martírio por volta do ano 320, durante a perseguição de Licínio. Eles escreveram na prisão uma carta coletiva que cita os nomes de todos:

Acácio, Aécio, Alexandre, Angias, Atanásio, Caio, Cândido, Chúdio, Cláudio, Cirilo, Domiciano, Domno, Edélcion, Euvico, Eutichio, Flávio, Gorgônio, Heliano, Helias, Heráclio, Hesichio, João, Bibiano, Leôncio, Lisimacho, Militão, Nicolau, Filoctimão, Prisco, Quirião, Sacerdão, Severiano, Sisínio, Smaragdo, Teódulo, Teófilo, Valente, Valério, Vibiano e Xanteas.¹²⁴

¹²⁴ www.paulinas.org.br/diafeliz/santo.aspx?Dia=1... em 05/05/2006

Nos mártires da revolução francesa, chamados mártires de setembro, acha-se São Severino Giraud, nascido no ano de 1728, e falecido em 1792. Venerado no dia 02 de setembro, era um sacerdote da Terceira Ordem Regular Franciscana. Por ser mais recente, foi beatificado em 1926,¹²⁵ não há possibilidade de tenha qualquer ligação com a devoção existente no engenho Ramos.

Dentre todos, o santo mais mencionado, seja nas publicações ou nos sites, é Severinus de Noricum, patrono de Viena, Áustria e Baviera. Seis anos após a sua morte seu corpo foi encontrado incorrupto. Ao tratar sobre corpos incorruptos, padre Oscar Quevedo declara que: Mais preciso e mais digno de crédito é o relato de Eugippius acerca do corpo de São Severino, bispo de Noricum, morto em 482. Seis anos após sua morte, o corpo foi encontrado incorrupto.¹²⁶

Dentre todas as informações, no item XIII encontra-se a descrição que mais se aproxima daquela apresentada “pelo esclarecido sacerdote da arquidiocese Olindense que pregou em 1919”, pois, relembrando a citação, assim diz: Severino era soldado do imperador Maximiliano Hércules, que governou Roma de 286 a 305. Neste caso, São Severino do engenho Ramos estaria entre os mártires da Lombardia, Itália.

Porém, recorrendo às ilustrações, nenhuma delas, individual ou em grupo, assemelha-se àquela existente no Santuário de São Severino, objeto da pesquisa.

¹²⁵ Família Franciscana do Brasil, <http://www.ffb.org.br/> em 05/05/2006

¹²⁶ QUEVEDO, em www.clap.org.br em 05/05/2006

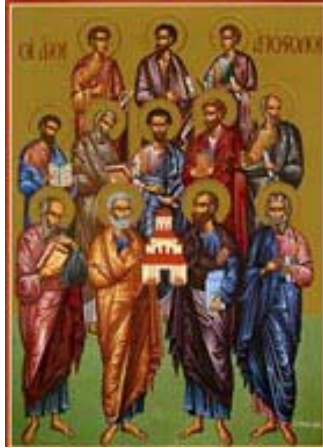


Figura 30: San Severiano Martire ad Albano (08/08) gruppo di martiri.¹²⁷
Lombardia, Itália.



Figura 31: Os quarenta santos mártires de Sebaste, falecidos em 320¹²⁸



Figura 32: São Severino (08/01)
Em 454 estava nos confins da Nórlica. Morreu em 482 e seus restos mortais repousam em Nápoles, na Itália.¹²⁹

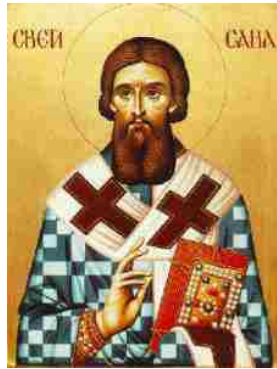


Figura 33: San Severino (08/01) Patrono de Viena, Austria y Baviera, llega el año 454 a la Nórlica, como apóstol. 482¹³⁰



Figura 34: San Severino de Noricum (08/01) - Não confundir com o seu contemporâneo o bispo Severin de Colônia¹³¹



Figura 35: São Severino (08/01)
Apóstolo da Áustria¹³²



Figura 36: San Severino Abade (08/01) 410-482



Figura 37: San Severino Abade (08/01) - Nasceu em 410 na Itália, viveu em Norico e morreu em 482.¹³³

¹²⁷ <http://www.santiebeati.it/search/jump.cgi?ID=91208> em 05/05/2006

¹²⁸ www.paulinas.org.br/diafeliz/santo.aspx?Dia=1... em 05/05/2006

¹²⁹ <http://www.paroquiaespiritosanto.com.br/santo.asp?mes=1&dia=8> em 05/05/2006

¹³⁰ <http://sagradafamilia.devigo.net/santoral/enero/8enero.htm> em 05/05/2006

¹³¹ <http://www.epilepsiemuseum.de/espanol/kunst/severin.html> em 05/05/2006

¹³² <http://www.caridade.org.br/santododia/detalhe.asp?codigo=8> em 05/05/2006

¹³³ <http://www.diocesisansevero.it/storiadiocesi/patroni/sanseverino.htm> em 05/05/2006



Figura 38: San Severo di Ravenna (01/02)
Nasceu na Segunda metade dos anos 200 d.C. e
morreu em 346.¹³⁴



Figura 39: San Severo de
Ravenna (01/02 Ravenna,
morreu em 344.¹³⁵



Figura 40: San Severiano,
Bispo de Escitópolis (21/02)¹³⁶



Figura 41: San Severo de
Napoles (30/04)
Obispo, en Nápoles en
Campaña¹³⁷



Figura 42: San Severino di
Settempeda (08/01)
Sec. V-VI¹³⁸



Figura 43: San Severiano de
Sebaste, Mártir (09/09)
Siglo IV d.C.¹³⁹



Figura 44: San Severo di
Treviri
Bispo (15/10).¹⁴⁰



Figura 45: San Severino,
Obispo y Confesor
(23/10).¹⁴¹

¹³⁴ <http://www.racine.ra.it/pontenuovo/vita.html> em 05/05/2006

¹³⁵ <http://www.santiebeati.it/search/jump.cgi?ID=39350> em 05/05/2006

¹³⁶ <http://www.aciprensa.com/santos/santo.php?id=57> em 05/05/2006

¹³⁷ http://www.legionhermosillo.com.mx/San_Severo_de_Napoles.html em 05/05/2006

¹³⁸ <http://www.santiebeati.it/search/jump.cgi?ID=90943> em 05/05/2006

¹³⁹ http://www.legionhermosillo.com.mx/San_Severiano_de_Sebaste.html em 05/05/2006

¹⁴⁰ <http://www.santiebeati.it/search/jump.cgi?ID=91894> em 05/05/2006

¹⁴¹ http://ar.geocities.com/misa_tridentina/oc/23.html em 05/05/2006



Figura 46: San Severo di Cagliari
Vescovo e martire
(08/11)¹⁴²



Figura 47: San Severo di
Barcellona (06/11)¹⁴³



Figura 48: San Severo, Obispo
y Martir (06/11)¹⁴⁴

Também não se tem notícia do primeiro milagre atribuído a São Severino em solo pernambucano. Em nossas pesquisas bibliográficas encontramos um livro de Mário Melo, então secretário do Instituto Archeológico e Geographico Pernambucano, que traz o relato de um acontecimento ocorrido no ano de 1854, através de um evento ligado à manifestação da natureza. No capítulo que trata da história de Paudalho, sob o título de “Facto angustioso”, Melo conta que no mês de junho daquele ano uma enchente do rio Capibaribe causou muitos estragos e mortes na região. Na povoação do Rosário de Cima, hoje Rosarinho, povoado de Paudalho, a cheia arrebatou uma casa em cujo telhado havia se abrigado uma mulher com seus cinco filhos. Vendo todos os seus filhos serem arrastados e morrerem tragados pelas águas, “invoca o patrocínio de São Severino, desfalece de dor, e acorda salva em terra firme”.¹⁴⁵ O autor não divulga a fonte, mas é provável que ao publicar o fato mais de seis décadas depois, Melo tenha se baseado em relatos orais.

¹⁴² <http://www.santiebeati.it/search/jump.cgi?ID=90533> em 05/05/2006

¹⁴³ <http://www.santiebeati.it/search/jump.cgi?ID=76350> em 05/05/2006

¹⁴⁴ http://ar.geocities.com/misa_tridentina04/nov/06c.html em 05/05/2006

¹⁴⁵ MELO, Mário. **Pau d’Alho – geographia physica e política**, 1918, p. 22

Relatos que ainda permanecem pois Flávia Mousinho, uma das herdeiras do Engenho Ramos, lembra que na sua infância, por diversas vezes, ouviu uma narrativa semelhante, sendo que acontecido não no Rosarinho, mas em uma das ilhotas que ficam no leito do Capibaribe, no trecho mais próximo ao engenho e, neste caso, teria falecido toda a família, inclusive o pai. Sendo uma variação ou não do mesmo evento, salvando-se ou não a mãe, certamente esse não seria o primeiro milagre.

Três anos antes, ou seja em 1851, o santo milagreiro já é citado no testamento de Joana Maria dos Santos, natural da Freguesia do Seridó, Rio Grande do Norte, que menciona: “...devo á são Severino Mártir quatro mil reis = que os meos testamenteiros [...] pagarão da minha terça”...¹⁴⁶ Apesar de não conter a especificação “Mártir do Engenho Ramos”, é praticamente certo se tratar do mesmo Santo tendo em vista que, apesar da distância geográfica, é significativa em números e freqüência a presença dos norte rio-grandeses visitando o Santuário..

A sua popularidade é antiga e indiscutível, tanto assim que seu nome está no hino de Paudalho, de autoria de Corina de Holanda e Padre Argemiro de Figueredo, que foi cantado pela primeira num festival realizado na cidade no dia 26 de setembro de 1937, tem um verso que diz:

...
De teus ramos o perfume,
O esplendor de fé resume
De milagres é penhor

¹⁴⁶ MACEDO, Helder, RIBAS, Cristina, MOREIRA, Maria das Neves. **De como os mortos viam os vivos**, 2004, p. 18.

Em ti o poder divino
 Quis deixar São Severino
 Como teu embaixador¹⁴⁷

...

Para os fiéis o que realmente importa são os muitos milagres alcançados. Eliade afirma que não se trata apenas de adoração da imagem como imagem, mais sim de hierofania, porque “revela” algo que já não é imagem, mas sim a própria manifestação do sagrado.¹⁴⁸ E a fé pode ser tamanha que, para alguns, São Severino está vivo e anda. Dizem que durante a noite o santo prefere se resguardar no andar superior da capela, já outros afirmam que neste horário ele costuma caminhar até a gruta da água milagrosa¹⁴⁹.

Muitas vezes apresenta-se à imaginação popular como um ser vivente, de carne e osso, acrescido de uma sobrenaturalidade. Uma versão difundida é a que afirma ser a imagem atual diferente da original, que a verdadeira teria sido retirada do local e, talvez, levada de volta para Roma:

São Severino não é esse, é outro. Aqui, é um de gesso, o outro era vivo, rosado. (Josina, 68, vulgo Dona Pequena, Nazaré da Mata-PE)¹⁵⁰

Conta-se que antigamente, quando não existia um vidro que a protegesse, a imagem era freqüentemente espetada pelos romeiros, por acreditarem que sangraria. Dizem que as suas vestes ficaram tão deterioradas que foi necessário a confecção de uma nova roupa, vermelha. Mas afiançam que a anterior era azul, o que deve ser um fato real, pois é com esta cor que aparece em um antigo ex-voto,

¹⁴⁷ ARAÚJO, Severino. **Paudalho Terra dos Engenhos**, 1990, pp 138-139.

¹⁴⁸ ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**, 1996, p. 18.

¹⁴⁹ CARVALHO, Adriany Rosa de Matos. **O turismo religioso popular em São Severino dos Ramos**, 2001, p. 115

¹⁵⁰ MESQUITA, Mariana e BARRETO, Virgínia. **A comunicação entre o Popular e o Massivo**, 1997, p. 6.

bem como no acervo particular do responsável pela loja de artigos religiosos que funciona na Capela da Jaqueira, Recife.



Figura 49: ex-voto – acervo do Museu do Homem do Nordeste



Figura 50: Acervo particular em exposição na Jaqueira (foto: Gil Marinho, 2007)



Figura 51: São Severino com a vestimenta atual avistada no Santuário (foto: Alba Marinho, 2002)

Um relato bem curioso foi recolhido do *Site Sergipe Cultural*. Quando trata do “Guerreiro”, informa que o auto natalino desenvolveu-se entre os estados de Sergipe, Pernambuco e Alagoas sem uma origem precisa. Mas conta sobre uma lenda popular onde uma rainha que

... cansada das regalias palaciana, pediu ao marido, o Rei Severino do Ramo para conhecer outros horizontes, e acompanhada de sua criada de nome Lira (Lília) e dos guardas (vassalos), encontra na floresta o índio Perú por quem se apaixona. Na volta, temendo ser descoberta, a rainha manda prender a criada. Os guardas tentam salvar a Lira e contam ao rei o amor da rainha por Perú, o rei entra em combate com o

índio, vindo a morrer. O rei Severino do Ramo é o mesmo São Severino do Ramo, que é cultuado até hoje na igreja de Pau d'Alhos interior de Pernambuco.¹⁵¹

Encontra-se ainda uma interessante versão que justificaria o porquê do mestre de Apipucos não lhe ser devoto. Diz ele que ao ser levado por um dos negros do engenho para conhecer o Santo milagreiro, foi-lhe dito que iria ver o alferes Severino, “que há muitos anos os judeus tinha matado à bala’, mais precisamente perto da casa-grande. Por esse motivo, os “brancos mandaram levantar uma igreja maior que todas as capelas de engenho”. Toda essa informação foi assim traduzida pelo menino Freyre: então era isso, um “simples alferes e morto a bala. Nem ao menos o corpo fechado...”¹⁵² Apesar disso, não deixaria de reconhecer que para os caboclos o supremo santo era o “alferes” Severino. Pois, “imaginavam-no meio-índio como eles e daí confiarem particularmente na sua proteção”.¹⁵³

Nada que venha a causar estranhamento, pois é assim com a cultura folk: um domínio de toda a gente. Ainda que inconscientes, as pessoas vivenciam a herança recebida dos antepassados, e transmitem-na não raro acrescentando-a, ou deturpando-a. Os demais, mesmo que apenas espectadores, sempre guardarão algo do que viram ou ouviram.¹⁵⁴

¹⁵¹ Sergipe cultural <http://www.infonet.com.br/cgi-bin/link.pl?link=0311000501.htm>, em 09/09/2005

¹⁵² FREYRE, Gilberto. **Santos e quase santos**, 1942, p. 20.

¹⁵³ FREYRE, Gilberto. **Santos e raças**, 1950.

¹⁵⁴ AMARAL, Amadeu. **Tradições populares**, 1976, p. 374.

3.2. As expressões do rito no Santuário de São Severino

A devoção tem como principal característica a fidelidade ao pacto traçado entre o devoto e o santo. Esta relação está inserida no que Pierre Bourdieu chama de economia de trocas de bens simbólicos e esta, por sua vez, apoia-se na percepção de que, “a reprodução ou crise dessa economia baseiam-se na reprodução ou na crise da crença, isto é, na perpetuação ou na ruptura do acordo entre as estruturas mentais (...) e as estruturas objetivas”.¹⁵⁵

Portanto, a falha de uma das partes pode representar a perda da credibilidade e, conseqüentemente, o rompimento do pacto existente na devoção. E a dinâmica existente nessa relação é vista sob um prisma que persegue a noção de que qualquer manifestação a ela relacionada é legítima.

Os conceitos que tratam da representação simbólica, que é uma interpretação da realidade, consideram que todo o comportamento humano toma como base aquilo que o indivíduo conhece da realidade, assim, estudiosos como François Laplantine¹⁵⁶ definem o real como sendo a interpretação que os homens atribuem à realidade. Nessa reflexão este estudo vai ao encontro das representações avistadas no Santuário de São Severino.

¹⁵⁵ BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**, 1997, p. 194.

¹⁵⁶ LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**, 2005

3.2.1. O Museu dos Milagres

Afora a capela, o segundo lugar mais visitado é a sala de exposição dos ex-votos, ou Museu dos Milagres, como geralmente preferem chamar. Este universo simbólico fica localizado próximo à igreja, mais precisamente defronte ao cemitério. Trata-se de uma construção de pequenas dimensões, com uma única porta de acesso. É neste local que os romeiros fazem um maior contato com a “teia de símbolos e de sentidos que sustenta a cultura em que estão imersos”.¹⁵⁷

Os símbolos são representativos das idéias e, como tal, têm a função de “revelar uma realidade total, inacessível aos outros meios de conhecimento”... Assim é com os ex-votos, signos da fé, estímulos físicos utilizados para representar crenças e frutos da imaginação humana. Sem esquecer que o simbolismo acrescenta um novo valor a um objeto ou uma ação.¹⁵⁸

Cipriani e Nesti¹⁵⁹ apresentam os ex-votos em dois grandes grupos: Primeiro, como “objeto de uso” que tenha estado em contato direto com a intervenção milagrosa e por esta razão cumpre função simbólica especial. Como exemplo temos umbigos de recém-nascidos; vestidos, capelas e ramalhetes de noivas; aparelhos ortopédicos e tantos outros. No segundo grupo o ex-voto é uma “representação”, plástica, escrita, pictórica ou fotográfica, realizada especificamente para a “paga” do milagre obtido. Os exemplos seriam inúmeros: cartas, bilhetes, fotografias, representações de

¹⁵⁷ STEIL, Carlos. **O sertão das romarias**, 1996, p.113

¹⁵⁸ ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**, p. 177-178.

¹⁵⁹ CIPRIANI Roberto y NESTI Arnaldo. **Uno sguardo obliquo alla religione popolare in Messico**, 1995.

partes de corpo como braços, pernas, olhos, seios, cabeças e corações; animais ou bens como casas e carros.



Figura 52: “Museu” dos Milagres
(foto: Alba Marinho, 2003)



Figura 53: “Museu” dos Milagres
(foto: Gil Marinho, 2003)

No pequeno “museu” do santuário não se percebe uma organização dos ex-votos, ordem de nenhum tipo, nem temática, nem cronológica. Os objetos são de todas as procedências e confeccionados nos mais diversos tipos de material. Justapostos, confundem-se em meio à profusão de fotos que recobrem as paredes, vê-se fotografias e propagandas eleitorais de políticos.

Nos armários, garrafas de bebidas, maços de cigarros, roupas, capacetes, espadas, falos e uma variedade de partes do corpo humano. Do teto pendem bandeiras, ataúdes, destroços de bicicletas. Principalmente estes dois últimos itens são geradores de muitas histórias, envolvendo pessoas que teriam passado por experiência de morte, ou quase morte, e foram salvas por São Severino no último instante.

Estranhamente, a maior parte das peças não se encontra em exposição, mas amontoadas e trancadas na edificação onde funcionava a escola local. Além disso, a

incomum prática atualmente adotada no santuário, onde uma mesma peça de ex-voto percorre um curto círculo vicioso que compreende: lojinha da capela / altar de São Severino / lojinha da capela, faz com que o material em exposição no museu não seja plenamente renovado, e assim, os laços que alimentam o sistema simbólico vão sendo enfraquecidos.

Em todo santuário, a sala dos milagres funciona como uma espécie de termômetro da crença, pois ali estão os dados concretos da operosidade do Santo. É ela que melhor evidencia a relação que Lévi-Strauss definiu como uma “estrutura de reciprocidade que transcende os atos de troca, nos quais a dádiva remete à sua retribuição”.¹⁶⁰ Se o espaço está repleto de ex-votos e continua recebendo novas peças, é sinal de que o santo continua fazendo milagres. Ocorrendo o contrário, estimula-se uma crise na devoção.

3.2.2. Fotografias

Embora seja uma forma de ex-votos, convém destacá-las por três motivos: Primeiro, por ser uma prática que vai predominando a cada dia. Em segundo lugar, porque os registros fotográficos mais atuais são depositados em uma caixa no interior da capela, e não na sala dos milagres. E ainda, muitas dessas fotografias trazem a narração do milagre em seu verso, tornando-se um elemento de destaque para uma melhor compreensão do universo simbólico.

¹⁶⁰ LÉVI-STRAUSS, apud BOURDIEU, **Razões práticas**, 1997, p. 159.

As fotos documentam os mais variados aspectos da relação: pessoas e animais os mais diversos; pessoas falecidas em seus ataúdes, eletrodomésticos tais como televisão; veículos de passeio, motos, tratores e caminhões; casas construídas e em construção; “santinhos” de propaganda de políticos; E mais: provas e boletins escolares; manual de sinalização utilizado nos exames para retirada da carteira de habilitação; bilhetes e “piedosas recordações”, ou seja, “mensagens impressas e distribuídas a familiares e amigos de pessoas falecidas, nos ofícios católicos”.¹⁶¹ Os exemplos poderiam ser inúmeros, mas serão relacionados apenas quatro:

Uma foto de um senhor segurando uma rede de pesca, traz em seu verso:

“Esta redi foi perdida no mar fiz uma promessa com São Severino do Ramos. Com 15 dias o mar botou ela para fora”. Luiz José dos Santos”.

Na foto de um casal na cerimônia de casamento, lê-se:

“meu São Severino do Ramo mim proteja é proteger meu marido é meu futuro mim livres dos olhos mal é das bruxarias dos invejosas. Apague os olhos invejosos do nosso caminhar: para que eu não fique pensando lezera dos mal.” (sic)

Em uma outra que registra uma porca com filhotes:

“São Severino do Ramo não deixe os olhos grandes botarem olhados nos animais dela e proteja todos nós!” (sic)

A última e talvez mais curiosa, mostra uma vaca e está escrita na primeira pessoa, como se o agradecimento viesse do próprio animal:

“ofereço esta foto com muito amor i agradecimento a São Severino dos Ramos por eu ter sobrevivido i hogi esta viva”. (sic)

¹⁶¹ BELTRÃO, Luis. As piedosas recordações, *In* SOUTO MAIOR, Mário e VALENTE, Waldemar, **antologia pernambucana do folclore**, 2001, p.85.

3.2.3. Os Livros de Visita

O meu nome é Severino,
 não tenho outro de pia.
 Como há muitos Severinos,
 que é santo de romaria,¹⁶²

É assim que João Cabral inicia a sua mais conhecida obra. No auto de natal do poeta pernambucano, a personagem mais destacada é o Severino da Maria do finado Zacarias, que vem lá da serra da Costela, limites da Paraíba.

Informações semelhantes àquelas do retirante em sua apresentação eram as esperadas por Flávia Mousinho, uma das herdeiras da propriedade, ao colocar um livro de visitas no altar de São Severino: nome e procedência, acrescida de data da visita, como em qualquer outro registro do mesmo tipo. Mas isso era pouco para os romeiros que ali viram uma nova possibilidade de comunicação com o Santo: espaço para escrever suas orações, pedidos e agradecimentos.

Restaram dois destes livros que são fontes primárias das mais preciosas, pois, parafraseando Mauro Mota referindo-se aos arquivos de jornais,¹⁶³ através deles é possível abrir as janelas e as portas e tirar as nuvens de cima do mundo dos nossos romeiros, vê-los em retratos sem retoques. Diferentes até das demais possibilidades de investigação científica. Entrevistados, poderiam omitir, ou mesmo mentir, mas dificilmente fariam o mesmo em comunicação direta com o seu Santo de devoção.

¹⁶² MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa**, 1994 p.171

¹⁶³ MOTA, Mauro. **Votos e ex-votos**, 1968, p. 115

A transcrição literal de alguns exemplos se justifica ora por delinear um perfil do devoto quanto à escolaridade ou ocupação profissional, outras vezes por esclarecer quanto aos seus temores e superstições, mas principalmente por clarificar quanto a relação pessoal que esses atores sociais têm com o Sagrado.

Fonte valiosíssima, mas nem sempre de fácil entendimento. Pelos mais diversos motivos, entender as assinaturas, Identificar sexo e o número de visitantes também pode ser um problema. Alguns começam a assinar e desistem, aparentemente por dificuldade em escrever. Outros apõem a assinatura completa, mas acrescentam: “em família”, “nossa família está hoje visitando sua igreja”, “e toda a sua família”, “proteja todo nosso grupo”. E ainda, “Nome de meus familiares:...”, especialmente neste último caso pode seguir uma relação de cinco, doze, dezessete ou muito mais nomes, muitas vezes com a mesma caligrafia. Quantos seriam, estariam todos presentes ou estaria aí incutido um pedido de benção para todos os familiares ou amigos, ainda que ausentes? Apesar dessas dúvidas, fica evidente que os visitantes costumam viajar em grupo composto por familiares ou por amigos.

Alguns escritos apenas permitem arriscar uma vaga interpretação. Por exemplo, a mensagem abaixo se pode interpretar como um pedido de interferência de São Severino em favor de um candidato a vereador.

“Qerde gaar ainlecãe ade Varzes Pedro satez gaar a inlecã para veriador em Varze Genér gagou a pormicão a de Pedro satez asína Genéra Berto quero reseler esta garção”. (sic)

Caligrafias que se repetem tanto nos pedidos quanto nos agradecimentos, em nome de pessoas completamente distintas, levaram a supor que analfabetos ou pessoas

com dificuldade na escrita solicitavam a ajuda de terceiros. A suposição foi confirmada por zeladores do templo.

Cada um desses documentos é suscetível de leituras plurais. Relacionando-os ao *popular* na visão de Chartier, entende-se que eles qualificam “um tipo de relação, um modo de utilizar objetos ou normas que circulam na sociedade, mas que são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas maneiras”¹⁶⁴. Por exemplo, conforme detectado nas pesquisas, a oferta de uma *cabeça* como ex-voto tanto pode ser a paga pela graça de recuperação da saúde física, quanto referir-se à volta de um cônjuge que havia abandonado o lar.

Mas pouco importa as dificuldades no entendimento, pois as mensagens têm um destinatário certo, a quem tratam por: “Meu São Severino”, “Meu glorioso São Severino”, “Senhor São Severino dos Ramos”, “São Severino do Ramos”, “São Severino e todos os Santos das corte celeste”, “meu advogado no céu”, “meu querido é milagroso São Severino”, “meu padrinho”, “São Severino meu soldado guerreiro”, alguns chegam a cometer certa confusão e tratá-lo por “São Sebastião”.

Severinos e Severinas? Sim, muitos e muitas, como seu Biu, aliás, apelido comum à imensa maioria dos Severinos. Vendedor de fumo e rapé, ele assim justifica seu nome: Geralmente as gestantes fazem a promessa a São Severino de batizar o filho esperado com o nome do santo, caso ele nasça sem complicações...¹⁶⁵

¹⁶⁴ CHARTIER, Roger. **Cultura Popular**, 1995, pp. 179-192

¹⁶⁵ <http://jangedabrasil.com.br/marco31/of31030a.htm> Março 2001Ano III - nº 31 em 08.09.2005

Um caso assemelhado ao do Sr. Severino Toscano Carneiro que, ao nascer, recebeu do médico uma expectativa de morte até os sete anos. Sua mãe logo tratou de fazer a promessa de dar-lhe o nome do Santo, para que a profecia não se cumprisse. No ano de 2004 o paraibano de Patos completou 93 anos “vendendo saúde e serenidade”.¹⁶⁶

Mas fica claro nos escritos dos livros que São Severino não é exclusivamente dedicado a partos ou pediatria, mas sim um milagreiro para todas as situações. Necessidades básicas primárias, tais como saúde, trabalho e moradia; assuntos amorosos e até judiciais; ajuda nos estudos, passar no vestibular; comércio e bens materiais como lojas, carros, ônibus; e ainda, livrar dos vícios, da violência, da inveja, da calúnia, e de parentes ou vizinhos indesejados.

Alguns chegam a especificar a forma de pagamento da promessa:

“Eu lhe pesso São Severino que me ajude a consegui uma beça meu filho Alison aroma um imprego e o meu esposo Severino Martins deixa de beber e minha filha emagrece que eu trago ela aqui para agrade eu te entrego a foto de quando ela era gorda”. (sic)

Não trazem apenas promessas e agradecimentos, mas também cobranças acerca da melhoria do acesso e da conservação na própria capela:

“Estamos precisando que os donos da Igreja mande fazer conservação da estrada da Igreja que esta em pecima conservação, de pó na imagem de S. Severino e em todas imagem”. (sic)

Poderiam multiplicar-se os exemplos, mas finalizamos com um que acena para a existência de uma devota e sua relação sincrética entre o catolicismo com o espiritismo. E mais, faz uma incomum referência a Nossa Senhora da Luz :

¹⁶⁶ Diário de Pernambuco, caderno Vida Urbana, coluna Terceira Idade, Recife: 25/07/2004.

Bom dia meu São Severino dos R.
Eu peço sua ajuda para que meu filho **Allan Kardec** fique no quartel e seja um guerreiro como o senhor foi quando ele ficar eu trago a foto dele que Deus e Nossa Senhora da Luz nos abençõe amem. (sic)

3.2.4. Um Domingo de Ramos

As romarias ao Santuário de São Severino acontecem em fluxo contínuo, diariamente, principalmente aos domingos, crescendo o número de romeiros a partir do mês de setembro até a chegada do Domingo de Ramos¹⁶⁷. Pois, perdida a identidade do santo, a piedade popular tratou de escolher o Domingo de Ramos como o dia de maiores festejos em louvor a São Severino, possivelmente por ser ele do [engenho] Ramos. Neste dia de maior festejo a multidão costuma ser estimada em 30 mil pessoas.¹⁶⁸ A maioria chega em ônibus fretado, a partir das primeiras horas do dia. Alguns chegam no dia anterior e se acomodam como podem, dormem nos veículos ou na calçada do templo.



Figura 54: Chegada dos romeiros na noite do sábado
(foto: Alba Marinho, 2007)



Figura 55: Chegada dos romeiros na noite do sábado
(foto: Alba Marinho, 2007)

¹⁶⁷ Festividade com que se comemora a entrada de Cristo em Jerusalém, e que marca o início da semana santa. Dependendo do calendário religioso, pode acontecer no mês de março ou de abril.

¹⁶⁸ Jornal do Commercio, Recife: 24 de março de 2002



Figura 56: Pernoite dos romeiros do sábado para o Domingo de Ramos – bar após o cemitério da Igreja (foto: Alba Marinho, 2007)



Figura 57: Pernoite dos romeiros do sábado para o Domingo de Ramos – lateral da Igreja (foto: Alba Marinho, 2007)

Em dias assim, poucos veículos conseguem espaço nos estacionamentos, a maioria permanece fora das terras do santuário, ao largo da rodovia de acesso, formando uma longa fila de ônibus que margeia os três quilômetros da pista que dá acesso ao santuário.

A cerimônia religiosa mais propriamente dita geralmente se restringe a uma missa realizada semanalmente, às dez horas do domingo. Neste dia de Ramos, excepcionalmente, é comum acontecer duas missas, subseqüentes, no interior da capela. Mesmo assim, uma multidão permanece sem acesso ao templo.



Figura 58: Missa do Domingo de Ramos – nave da Igreja (foto: Gil Marinho, 2006)



Figura 59: Missa do Domingo de Ramos – adro da Igreja (foto: Gil Marinho, 2006)

Não há procissão e, segundo observa Maria Ângela Vilhena, aos guardiões e aos devotos parece ser inaceitável aos santos a reclusão a que são submetidos. Daí a necessidade das procissões, momento em que se expõem, são festejados, reverenciados e aplaudidos.¹⁶⁹



Figura 60: imagens veneradas acompanham os romeiros (foto: Gil Marinho, 2006)



Figura 61: imagens veneradas acompanham os romeiros (foto: Gil Marinho, 2006)

Talvez seja por isso que os romeiros providenciam a solidariedade dos outros santos para que compareçam à festa, mesmo daqueles ainda não canônicos, tais como Frei Damião e Padre Cícero. Raro é o ônibus que não exibe uma imagem desses 'visitantes' que ocupam um lugar bastante privilegiado: logo à frente, ladeando o motorista, como se fora ele o real condutor dos viajantes. Alguns representados através de uma simples estampa, já outros têm suas imagens adornadas de tal forma que parecem prontos para sair em um andor.

No domingo, logo cedo se forma uma longa fila na lateral externa da capela, são os pagadores de promessas. Eles se dirigem a uma pequena loja localizada na parte interna, onde são disponibilizados os mais diversos tipos de ex-votos. A maioria em

¹⁶⁹ VILHENA, Maria Ângela. O peregrinar: caminhada para a vida, *In Turismo religioso*, 2003, p. 21

cera, poucos em madeira. Espadas em matéria plástica, animais em gesso ou louça. Corpos humanos, sobretudo em partes - cabeças, braços, pernas, pés, mãos, corações e outros órgãos, tal qual peças de um estranho quebra-cabeças que dariam para montar diversas criaturas inteiras. Ou, como dizia Mauro Mota, “Talvez se conseguisse fazer um levantamento das doenças pernambucanas através dos ex-votos deixados nas capelas de São Severino do Ramo e de Santa Quitéria”.¹⁷⁰



Figura 62: fila de acesso à loja de ex-votos e ao altar de São Severino (foto: Alba Marinho, 2006)



Figura 63: Loja de ex-votos (foto: Alba Marinho, 2006)

Nos dias atuais seria praticamente impossível desenvolver tal levantamento, face ao diminuto tempo que permanecem em exposição. Saindo da lojinha, os fiéis subirão apenas um degrau e já estarão no interior da Igreja, no altar de São Severino. Aí, farão seus rápidos agradecimentos e depositarão o seu ex-voto que, imediatamente, retorna para a loja através dos zeladores do templo. Os mesmos objetos retornarão ao altar, repetidas vezes, pelas mãos de outros romeiros, formando um circuito fora do comum que se poderia chamar de “ex-ex-votos”.

¹⁷⁰ MOTA, Mauro. **Antologia em verso e prosa**, 1982, p. 72. O Santuário de Santa Quitéria está localizado no município de São João, agreste pernambucano.



Figura 64: Romeiros diante do Altar de São Severino –
benção das folhagens e plantas medicinais
(foto: Gil marinho, 2006)



Figura 65: Romeiros diante do Altar de
São Severino
(fotos: Alba Marinho, 2005)



Figura 66: pagamento de promessa
(foto: Alba Marinho, 2006)



Figura 67: benção da “água milagrosa”
(foto: Alba Marinho, 2006)

Bem poucos estarão a salvo desse eterno circular: fotos e roupas. Além daqueles que não estariam incluídos na categoria de agradecimentos, mas sim de pedidos: os vasilhames com água, carteiras de cigarros para que se consiga a libertação do vício, os ramos de vegetais etc. Para esses, poucos segundos no altar são suficientes para que estejam potencializados em suas energias curativas, graças à intercessão de São Severino. Roupas são distribuídas entre as famílias carentes dos povoados vizinhos. Já as fotos, em sua maioria, são colocadas em uma grande caixa existente no interior da capela.



Figura 68: Romeiros diante do Altar de São Severino (fotos: Alba Marinho, 2007)



Figura 69: Missa (foto: Alba Marinho, 2007)

Tudo acontece sob os olhos de um povo emocionado que vai lotando a igreja à espera da missa. Ante o miraculoso, as reações são as mais diversas. Alguns silenciosos e contritos, outros exaltados, trêmulos e com olhos lacrimejantes. De vez em quando, pode-se ouvir o cantar de um grupo que se aproxima. As cantigas dos romeiros são ouvidas nessa e em muitas outras ocasiões: chegada e partida, nas noites de vigília passadas do santuário.

Meu São Severino fique em seu altar.
Eu venho de tão longe pra lhe visitar.

Meu São Severino adeus queu me vou
Até paro ano se nós vivo for.

Se nós vivo for, se nós não morrer.
A sua visita nós volta a fazer.¹⁷¹

Especificamente nesta cantiga dos romeiros, fica clara a imbricação muitas vezes encontradas em manifestações populares tradicionais, neste caso, com o auto natalino denominado Pastoril, cujas apresentações se enceram no dia 6 de janeiro, dia dos Santos Reis, acontecendo a queima da Lapinha¹⁷². Despedindo-se do Menino Jesus, de Maria, José e do público em geral, assim cantam as pastorinhas:

Adeus, adeus
Que eu me vou,

¹⁷¹ Trecho de canção coletada por Flávia Mousinho, uma das herdeiras do engenho.

¹⁷² A Queima da Lapinha é a cerimônia na qual são recolhidas as palhas e flores que ornamentavam o altar. As pastorinhas em cortejo, cantando e dançando, encaminham-se até o local onde é ateado fogo no material recolhido. Enquanto houver fogo as pastorinhas cantam e dançam, despedindo-se com a jornada do adeus.

Até para o ano
Se eu viva for¹⁷³

Alheios aos pesquisadores, quem antes cantava as cantigas de romeiros, faz coro aos grandes sucessos musicais lançado pelo mercado fonográfico com vistas ao público religioso. Assumindo a gestualidade coreografada, os ramos são acenados alegremente, lembrando adereços de mãos. Ninguém parece lembrar que a capela é dedicada a Nossa Senhora da Luz.



Figura 70: Missa do Domingo de Ramos – bênção com água benta (foto: Alba Marinho, 2007)



Figura 71: Missa do Domingo de Ramos – pedido de bênção para as folhagens e para a “água milagrosa” (foto: Alba Marinho, 2007)

Finda a missa, diversos romeiros iniciam sua viagem de volta, mas a maioria circula pelo entorno mais próximo ao templo, dando testemunho material da gratidão através de outros símbolos de fé: acende-se velas, solta-se fogos, visita-se a “Casa dos Milagres” ou o “Museu” como preferem os frequentadores. Como qualquer viajante, consomem, compram objetos religiosos, recordações para parentes e amigos, tiram fotografias, e os mais animados dançam.

¹⁷³ PEREIRA DA COSTA, F. A . **Folk-lore pernambucano**, 1974, p.494.



Figura 72: local para acender velas
(foto: Alba Marinho, 2005)



Figura 73: Queima de fogos ao lado da Igreja (foto: Gil Marinho, 2005)

Os Ritos, ou seja, as regras e as cerimônias que se observa na prática religiosa, ou não, é sublinhado pelo pensamento de Durkheim em relação a festas de um modo geral, quando diz:

"toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso".¹⁷⁴

É assim que tudo acontece, esfumando fronteiras entre o sagrado e o profano. A igreja terá as suas portas fechadas às 16 horas. O milagroso São Severino não mais poderá ser visitado, permanecerá isolado no interior da Capela de Nossa Senhora da Luz até as 7 horas do dia seguinte, isto é, caso não resolva espairer e fazer uma de suas andanças pelas terras do Engenho Ramos. Lá fora, bares e restaurantes ainda podem estar em animado funcionamento. A multidão que constrói, mantém e transforma o espaço sacralizado, se desloca rumo as mais diversas destinações. Quem são essas pessoas, quais os roteiros que fazem, que redes geográficas estão a tecer.

¹⁷⁴ DURKHEIM, In Rita Amaral, **A festa como objeto e como conceito**, www.aguaforte.com/

CAPÍTULO 4. PERFIL DOS VISITANTES, TERRITORIALIDADES E TESSITURAS DA REDE.

Sabe-se que, acentuadamente em tempos de globalização, a construção do espaço cultural não se esgota, mas está em constante mudança: uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda que é o resultado do contato de um sistema cultural com um outro. Se no primeiro caso geralmente acontece de uma forma mais lenta, no segundo pode se dar de maneira bem mais rápida e até mesmo brusca.¹⁷⁵

Um aspecto a ser destacado é que esta investigação está pautada sob o prisma da cultura, onde a geografia, a religiosidade e o turismo são vistos como uma possibilidade de formação humana constituinte de novos sujeitos que, por meio desta vivência, percebam-se como cidadãos inseridos no contexto social como produto e produtores da cultura e do espaço geográfico.

Quando o olhar sobre o espaço turístico é orientado pelos valores culturais, remete ao raciocínio acerca da diversidade humana, presente nos diferentes grupos sociais. É nessa linha da diversidade que Edgar Morin e Felipe Quéau, para citar apenas dois dos pensadores atuais, visualizam uma filosofia de solução para os problemas globais. Para ambos, precisamos de uma cultura capaz de nos ajudar a pensar o global com o local. *Uma cultura glocal*, escreve Quéau.¹⁷⁶

Para refletir acerca do local é conveniente destacar o contexto eclesiástico das terras do santuário. O município de Paudalho permaneceu sob a jurisdição do Arcebispado de Olinda até o ano de 1918, quando foi criada a Diocese de Nazaré da Mata, a qual passou a pertencer. Mas conforme já foi dito, o santuário está em uma propriedade privada. Assim, podemos dizer que a manifestação da religiosidade acontece, de certa forma, autônoma e livre de sujeição à igreja institucionalizada.

¹⁷⁵ LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**, 2002, p. 96

Desse aspecto das relações entre homens e santos, entende Hoonaert que a religiosidade não provém apenas da catequese. E que na sua manifestação é possível observar fontes mais profundas, provenientes do “ambiente no qual a pessoa nasce e cresce, na tradição oral, nos costumes herdados dos antepassados”.¹⁷⁷

Em outras palavras, Azzi ressalta as profundas raízes culturais fincadas no Brasil, através do catolicismo tradicional e popular. Diz ser este aspecto extremamente importante por permitir que o povo expresse a sua fé de acordo com “categorias, valores e símbolos condizentes com sua formação familiar, comunitária, e com o ambiente no qual vive”.¹⁷⁸

Até determinado ponto, o engenho Ramos pode ser visto como um exemplo da afirmativa de Freyre, ao dizer que no Brasil a casa-grande venceu a Igreja. No princípio da colonização, a Igreja manifestou-se para ser a dona da terra, porém, “vencido o jesuíta, o senhor de engenho ficou dominando a colônia quase sozinho. O verdadeiro dono do Brasil. Mais do que os vice-reis e os bispos”.¹⁷⁹ Entretanto, é bom lembrar que no Ramos, com o passar dos anos, a desativação da unidade produtiva açucareira e o desuso residencial por parte dos proprietários, a prática religiosa, bem como a produção do espaço, foi ficando cada vez mais entregue aos romeiros de São Severino, mas quem é essa gente *protagonista* desta história?

¹⁷⁶ QUÉAU, Felipe, in: MORIN, Edgar. **A religião dos saberes**, 2001 p. 460-480.

¹⁷⁷ HOONAERT, Eduardo. **Distinção entre “Lei” e “Religião”**, p. 606.

¹⁷⁸ AZZI, Rioldo, *Catolicismo popular e autoridade eclesiástica na evolução histórica do Brasil*, em *Revista Religião e Sociedade* nº 1, 1977, p. 147.

¹⁷⁹ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*, 2001, p. 50

4.1. Os *protagonistas anônimos*¹⁸⁰

No que diz respeito à elaboração do perfil dos freqüentadores do Santuário de São Severino, o indivíduo é pensado enquanto personagem depositário de tradições enraizadas, construídas a partir de práticas sociais concretas e diferenciadas. Conhecer os *protagonistas anônimos* é aqui visto como essencial ao entendimento da difusão espacial da devoção a São Severino; saber acerca da freqüência com que visitam o Santuário e quais são as suas motivações, é extremamente relevante à compreensão da paisagem, das territorialidades e da configuração da rede geográfica.

Desse angulo, a investigação é sensível a Dupront, quando diz que através da experiência religiosa, “o homem vive num ritmo lento, o qual oferece, quando apreendido em seu próprio movimento, uma extraordinária e talvez única possibilidade de decifrar confissões e testemunhos”.¹⁸¹ De igual maneira, está inteiramente de acordo com Roger Bastide quando entende que, malgrado seu caráter de comemoração e de eterno recomeço de um mito, “as religiões mudam como todos os fatos sociais”.¹⁸² E, concomitantemente, as práticas, devocionais ou não.

Nesse sentido, procedemos as análises qualitativas e quantitativas com enfoque centralizado no indivíduo, recorrendo ao imaginário, à circulação e à apropriação das

¹⁸⁰ Expressão copiada de Ronaldo Vainfas, significando, neste, caso, todas as gentes que visitam o Santuário.

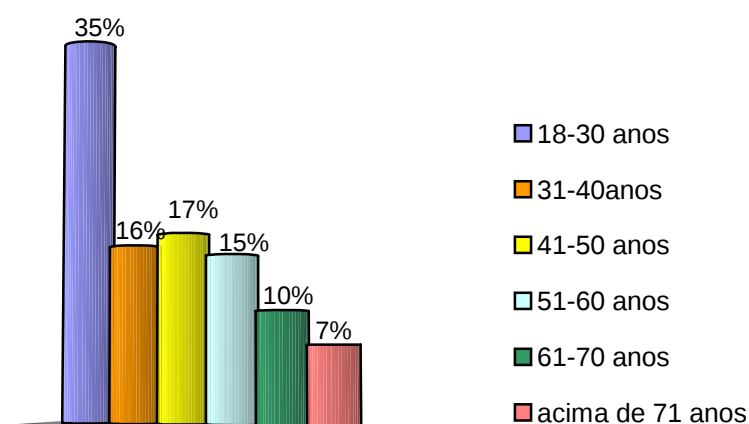
¹⁸¹ DUPRONT, Alphonse. A Religião: Antropologia religiosa, *In* Le GOFF e NORA, (orgs.), **História: novas abordagens**, 1976, pp 83 e 84.

¹⁸² BASTIDE, Roger. **Sociologie des Mutations Religieuses**, *In* www.aguaforte.com/antropologia

idéias que mantêm e realimentam as romarias ao santuário. Através da pesquisa quantitativa foram coletados os dados mensuráveis pela estatística: origem, idade, sexo, frequência de viagens ao santuário e motivação. Todas as entrevistas foram realizadas através da abordagem pessoal, contemplando os mais diversos ambientes com fluxo de visitantes: capela, comércio e demais espaços.

No que diz respeito à investigação do perfil dos frequentadores do Santuário de São Severino Mártir do Engenho Ramos, foi considerado um universo composto por cem visitantes – condição que excluiu os comerciantes e os residentes em terras do Engenho – todos maiores de dezoito anos. Assim definido, o dia escolhido para a realização da pesquisa foi o 04 de março de 2007, um domingo, dia da semana em que o Santuário tradicionalmente recebe grande número de pessoas. A amostra da população foi adequada à estimativa de 90% de possibilidade de acerto. Ou seja, a amostragem tem a virtude probabilística de ter grande chance de estar próximo aos parâmetros populacionais, e pequena chance de estar longe deles. (O modelo de questionário aplicado se encontra no apêndice B)

Distribuição por faixa etária



Quanto ao gênero, foram entrevistadas 67 mulheres e 33 homens, dentro de uma faixa etária predominante jovem, entre os 18 e os 30 anos. As mulheres apresentam uma idade média de 43 anos. A mais idosa, 85 anos, residente em Caruaru-PE, viajou em excursão com amigos e estava no Santuário para pagar uma promessa e pedir uma nova graça. Já os homens apresentaram uma idade média de 40 anos, sendo o mais velho de 79 anos. Morador em Ferreiros-PE, este senhor jamais recebeu qualquer tipo de graça por intervenção de São Severino, apesar disso estava no Santuário pela sexta vez e motivado pela religiosidade. Convém lembrar que neste universo não foram incluídas as crianças e os adolescentes pois, em geral, são mais dependentes dos adultos quanto à definição dos destinos de suas viagens. Entretanto, observa-se que é grande a presença destas faixas etárias.

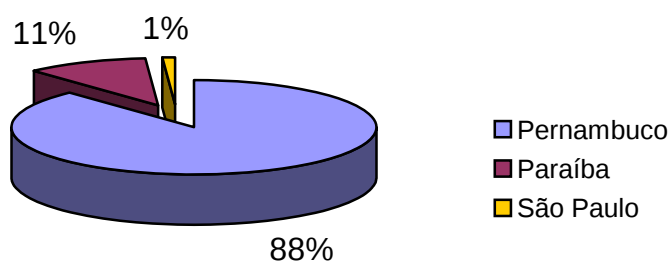


Figura 74: crianças chegando ao santuário em pau-de-arara (foto: Gil Marinho, 2007)



Figura 75: crianças em banho no rio Capibaribe (foto: Gil Marinho, 2007)

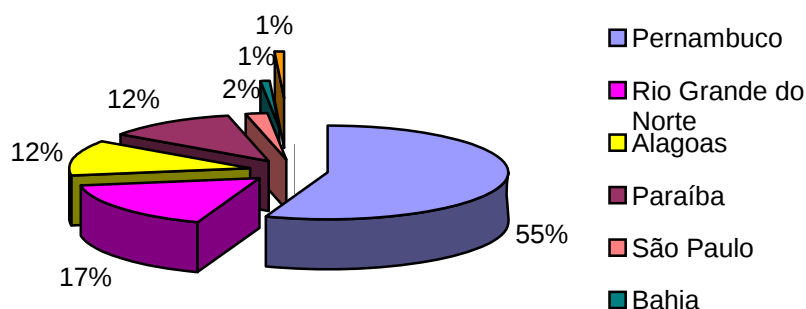
Origem dos entrevistados por estado de residência



A investigação quanto à difusão espacial da devoção, através da origem dos entrevistados por origem de residência, mostrou que a imensa maioria de 88% deles é do próprio estado de Pernambuco, 11% do vizinho estado da Paraíba e, de acordo com a distância geográfica em relação ao Santuário, apenas 1% da região sudeste, mais precisamente do estado de São Paulo. (Um detalhamento da origem dos entrevistados por cidade de residência pode ser visto no apêndice C).

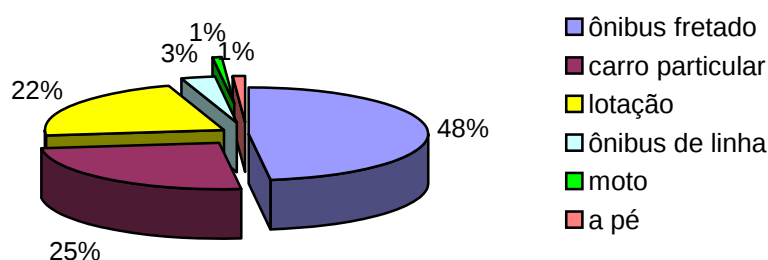
Entretanto, é oportuno lembrar que a visita ao Santuário acontece em fluxo contínuo, e os números acima se referem apenas aos visitantes que compareceram em um determinado dia, assim, o que aparenta ser uma prática local ou regional pode ter na realidade um raio de abrangência bem mais amplo. Principalmente nos dias de maior fluxo, não é rara a presença de grupos vindos de Sergipe, Ceará,

Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e até mesmo de estados bem mais distantes como o Rio Grande do Sul. Um bom exemplo pode ser visto no gráfico abaixo, representando os ônibus que estavam no local no Domingo de Ramos, dia 13 de abril de 2003:¹⁸³



Voltando a delinear o perfil dos entrevistados da pesquisa do dia 04 de março de 2007, o meio de transporte mais utilizado pelos visitantes foi o ônibus fretado, atingindo o percentual de 48%, conforme se vê abaixo:

Meio de transporte utilizado



Em relação aos estudos realizados anteriormente no local, é comum a afirmativa que os romeiros viajam em velhos e desconfortáveis caminhões do tipo *pau-de-arara*,¹⁸⁴ mas esta não foi a realidade encontrada, eles podem ser avistados, mas em número

¹⁸³ MARINHO, Alba. **Devoção e diversão em tempo de globalização**, 2005, p. 65

reduzido, tanto que não apareceram na amostragem. Além do ônibus fretado e de linha, os demais veículos coletivos eram *lotações*,¹⁸⁵ sobretudo do tipo conhecido por *toyota expandida*, transporte bastante utilizado na região.

Apesar da bicicleta não aparecer como meio de transporte é comum ser utilizada por grandes grupos. Campelo¹⁸⁶ fala sobre um grupo composto por setenta homens vindos de Recife e João Pessoa. Viajando com pouca bagagem, apenas o necessário para um mínimo de conforto: colchões ou esteiras, mais raramente trazem uma barraca para camping. Em suas mochilas, além dos objetos de uso pessoal, camisetas e outras lembranças para fazer troca ou presentear colegas de grupos semelhantes oriundos de outros lugares. Marinaldo, organizador do grupo de ciclistas vindos do Recife, diz que há dez anos, no terceiro domingo de novembro, vem com grupos de até cento e cinquenta, duzentas ou trezentas bicicletas. E acrescenta, “É um lazer que nós temos. É como se fosse um compromisso sério”.



Figura 76: romaria ciclística a São Severino do Ramos (foto: Alba Marinho, 2007)



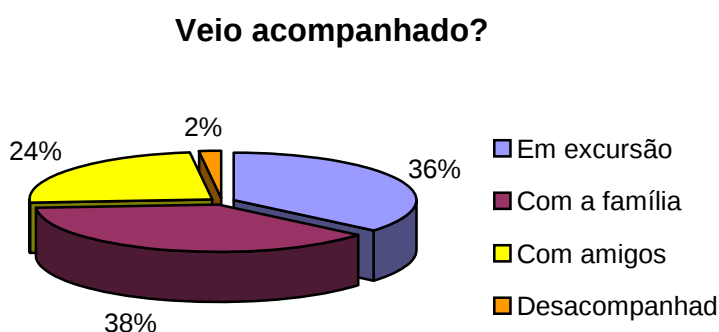
Figura 77: romaria eqüestre a São Severino do Ramos (foto: Acervo Flávia Mousinho, s.d.)

¹⁸⁴ Caminhão geralmente coberto por uma lona, que tem na carroceria tábuas colocadas atravessadas, às quais os viajantes se assentam ou agarram.

¹⁸⁵ Automóvel, geralmente de praça, usado no transporte coletivo, e que cobra determinada quantia individualmente por passageiro.

¹⁸⁶ CAMPELLO, Carlos. **São Severino dos Ramos**, 1997? p. 7-9

Alguns grupos são tão tradicionais que chegam a aparecer no calendário de eventos do Estado. Por exemplo, a romaria ciclística que sai do município de Paulista, anualmente, no mês de novembro com “participação de aproximadamente 8.000 ciclistas que partem de Paratibe até São Severino dos Ramos em Paudalho para louvar ao Santo e pagar promessas”.¹⁸⁷ Por volta do mesmo período, também anualmente, acontece a romaria eqüestre. Além dos meios de transporte citados, não é raro avistar-se pequenos grupos a cavalo e, mais raramente, em charretes. Da mesma forma, encontra-se grupos de caminhada.



Sendo o meio de transporte coletivo o mais utilizado, é natural que 36% dos visitantes tenham vindo em excursão. Na verdade, 98%, ou seja, praticamente todos viajam em grandes grupos compostos por parentes e/ou amigos, vizinhos, membros de uma mesma comunidade religiosa ou qualquer outro tipo de associação. Entre os raros desacompanhados estava uma senhora de 53 anos, residente em São Paulo, que para lá se dirigiu em veículo particular, católica, mas motivada apenas pelo passeio.

Evidentemente a imensa maioria, 95%, é composta por praticantes da religião católica. Mais 2% se declarou católico, porém não praticante. 1% de identificação

¹⁸⁷ EMPETUR: <http://www.empetur.com.br>

como praticante do espiritismo, e mais 1% de afirmação de não ter nenhum vínculo com qualquer tipo de religião e, em sentido oposto, 1% de crença em todas as religiões.

As pessoas que se declaram católicas não praticantes eram do sexo feminino. A mais jovem, 37 anos, moradora no Recife, veio em excursão e foi motivada pelo passeio, a mais idosa, 60 anos, residente em Jaboatão dos Guararapes, área metropolitana do Recife, também viajava em grupo e estimulada pelo passeio. A pessoa que se declarou sem religião foi uma jovem de 24 anos que, entretanto, afirmou haver obtido uma graça de cura de doença através de São Severino. Naquele dia estava pela décima vez no Santuário, acompanhada por amigos e estimulada apenas pelo passeio. Do mesmo modo o espírita, um rapaz de 26 anos, obteve o mesmo tipo de bênção e lá estava acompanhado pela família para pagar a promessa.



Figura 78: comércio “sincretico”. Ao centro, Iemanjá a rainha do mar. (foto: Alba Marinho, 2006)

Já foi levantada a possibilidade do lugar ser utilizado por praticantes das religiões afro-brasileiras, os quais utilizariam o rio Capibaribe e as matas que cercam o santuário para praticar as suas cerimônias. Contudo, não foi conseguida a confirmação dos indícios, nem foi possível “precisar como esse sincretismo acontece em São Severino dos Ramos nem a qual entidade o santo viria a corresponder”.¹⁸⁸ Apesar de ser apenas mais um indício, no capítulo 3, ao falar acerca dos livros de visita, viu-se que algumas pessoas chegam a cometer certa confusão e chamar São Severino por “São Sebastião”. E, neste caso, haveria uma entidade correspondente: Omolu, também chamado de Obaluaiê, protetor dos doentes, senhor das doenças de pele e infecciosas. Um outro sinal é avistado no comércio local, onde gravuras de entidades como Iemanjá, orixá das águas salgadas, são comercializadas junto a outros Santos.

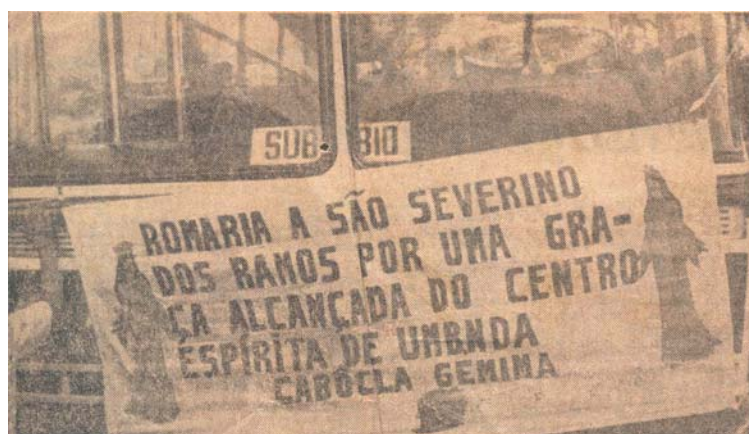


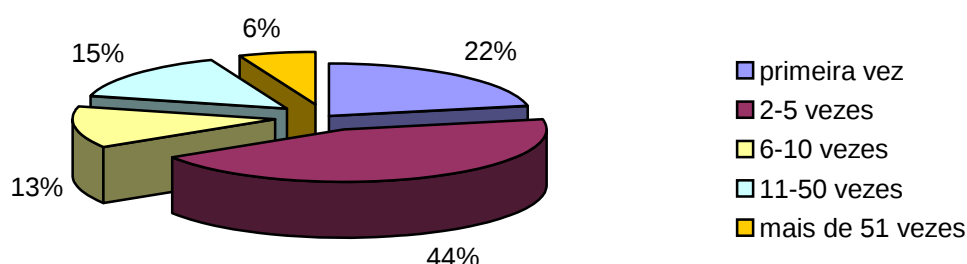
Figura 79: romaria com cunho sincretístico (foto; Jornal do Commercio, Recife: 07.12.1979)

Em relação a umbandistas, ou seja, filiados à religião também sincretística surgida no Brasil, existe mais que indícios, pois, já em 1979, o Jornal do Commercio ilustrava uma matéria sobre o Santuário, onde uma fotografia destacava um ônibus que transportava um grupo de romeiros vindos, por uma graça alcançada, em nome de

¹⁸⁸ MESQUITA e BARRETO. *A comunicação entre o Popular e o Massivo*, 1997, p. 9

um centro de umbanda.¹⁸⁹ Logo, é provável que esse tipo de freqüência permaneça acontecendo, até mesmo porque o espaço oferece elementos geográficos naturais que propiciam as cerimônias sincréticas.

Freqüência de visitas ao santuário

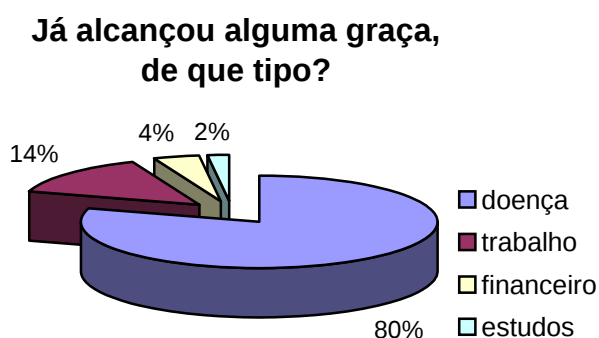


Entre os entrevistados 22% se encontrava no local pela primeira vez, 57% respondeu estar entre a segunda e a décima visita. Muitos tiveram dificuldade em lembrar com precisão o número exato de visitas feitas ao Santuário, mas, estimulados a fazer uma estimativa, 15% disse estar no local entre a décima primeira e a quinquagésima visita. 6% afirmou ser impossível recordar exatamente o número de viagens, mas que certamente ultrapassava a casa das cinquenta visitas a São Severino.

Cinco destes recordistas residiam em Pernambuco: uma mulher de 67 anos vinda do município de Buenos Aires para pagar promessa e passear; outra senhora, 74 anos, de Caruaru, lá estava motivada pela religião, pedir mais uma graça pra se juntar a tantas outras já recebidas; a mais jovem, 39 anos, da cidade de São Lourenço da Mata também fazia sua viagem motivada pela religiosidade; dois homens, 42 e 54 anos, residentes em municípios próximos ao Santuário também tinham a prática

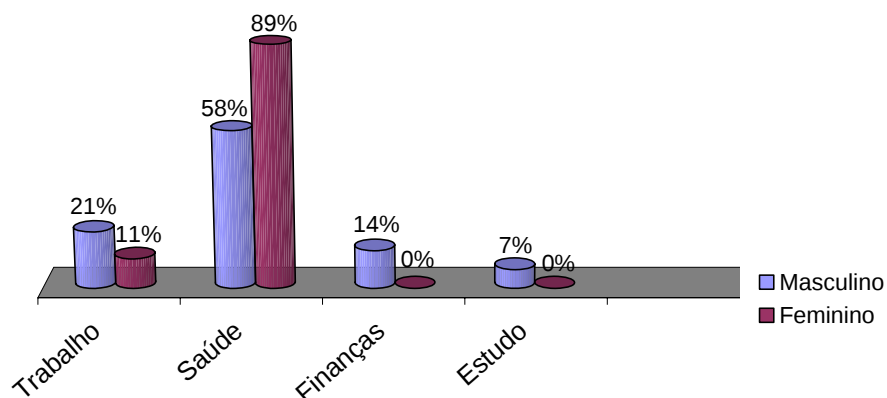
¹⁸⁹ Jornal do Commercio, Recife: 07.12.1979.

religiosa por motivação, o primeiro trazer uma criança para batizar, já o mais velho veio pagar a graça de haver recebido um dinheiro há muito esperado e, ao mesmo tempo, passear e diverti-se em comemoração ao fato. A sexta, uma senhora de 45 anos, moradora em João Pessoa, capital do estado da Paraíba, também lá estava para pagar uma graça alcançada.



Questionados quanto à operosidade do Santo, 49% dos entrevistados afirmaram já ter alcançado algum tipo de graça através de São Severino. Neste segmento, composto por 35 mulheres e 14 homens, as promessas ligadas à saúde física são as mais freqüentes, representando 80% deste universo. Elas envolvem não somente uma relação entre o indivíduo e o santo, mas também os familiares, atuando como ajudantes ou acompanhantes no pagamento das promessas, ou mesmo na autoria do pedido ao santo. É válido lembrar ser freqüente as solicitações de cura feitas em nome de animais.

Tipo de graça alcançada por gênero



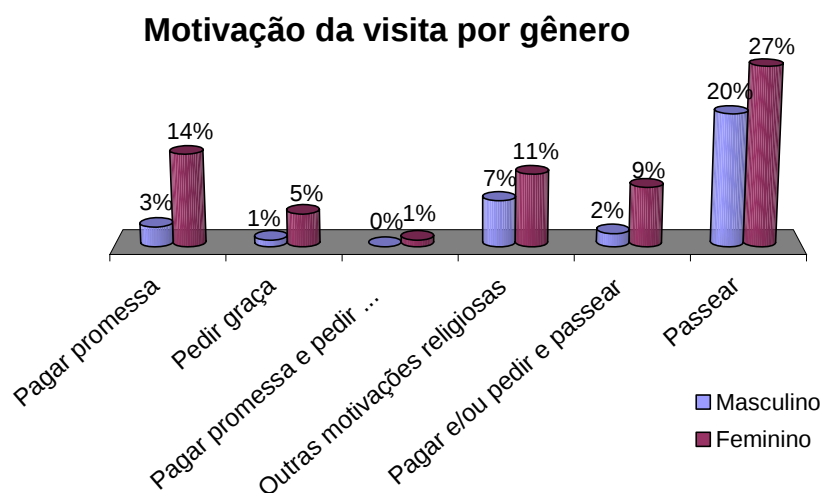
A análise do tipo de graça alcançada proporcional ao gênero esclarece que, mais que as mulheres, os homens focam seus pedidos nas questões de trabalho, finanças e estudo, embora a saúde também esteja no foco principal, chegando a 58%. Já a doença, ou como preferem falar os romeiros, a *saúde* chega a atingir 89% das graças alcançadas pelas mulheres.

Neste item, mais que os percentuais, os depoimentos dão mais consistência ao tecido do campo simbólico. À primeira vista, poderia ser interpretado que São Severino é especializado na cura de doenças de um modo geral, contudo, os depoimentos orais, bem como os agradecimentos que podem ser encontrados nos livros de visita e nas fotografias, conforme tratados no capítulo anterior, atestam ser ele “pau-pra-toda-obra”. E não trata apenas do corpo físico: recupera a saúde mental, acalma os nervos, elimina vícios de todos os tipos, cura feridas de amor, torna fecundas mulheres estéreis.



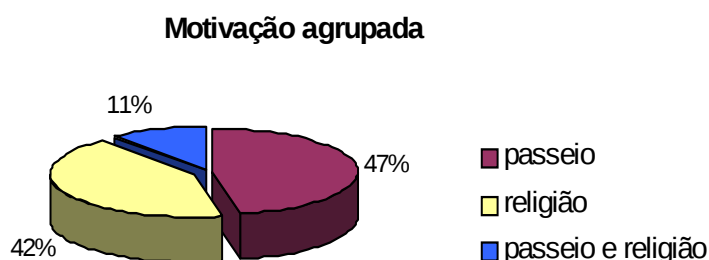
Figura 80: bênção com água benta para o carro novo (foto: Gil Marinho, 2007)

E mais, auxilia estudantes, faz ter boa colheita, resolve problemas financeiros, facilita a compra de bens materiais tais como casas, tratores e carros, conforme se vê acima em fotografia tirada no mesmo dia em que foi realizada esta pesquisa de perfil, 04 de março de 2007.



No campo das motivações para a visita efetuada naquele dia, emerge uma multiplicidade de motivos incorporando campos que muitos ainda entendem como distintos: devoção e diversão. Analisando-se proporcionalmente a motivação por gênero, observa-se que as mulheres atingem percentuais mais altos em todas as classes, até mesmo ao admitir que lá estivesse apenas pelo passeio, em outras

palavras, pela diversão. Em meio às respostas que incluíam a motivação religiosa, encontravam-se os que vieram apenas para fazer uma *visita* ao Santo, assistir missa, participar da cerimônia de batizado e, naturalmente, os que ali estavam para pagar promessas, pedir graças ou ainda por todos esses motivos juntos.



Agrupando-se aqueles que, de forma aliada ou não à religiosidade, incluíram o passeio em suas motivações, chega-se a um percentual de 58%. Cabe destacar ainda que praticamente todos se identificam como *romeiro*, resistem ao uso da palavra *turista*, mas quando colocada a opção *passeio* a maioria não vacilou em incluí-lo entre as suas motivações. Por conseqüência, uma observação mais apressada poderia interpretar que o Santuário seria um território de predomínio do lazer, da fruição, da diversão.

A questão, entretanto, é mais complexa e envolve o reconhecimento de que existe uma fluidez nas fronteiras, pois na relação dialética estes dois pólos são contraditórios somente na aparência, podendo também ser simultâneos e complementares. Tanto assim que em meio às respostas que incluíam a diversão como motivação, um significativo depoimento veio de uma senhora que afirmou já ter alcançado diversas graças, contudo, naquele dia estava apenas a passeio com amigas, pois era o seu aniversário de 64 anos. No momento da entrevista o grupo se encontrava em um bar comemorando animadamente.

Dentro de uma perspectiva cultural, essa imbricação nas motivações dos visitantes não apontaria para o desaparecimento da religiosidade. Antes, confirma a multiplicidade na escolha individual na forma de como as pessoas se filiam e se identificam com o lugar, a religiosidade e o turismo. O que vem ao encontro do princípio defendido por Abumanssur de que, “para as chamadas ‘classes populares’, a religião, o consumo e o lazer fazem parte de uma única e mesma realidade”.¹⁹⁰ Princípio que poderia ser estendido a outras classes sociais.

Nesse ponto, é relevante destacar que os questionários foram aplicados nos mais diversos espaços do santuário, com vistas a contemplar as possíveis distintas territorialidades, sob as seguintes suposições: Território da “devoção” - capela e seu entorno mais próximo - onde se concentram as vendas de artigos religiosos, e nas pequenas nascentes da água tida por milagrosa; Território da “diversão” - bares e restaurantes, comércio em geral e estacionamentos.

Entretanto, ficou demonstrado que essas territorialidades não traduzem a motivação de cada um dos visitantes, pois, considerando o universo dos que declararam haver recebido algum tipo de graça por intercessão de São Severino, 62% dos entrevistados estavam em áreas tidas como território da diversão. Com essa afirmação, não se pretende cair nas generalizações improdutivas, pois é evidente que nem todo romeiro é um turista, da mesma forma, nem todo turista religioso é um romeiro. O que fica evidenciado é ser o espaço geográfico do Santuário traçado por um intrincado sistema de territorialidades.

¹⁹⁰ ABUMANSSUR, Edin. Religião e turismo, *In* ABUMANSSUR (org.) **Turismo religioso**, 2003, p. 65

4.2. As territorialidades

“O espaço é a ‘prisão original’, o território é a prisão que os homens constroem para si”, diz Claude Raffestin. Em sua obra, na qual prevalece o caráter político do território, o autor destaca ser essencial a compreensão de que o espaço é anterior ao território. O território é resultado da ação dos mais diversos atores sociais que, ao se apropriarem de um espaço, concreta ou mesmo abstratamente, territorializam esse espaço. E, ainda de acordo com a perspectiva de Raffestin,

a territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas.¹⁹¹

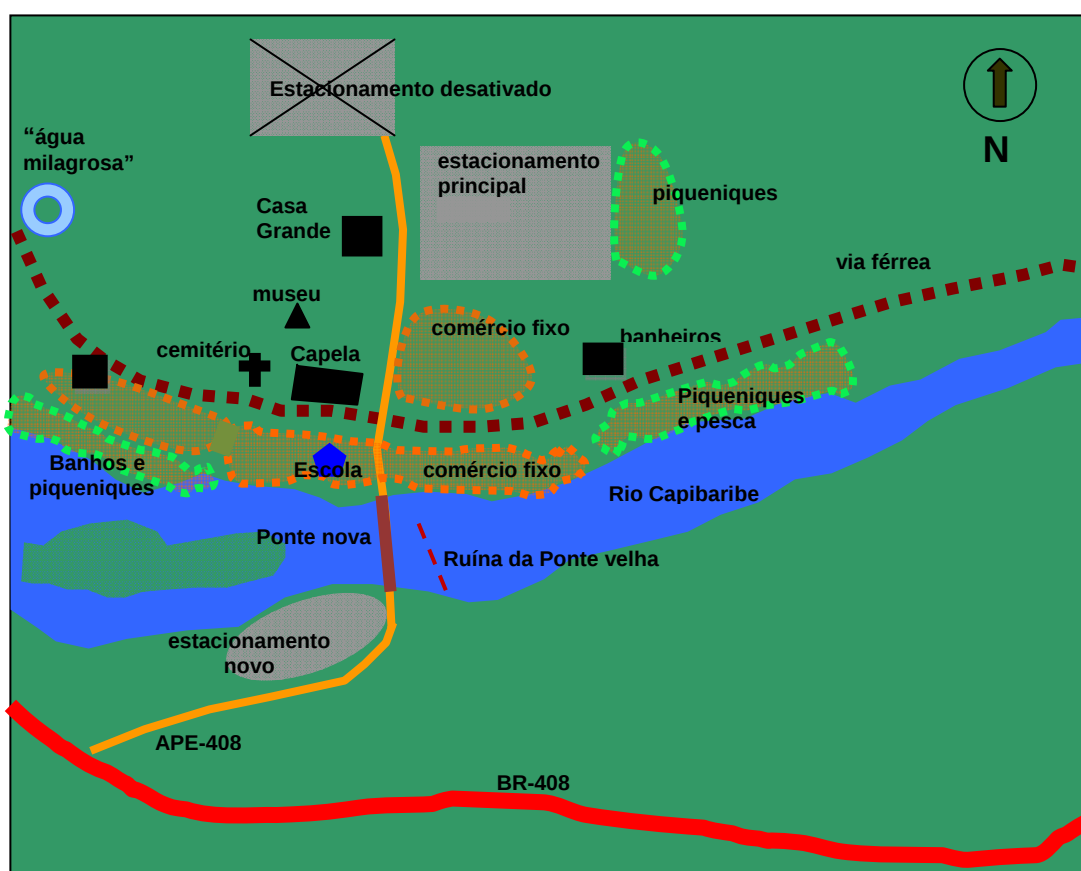


Figura 81: croqui do santuário e seu entorno (fonte: croquis sobre Carta SUDENE 1:25.000, folha Paudalho, 1972)

¹⁹¹ RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**, 1993, p. 143 e 158.

O Santuário e seu entorno é entendido como uma rede de relações onde se tecem múltiplos processos de identificação. E uma primeira característica a ter destaque é ser um espaço dinâmico, território da devoção e da diversão, o que em muito dificulta uma análise mais precisa das suas territorialidades visto que as práticas são muito imbricadas, talvez como em nenhum outro, vez que o Santuário de São Severino está em uma propriedade privada. E mais, conforme exposto anteriormente, o povo é protagonista pois “apesar das dificuldades impostas pela sociedade, o indivíduo, ou o grupo, pode inovar as condições socioespaciais, assumindo o status de ator, ou seja, tem a capacidade de escolher, criar e modificar seus quadros de vida”.¹⁹²

Assim, de forma geral, a territorialidade é híbrida, nela convivem pessoas cada qual com sua territorialidade de origem a se integrar em uma outra territorialidade no destino visitado; cada uma delas com sua motivação, e para que suas expectativas sejam atendidas, forma-se um comércio intenso e diversificado. E, de acordo com o já apresentado ao tratar do comércio, os que lá negociam também vêm de diversos territórios e se inserem em uma territorialidade local. Porém, a despeito da complexidade, é possível observar algumas territorialidades.

¹⁹² RODRIGUES, Adyr. **Turismo e territorialidades plurais**, 2006, p. 303.



Figura 82: Romeiros no interior da Capela. (foto: Alba Marinho, 2006)



Figura 83: Família “típica” composta por várias gerações. (foto: Alba Marinho, 2006)

A Capela e seu entorno mais próximo, onde se inclui o “museu dos milagres” e a área reservada para acender velas, é uma territorialidade não apenas física. É o reduto das relações simbólicas do povo que mantém as tradições culturais mais características da Igreja Católica Apostólica Romana, ainda que sincretizadas com a *matriz religiosa brasileira* exposta no primeiro capítulo.

Este “território do sagrado” congrega grupos das mais variadas origens, gênero e faixas etárias. Entre os mais jovens observa-se um predomínio do sexo feminino. A figura 83 mostra um grupo familiar comumente avistado composto por gerações distintas, ratificando os dados mostrados no perfil do visitante, e justificando as “incontáveis” visitas feitas ao Santuário, pois começa-se ainda criança de colo.



Figura 84: “museu dos milagres” (foto: Alba Marinho, 2005)



Figura 85: área para acender velas (foto: Alba Marinho, 2006)

O pequeno “museu dos milagres” é espaço de predomínio de adultos de meia-idade e de idade mais avançada. Já o local reservado para acender velas, signo de agradecimento e devoção, é território de jovens e velhos, homens e mulheres. Devoção que permite certa intimidade conforme antes apontada por Freyre, observe-se que o jovem de maior estatura, situado ao centro do figura 85 tem a camisa jogada ao ombro e o dorso nu. A esquerda do jovem e mais ao fundo, avista-se gravuras emolduradas, este é o comércio predominante ao redor da Capela.



Figura 86: gravuras em molduras
(foto: Gil Marinho, 2005)



Figura 87: pôsteres
(foto: Gil Marinho, 2006)

Este tipo de artigo é encontrado em barracas, pendurados em árvores ou expostos ao chão. Apesar de estar nos arredores do templo as gravuras emolduradas e pôsteres tanto podem trazer a imagem de Santos quanto de artistas populares ou mesmo de times de futebol de estados geograficamente distantes como o Palmeiras de São Paulo. Em face da variedade de oferta é um território híbrido.



Figura 88: Casa Grande quando habitada
(foto: acervo Flávia Mousinho, s.d.)



Figura 89: comércio em frente à Casa Grande
(foto: Gil Marinho, 2005)

Mesma territorialidade encontrada quando se caminha ao norte em direção a antiga Casa Grande, a qual fica praticamente encoberta pela comercialização de uma enorme variedade de miudezas, flores artificiais, frutas, bonecas e brinquedos artesanais.



Figura 90: Romeiros no porta-malas do ônibus. (foto: Gil Marinho, 2006)



Figura 91: Bar próximo ao estacionamento interno. (foto: Alba Marinho, 2006)

Em frente à Casa Grande fica o principal estacionamento para veículos coletivos. Atualmente é o único estacionamento localizado na área interna do Engenho. Até cerca de um ano havia um outro localizado mais ao norte, mas hoje está desativado. Os ônibus estacionados produzem novas territorialidades. Aqueles financeiramente mais carentes usam os bagageiros para fazerem suas refeições com alimentos

trazidos de casa, embora nas vizinhanças tenha início o comércio com oferta de alimentos e bebidas.



Figura 92: ciclistas
(foto: Alba Marinho, 2007)



Figura 93: barracas com comidas
(foto: Gil Marinho, 2006)

Mais ao sul e próximo à linha férrea a área é ocupada por veículos menores e bicicletas. Concentra grupos de jovens em sua maioria do sexo masculino que se veste de maneira bem informal, quase sempre de bermudas e sem camisas. No lado oposto, atravessando a estrada de ferro, um público consumidor, ainda que de baixa renda.



Figura 94: dança em um dos restaurantes
(foto: Gil Marinho, 2007)



Figura 95: oferta de bebidas em um dos restaurantes (foto: Gil Marinho, 2007)

Não desconsiderando as diversas dimensões do conceito de território e territorialidades, grosso modo, a linha férrea poderia ser considerada como um divisor. O comércio fixo localizado entre a linha e o rio Capibaribe é composto por

edificações em alvenaria, a maioria antigas residências, hoje praticamente todas voltadas à alimentação e/ou diversão. Os territórios se superpõem conforme a temporalidade, por exemplo, bares e restaurantes que pela manhã são freqüentados por casais e famílias com suas crianças ao final dela passam a ser espaços de jovens e adultos mais maduros em busca da diversão.



Figura 96: área de comércio entre a linha férrea e o Rio Capibaribe (foto: Gil Marinho, 2005)



Figura 97: área de comércio entre a linha férrea e o Rio Capibaribe (foto: Gil Marinho, 2006)

A partir daí, no sentido Leste-Oeste, um adensamento comercial que além de alimentação e bebidas, oferta roupas para todas as faixas etárias, lingerie, artigos decorativos e utilitários, aparelhos eletrônicos “importados”, bijuteria e acessórios como bonés, chapéus de palha ou tecido e óculos escuros.



Figura 98: antiga escola (foto: acervo Flávia Mousinho, s.d.)



Figura 99: comércio hoje, em frente à antiga escola (foto: Gil Marinho, 2007)

Todo esse comércio encobre edificações e usos anteriores e estimula novas territorialidades. Prosseguindo pela linha férrea retoma-se o “caminho do sagrado”, caminhando-se para a esquerda pega-se o “caminho da diversão”.



Figura 100: acesso à “água milagrosa”
(foto: Alba Marinho, 2006)



Figura 101: barracas de comidas no
caminho da “água milagrosa”
(foto: Alba Marinho, 2007)

O “caminho do sagrado” leva à nascente da água tida por milagrosa. Durante o trajeto de aproximadamente 500 metros encontra-se bares e barracas com comidas e bebidas. Toda a caminhada é feita sob o sol e em terreno acidentado, sendo a linha férrea o próprio caminho. Esse esforço geralmente é feito por aqueles que estão em busca de cura para si ou para algum parente ou amigo.



Figura 102: pomada de “banha de ema”
(foto: Alba Marinho, 2007)



Figura 103: pomada de “banha de jacaré”
(foto: Alba Marinho, 2007)

Nesta territorialidade, daqueles que se acham em busca da saúde, são ofertadas pomadas de “banha” de “ema”, “jacaré” ou de “tubarão branco”, cujos vendedores

proclamam os poderes curativos das pomadas medicinais para usos tão diversos que podem ir das dores de coluna a hemorróidas. Fazendo-se a opção pelo “caminho da diversão” chega-se a ofertas bem diversas.



Figura 104: lajedos no rio Capibaribe
(foto: Gil Marinho, 2007)



Figura 105: banhos no rio Capibaribe
(foto: Gil Marinho, 2005)

O “caminho da diversão” leva ao Capibaribe, e o rio é uma condição dada pelo meio ambiente que define e estimula a sua territorialidade: área para banhos e pescaria. Crianças e pré-adolescentes se banham enquanto adultos observam acomodados em lajedos.



Figura 106: margem do Capibaribe, estacionamento informal e local de piqueniques. (foto: Alba Marinho, 2007)



Figura 107: trio de forró pé-de-serra
(foto: Alba Marinho, 2006)

Este trecho da margem esquerda do rio Capibaribe é utilizado de forma desordenada para estacionamento de veículos, predominantemente é ocupado

pelas muitas toyotas, algumas vezes por ônibus de prefeituras e veículos de menor porte como microônibus e kombis. A área é bem arborizada e muito utilizada para piqueniques de grupos de amigos e familiares, atraindo barracas de alimentação e animação mais tradicional como grupos musicais.



Figura 108: pagador de promessa
(foto: Alba Marinho, 2007)



Figura 109: Romeiros em pau-de-arara
(foto: Alba Marinho, 2007)

Assim como a devoção e a diversão, as territorialidades também se imbricam. Jovem com “mortalha”, vestimenta típica de muitos devotos, participa de piquenique enquanto aguarda a hora de ir pagar a sua promessa. A área também é preferida pelos romeiros que utilizam o pau-de-arara como transporte. Aliás, observa-se um incremento de uso desta área por interferência “externa”, com a criação do estacionamento novo.



Figura 110: estacionamento externo,
ao longe (foto: Gil Marinho, 2007)



Figura 111: banhos com estacionamento
externo ao longe (foto: Gil Marinho, 2007)

Sabe-se que a dinâmica do espaço envolve sempre criação e recriação de territorialidades, mas as mudanças foram lentas até a construção do estacionamento novo, localizado na outra margem do Capibaribe, portanto, fora das terras do antigo Engenho Ramos. Conforme se viu, os veículos coletivos encontrados no estacionamento interno servem de apoio para os seus passageiros, já os que ficam no estacionamento externo mantêm-se fechados, assim, os viajantes que neles chegaram passam a também utilizar a área mais arborizada. Observa-se ainda que os banhos apenas acontecem na margem das terras do Ramos.

Apesar desse evento, raramente se vê tensões de territorialidades entre os freqüentadores, já o mesmo não se pode dizer quanto aos envolvidos na disputa pelo poder, mas estes não estão no foco desta análise. Quanto à violência e seus desdobramentos, conta-se que os assaltos são mais freqüentes no acesso que vai dar na “água milagrosa”.

Conforme se vê, em relação aos visitantes, as territorialidades mesmo que descontínuas e/ou sobrepostas não se opõem, ao contrário, procuram manter relações. E certamente conforme se posiciona Raffestin em relação ao tema, também procuram influenciar-se, controlar-se, distanciar-se ou provocar uma aproximação, pois são elementos de um sistema de tramas, tessituras, uma rede que pode ser abstrata ou concreta, visível ou invisível.¹⁹³

¹⁹³ RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**, 1993, p. 156

4.3. A rede e suas tessituras

Em todas as reflexões anteriores buscou-se tecer um pano de fundo para as análises que se seguem e que tem por objetivo a confirmação da existência de uma rede interligando os centros de devoção situados no estado de Pernambuco, a partir do Santuário de São Severino Mártir do Engenho Ramos.

A fundamentação desta investigação, que ocorre no contexto das redes geográficas, tomou por padrões de interação os modelos apresentados por Corrêa, que propõe as dimensões organizacional, temporal e espacial como forma de identificar a configuração interna da rede, sua duração, a velocidade dos fluxos e a frequência como a rede se estabelece.



Figura 112: Esquema de localização dos municípios

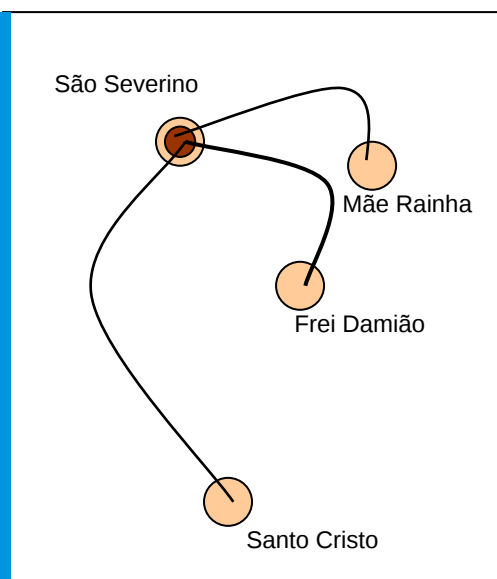


Figura 113: modelo preliminar da formação da rede do sagrado

A questão-problema pesquisada foi provocada pela identificação que, não raro, as visitas ao Santuário de São Severino faziam parte de um roteiro cujo itinerário incluía outros centros devocionais, tais como: Mãe Rainha (Olinda), Frei Damião (Recife) e Santo Cristo (Ipojuca). A formulação do problema partiu da suposição que estes lugares citados, somados ao Santuário de São Severino, talvez articulados a outros destinos, formavam o que parecia se configurar como pontos de uma rede do sagrado em Pernambuco.

Os resultados da pesquisa exploratória realizada no dia 09 de abril de 2006, Domingo de Ramos, conforme sabido dia de maior visita ao Santuário de São Severino, apontavam à mesma direção: dentre os grupos que incluíam outros santuários em seu roteiro, 34% se dirigiam ao Santuário de Frei Damião. A imensa maioria desses grupos tinha sua origem em Alagoas. Já os demais 66% que, além de Frei Damião também incluíam uma visita ao Santuário da Mãe Rainha, eram predominantemente do Rio Grande do Norte. Vejamos os santuários incluídos:



Figura 114: santuário de Frei Damião (foto: Empetur, s.d.)

O Santuário de Frei Damião fica localizado no Pina, bairro da zona sul na cidade do Recife, Pernambuco, mais precisamente no Convento de São Félix de Cantalice, local onde o missionário viveu seus últimos dez anos.

Frei Damião de Bozzano nasceu na Itália em 1898, veio para o Brasil trabalhar na chamada Missão

Pernambuco. Pregador ambulante e carismático, percorreu diversas cidades da região, tornando-se um verdadeiro mito ainda em vida. Faleceu em 1997 tido como santo principalmente pelos sertanejos nordestinos.



Figura 115 Santuário da Mãe Rainha (foto: Empetur, s.d.)

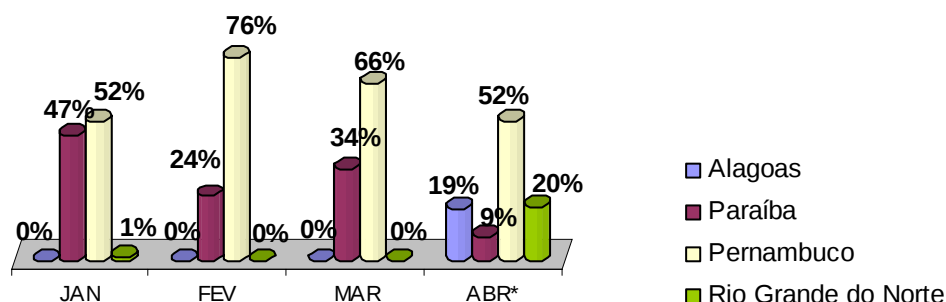
A Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt tem diversos santuários pelo mundo, o citado pelos grupos é o que fica situado no Morro do Peludo, bairro de Ouro Preto, Olinda, Pernambuco.

O Movimento de Schoenstatt surgiu na Alemanha em 1914, e o Santuário de Olinda foi o 11º Santuário de Schoenstatt do Brasil, como marco comemorativo dos 500 anos da descoberta e evangelização das Américas. A construção é singela e semelhante aos demais existentes no mundo, mas em situação geográfica privilegiada. Foi erguido em uma colina, mirante natural que oferece bela vista de Olinda e do Recife, onde existem ruínas do convento de Santo Amaro de Água Fria (1662-1833), que foi sede da Obra Oratoriana no Brasil. A área é Zona Especial de Proteção Cultural e protegida por Lei Municipal.

Até esse momento permanecia a suposição inicial da formação de uma rede do sagrado. Com vistas à investigação sistemática da rede, considerando que a visita ao Santuário de São Severino acontece em fluxo contínuo, mas incrementa-se a partir do início do verão até o Domingo de Ramos, a metodologia

privilegiou o trabalho de campo com a aplicação de questionários, junto aos responsáveis pelos transportes coletivos – ônibus ou pau-de-arara – que se encontravam nos estacionamento do Santuário a cada primeiro domingo dos meses de janeiro a abril* de 2007. Tendo por questão chave a origem do grupo e a inclusão ou não de um outro santuário. (O modelo de questionário aplicado junto aos organizadores e detalhamento da origem dos grupos por cidade pode ser encontrado nos apêndices D, E, F, G e H).

**Origem dos Transportes Coletivos por Estados
2007**



Em janeiro predominaram os deslocamentos espaciais de grupos oriundos do próprio Estado de Pernambuco, seguido bem de perto por originários do vizinho Estado da Paraíba. Em fevereiro há uma predominância absoluta dos grupos de Pernambuco, volume que se repete no mês de março, embora os vindos da Paraíba voltem a apresentar um crescimento significativo. Em abril, data em que a pesquisa se deu no Domingo de Ramos, a origem é mais pulverizada, reaparecem os grupos vindos de Alagoas e do Rio Grande do Norte. Por outro lado, ocorre um decréscimo em relação à Paraíba. Durante todo o período, exceto três paus-de-arara, todos os coletivos eram ônibus.

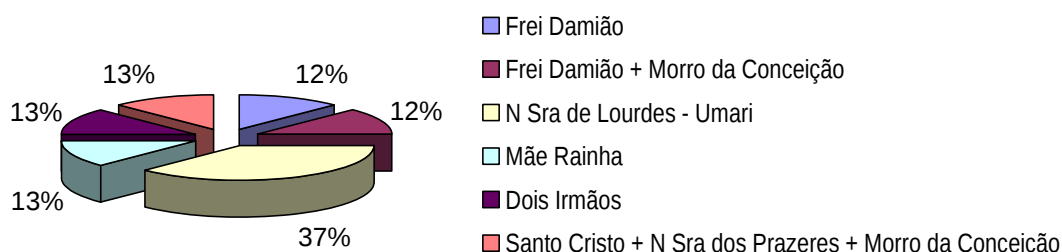
* Domingo de Ramos

Os dados agrupados no gráfico acima possibilitam esclarecer quanto à origem dos grupos, restando a confirmação ou não da formação da rede e de um centro nodal, conforme as recomendações de Roberto Lobato Corrêa, quanto as dimensões organizacional, temporal e espacial como forma de identificar a configuração interna da rede, sua duração, a velocidade dos fluxos e a frequência como a rede se estabelece¹⁹⁴, faz-se necessário uma análise mensal.

Em 07 de janeiro de 2007, entre as 09 e 12 horas foram avistados cerca de 150 veículos coletivos, destes 105, correspondendo a 70% foi possível investigar origem e roteiro. Cabe lembrar que a partir daí a pesquisa passou a contar com um fato novo, conforme citado anteriormente no item que trata das territorialidades: um novo estacionamento, amplo, privado, fora das terras do Santuário, porém bem próximo à ponte que lhe dá acesso. Evento que veio a dificultar a aplicação dos questionários, pois, enquanto os veículos estacionados na área interna sempre estão ocupados por algum integrante do grupo ou pelo motorista, os ônibus que se detêm ao novo estacionamento ficam fechados. Apesar disso, foi possível perceber claramente a ampliação da rede e sua *dessacralização*.

¹⁹⁴ CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**, 2^a ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001 p. 106-110

Outros atrativos incluídos no roteiro 07/01/2007



Como novos pontos *sagrados* da teia surgem o “Morro da Conceição”, Santo Cristo do Ipojuca, Nossa Senhora de Lourdes de Umari, e Nossa Senhora dos Prazeres.

O Santuário de Nossa Senhora da Conceição fica no alto do Morro da Conceição,



Figura 116: Santuário de Nossa Senhora da Conceição (foto: Empetur, s.d.)

situado no bairro de Casa Amarela, Recife, Pernambuco. A imagem venerada veio da França em 1904, ano que a Igreja Católica comemorava os 50 anos da proclamação do dogma da Imaculada Conceição da Virgem

Maria. Data da mesma época a Festa de Nossa Senhora da Conceição, comemorada

em novenário que vai de 30 de novembro a 08 de dezembro. Com o passar dos anos, ampliou-se a devoção e a festa religiosa se tornou a mais concorrida do Recife. O Morro da Conceição tem uma altitude aproximada dos 50 metros e, apesar de ter todo o entorno densamente povoado, do Santuário se tem uma boa visada panorâmica da cidade.

O Santuário do Senhor Santo Cristo do Ipojuca fica no Convento Franciscano de



Figura 117: Santuário de Santo Cristo de Ipojuca.
(foto: Empetur, s.d.)

Ipojuca, município do litoral sul pernambucano. A devoção é muito antiga, mais de três séculos. A imagem milagrosa veio de Portugal, possivelmente em 1663 e sua chegada ao convento está envolvida em uma série de eventos extraordinários, incluindo uma

tempestade que desviou o navio do porto do Recife para a praia ipojucana de Porto de Galinhas. Lá chegando o Santo Cristo foi colocado sobre um carro de bois, porém os animais se recusaram a seguir o carreteiro. E atravessaram pelos canaviais seguidos por curiosos que iam aumentando o cortejo, por fim pararam em frente ao convento. Era nele que o Senhor desejava a sua morada, assim, foi construída a sua capela e a imagem nela entronizada no ano de 1665.¹⁹⁵ A romaria teve seus princípios desde então e a festa ao Santo Cristo de Ipojuca culmina no dia primeiro de janeiro.

O Santuário de Nossa Senhora de Lourdes fica no Sítio Umari dos Crioulos, Bom Jardim, município do Agreste pernambucano. O altar que abriga a imagem está incrustado em um abrigo natural granítico com altura aproximada de



Figura 118: Gruta de Nossa Senhora de Lourdes (foto: Empetur, s.d.)

sete metros. A imagem de foi trazida por um padre no ano de 1914, houve então a celebração da Santa Eucaristia, e o local foi assim transformado em santuário e

¹⁹⁵ WILLEKE, Frei Venâncio O. F. M. *Convento de Stº Antônio de Ipojuca*, separata da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. 13, Rio de Janeiro: 1956, p. 33-39.

centro de romarias. Nossa Senhora de Lourdes tem 11 de fevereiro como seu dia de maiores festejos.



Figura 119: Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres
(foto: Empetur, s.d.)

A Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres integra o Parque Histórico Nacional dos Guararapes que fica em Jaboatão dos Guararapes, município ao Sul do Recife, Pernambuco. Diz a tradição que na época em que se travavam as batalhas finais contra os invasores holandeses, a Virgem fez uma milagrosa aparição aos soldados, diante do Monte Guararapes, para proteger, fortificar as tropas e comandar a vitória dos brasileiros. Em agradecimento pelas vitórias alcançadas nas duas importantes batalhas contra os holandeses, após 24 anos de dominação, mandou-se edificar a Capela votiva. A festa de Nossa Senhora dos Prazeres é uma das manifestações religiosas mais antigas do Brasil. Em data móvel, acontece nos primeiros 10 dias após a Semana Santa. É conhecida como Festa da Pitomba, por acontecer na época da safra da pitomba, fruta tropical, muito comercializada na região.

Sendo um sistema aberto era de se esperar a inclusão de novos nós, principalmente quando se observa que estes centros devocionais foram incluídos no mês de janeiro, ou seja, nas proximidades do período em que são festejados: Santo Cristo no primeiro dia de janeiro; Nossa Senhora da Conceição recém festejada em dezembro; Nossa Senhora de Lourdes a ser festejada nos princípios do mês seguinte, fevereiro.

Nossa Senhora dos Prazeres, embora em data um pouco mais distante, também a ser homenageada no próximo mês de abril. De qualquer forma, janeiro é período de férias, verão, portanto, propício ao surgimento de novas tessituras e novos atrativos, mesmo que não santuários devocionais: o Parque de Dois Irmãos. Um olhar sobre o atrativo esclarece que nada há de se estranhar, quando se tratou das expressões do rito e se viu que os freqüentadores são bem ligados aos animais, assim, é presumível que apreciem estar próximos a eles.



Figura 120: Parque de Dois Irmãos
(foto: Empetur, s.d.)

O Parque Dois Irmãos, bairro de Dois Irmãos, Recife, Pernambuco. Instalado numa área 387,4 hectares, sendo 14 hectares de área construída, o parque se constitui de horto zoobotânico com cerca de 850 animais entre aves, répteis e mamíferos distribuídos em mais de

120 espécies; destaca-se pelas atividades nas áreas de educação ambiental e reprodução de animais em cativeiro; e reserva de Mata Atlântica protegida por Lei Estadual.

A pesquisa realizada em 04 de fevereiro de 2007 surpreendeu pela quantidade de veículos coletivos apenas 38, 76% deles de Pernambuco e 24% da Paraíba. Somente 3% incluíam um outro santuário: Nossa Senhora dos Prazeres, portanto, nenhuma nova articulação foi acrescentada à rede. A baixa no número de veículos possivelmente encontra justificativa no Santuário de Padre Cícero no Juazeiro do Norte, Ceará: 02 de fevereiro está entre os dias de maior fluxo de romarias, trata-se

das viagens em homenagem a Nossa Senhora das Candeias, também venerada como Nossa Senhora da Candelária. E ainda como Nossa Senhora da Luz, ou seja, a mesma que é a “esquecida” padroeira da Capela do Engenho Ramos.

O mês de março reservou surpresa ainda maior, no domingo dia 04, durante o horário de realização da pesquisa, 09-12 horas, não mais que 30 coletivos se encontravam no local, apenas um deles, com placa do Juazeiro do Norte-CE, estava fechado e não foi possível identificar origem ou roteiro. Dentre os demais, 14% deles incluíam um outro atrativo no roteiro: Parque Dois Irmãos. Curiosamente, todos vindos do litoral sul do estado, mais precisamente de Tamandaré e Ipojuca, municípios com algumas das mais belas praias de Pernambuco e até mesmo do Brasil, dentre elas a badalada Porto de Galinhas. A rede foi se confirmando além das teias dos espaços sacralizados.

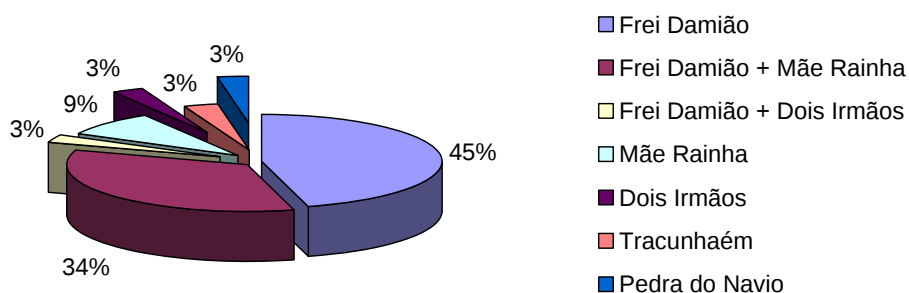
A pesquisa de 01 de abril de 2007, Domingo de Ramos, revestiu-se de maiores expectativas por se tratar do dia em que São Severino é mais festejado. Em face disso, a observação de campo teve início na noite do sábado. Foi então constatado que as 19h30min já se encontravam no estacionamento interno 8 ônibus trazendo grupos vindos de Alagoas. Pessoas de todas as idades que se ajuntavam no entorno dos ônibus e comiam suas refeições aparentemente trazidas de casa. Bem próximo dali, outros vendiam milho assado e cozido, espetinhos de carne e frutas da época como jaca e pitomba.

Os bares fixos tinham pouca frequência, alguns nem chegaram a abrir. A maioria do comércio ambulante ia montando suas barracas e tabuleiros. As 20h15min chegou

um ônibus trazendo comerciantes, dirigiu-se à área próxima ao trecho mais utilizado para banhos no Capibaribe. Pouco depois eles estavam organizando o seu comércio e preparando as comidas que seriam vendidas na manhã seguinte.

Na manhã do domingo, entre 09 e 12 horas, foram avistados 203 veículos coletivos. Deste total 23% estavam fechados. Dos demais, 77% correspondendo a 158 veículos, foi possível identificar origem e roteiro.

Outros atrativos incluídos no roteiro



Os novos atrativos incluídos no roteiro, Tracunhaém e Pedra do Navio, confirmaram que a tessitura da rede amplia-se além dos centros devocionais. Os deslocamentos espaciais também podem buscar outros atrativos voltados basicamente à fruição, como qualquer outro segmento do turismo.



Figura 121: Tracunhaém
(foto: Empetur, s.d.)

Tracunhaém é um município situado ao norte de Paudalho, também inserido na zona da mata norte pernambucana.

A cidade tem destaque como um dos maiores centros de produção artesanal do País. Lá residem e trabalham dezenas de

artistas que produzem peças cerâmicas utilitárias e decorativas - com especial destaque para as imagens sacras.



Figura 122: Pedra do Navio, Bom jardim
(foto: Empetur, s.d.)

A Pedra do Navio está situada na margem da rodovia PE-88, no trevo de acesso ao município de Bom Jardim, cidade do agreste de Pernambuco.

É um atrativo natural que há décadas vem despertando o interesse dos pernambucanos. Trata-se de um

afloramento granítico, onde um bloco em forma de nau repousa *encalhada* sobre outro bloco inferior. Em seu ponto mais alto a pedra atinge aproximadamente 10m de altura.

No dia 16 de dezembro de 2007 foi realizada uma última pesquisa com vistas à validação dos dados anteriormente levantados. Entre as 09 e 12h foram avistados um total de 293 veículos coletivos, número surpreendente quando comparado ao obtido na pesquisa do Domingo de Ramos, um incremento de 45%. Esta elevação de fluxo provocou questionamento, mas tanto o encarregado pelo estacionamento externo quanto os comerciantes da área do Santuário confirmaram o aumento no número de visitantes, muitos chegaram a afirmar que o domingo anterior tivera maior número de freqüentadores.

Do total de coletivos 77% estavam fechados e tinham placas de diversos estados. Além de Pernambuco, viam-se ônibus de Alagoas, Rio Grande do Norte, Ceará e

São Paulo. Os demais 23%, correspondendo a 67 veículos, foi possível identificar origem dos grupos, roteiro e entrevistar alguns organizadores. Quanto à origem 60% eram de Pernambuco, 30% da Paraíba e 10% do Rio Grande do Norte. A maioria tinha o Santuário de São Severino como destino, apenas 15% incluía outros atrativos no roteiro. Dentre os atrativos incluídos tinha destaque Frei Damião, seguido de Mãe Rainha e Nossa Senhora da Conceição. Os organizadores de excursões entrevistados confirmaram ser São Severino o destino principal dos roteiros, e a inclusão ou não de outros atrativos acontece tanto por idéia do organizador quanto a pedido dos passageiros.

A partir das pesquisas realizadas, das considerações acima expostas e dos padrões de interações espaciais propostos por Corrêa, chegou-se ao modelo abaixo:



Figura 123: Esquema de localização dos municípios e dos atrativos

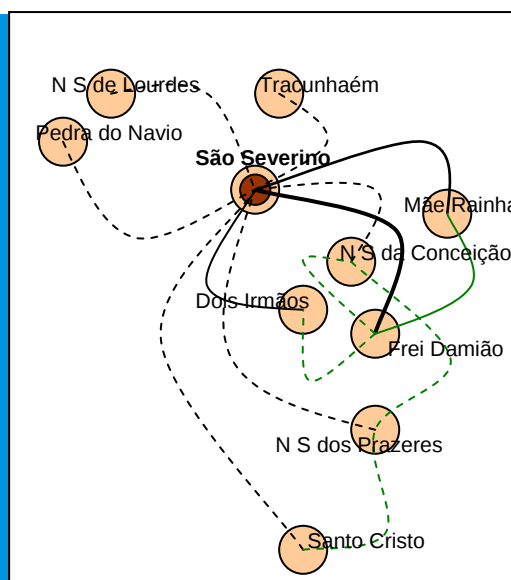


Figura 124: esquema da rede.

- Nós de maior frequência
- - - Nós de menor frequência
- Nós de frequência intermediária
- Nós complementares de maior frequência
- - - Nós complementares de menor frequência

Os resultados da investigação demonstram que o Santuário de São Severino pode ser visto como um fenômeno social e econômico mais amplo e gerador de redes geográficas. Dentre os modelos de Corrêa é aquela mais intrincada, uma “Rede de Múltiplos Circuitos” que se difere das demais redes por oferecer várias ligações entre um mesmo par de nós, podendo ou não apresentar um centro nodal. No universo deste estudo o Santuário de São Severino é o centro nodal e as demais ligações são formadas a partir dele.

Segundo a dimensão espacial é uma rede predominantemente regional, eminentemente informal e complexa. A rede formada apresenta padrões de interações múltiplos e conectados através de fluxos de ordens variadas. O Santuário de Frei Damião é o nó de maior frequência, muitas vezes se une a nós de frequência intermediária como o Santuário da Mãe Rainha e mais raramente ao Parque de Dois Irmãos. Em menor frequência, adaptando-se ao calendário de eventos religiosos, a rede se amplia para outros centros devocionais tais como Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora dos Prazeres, Nossa Senhora de Lourdes de Santo Cristo do Ipojuca. Devido à facilidade de mobilidade na transposição de fronteiras entre a devoção e a diversão, surgem nós de menor frequência como é o caso de Tracunhaém e a Pedra do Navio. Considerando que estes atrativos surgiram na pesquisa de janeiro a abril, é possível inferir que novos nós surjam durante os demais meses do ano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação demonstra que o Santuário de São Severino pode ser visto como um fenômeno social e econômico mais amplo e gerador de uma rede do turismo em Pernambuco. Segundo a dimensão espacial, é uma rede predominantemente regional, eminentemente informal e complexa. Dentre os modelos usados como referência é aquela mais intrincada, uma “Rede de Múltiplos Circuitos” que se difere das demais por oferecer várias ligações entre um mesmo par de nós, podendo ou não apresentar um centro nodal. No universo deste estudo o Santuário de São Severino é o centro nodal e as demais ligações são formadas a partir dele. A rede formada apresenta padrões de interações múltiplos, conectados através de fluxos de ordens variadas onde os centros de romaria têm destaque, entretanto, essa não é exclusivamente uma rede geográfica do sagrado.

Apreende-se que o povo é o mentor e promove os passeios, com ou sem a parceria de igrejas ou prefeituras, e fora da intermediação das agências de viagens legalmente constituídas. O Santuário de São Severino, centro nodal da rede, apresenta um fluxo contínuo de visitas, algo tão almejado pelos que comercializam com o turismo.

Confirma-se a diluição das fronteiras entre a devoção e a diversão, isto não significando uma substituição de identidades, antes uma articulação entre elas. Analisando a diversidade dos discursos e pontos de vista que se fazem presentes, observa-se no uso do termo “turismo religioso” uma conotação secularizada, remetendo a um significado que se afirma de fora para dentro do espaço religioso,

sendo usado preferencialmente em contextos políticos e administrativos institucionais. Já a maioria dos visitantes e organizadores dos grupos, referem-se a essa experiência de deslocamentos por motivos religiosos não como uma forma de turismo, mas como romaria.

Em relação aos organizadores das viagens, é possível que esteja aí um temor de que a utilização do adjetivo 'turístico' venha a despertar o interesse do *trade*, retirando de seus domínios o mercado informal. Do ponto de vista dos visitantes, mesmo daqueles que incluem o passeio entre suas motivações, a utilização da expressão parece dar uma conotação de superficialidade à viagem, fazendo parecer menor a profundidade do seu ato religioso.

Não desconsiderando as diversas dimensões que ficam por ser estudadas, recomenda-se investigar as necessidades de ordenamento e preservação dos elos dessa rede, bem como as implicações políticas, econômicas e as várias intencionalidades nela envolvidas. Na dimensão da geografia do poder, deve-se priorizar o estudo das relações de forças e o emaranhado de interesses que se interpõem e se mesclam na disputa do seu centro nodal, pois, parece distante uma solução amigável quanto ao domínio do Santuário de São Severino.

Cabe ainda insistir que se trata de um tema complexo ainda pouco tratado nos estudos acadêmicos, seja no campo da geografia ou do turismo. Faz-se necessário a ampliação das pesquisas e socialização do conhecimento, não só para encorajar novos projetos no âmbito acadêmico, mas também para servir como subsídios para novas políticas e ações no âmbito do turismo.

REFERÊNCIAS

ABUMANSSUR, Edin Sued. Religião e Turismo: notas sobre as deambulações religiosas, *in*: _____. (Org.). **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Papirus, 2003.

ACI PRENSA. **Santo**. Disponível em: <<http://www.aciprensa.com/santos/santo.php?id=57>>. Acesso em 05 maio 2006.

AGUIAR, Sylvana Maria Brandão de. Perspectivas na História: do ver e ouvir. *In*: I Simpósio Internacional do Instituto Dom Helder Câmara e XXX Simpósio Nacional do Cehila-Brasil, **Anais Eletrônicos**. Recife: UFPE, 2004. CD-ROM.

AMARAL, Amadeu. **Tradições populares** – 2. ed. – São Paulo: Hucitec, 1976.

ANDRADE, José Vicente. **Turismo: fundamentos e dimensões**. São Paulo: Pioneira, 1991.

ARAÚJO, Severino Soares de. **Paudalho Terra dos Engenhos**. Recife: Avellar gráfica e editora, 1990.

AUTORES CATOLICOS. Disponível em:< <http://www.autorescatolicos.org/>>. Acesso em 10 jun. 2006.

AZZI, Riolando, Catolicismo popular e autoridade eclesiástica na evolução histórica do Brasil. **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, nº 1, 1977.

_____. As Romarias no Brasil. **Revista de Cultura Vozes**. Petrópolis: Vozes, v. LXXIII, n.4, 1979.

BAKTHIN, Mikhail. **Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: UNB, 1987.

BANDUCCI, Álvaro; BARRETO, Margarita (orgs.). **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas: Papirus, 2001.

BARONI, Irani; LOPES, Désirée. **Projeto de planejamento da feira livre em São Severino do Ramos**. Monografia de conclusão do curso bacharelado em turismo. Recife: UFPE, 2000.

BARRIO, Angel-B. Espina. **Manual de Antropologia Cultural**. Recife: Massangana, 2005.

BARROS, Nilson C. Crócia. **Manual de Geografia do turismo: meio ambiente, cultura e paisagens**. Recife: UFPE, 2000.

BASTIDE, Roger. Sociologie des Mutations Religieuses, *In*: BASTIDE, Roger. **Le Sacré Sauvage et autres essais**. Payot, Paris, 1975. Traduzida por Rita Amaral. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/antropologia>>.

BELTRÃO, Luis. As piedosas recordações. *In*: SOUTO MAIOR, Mário; VALENTE, Waldemar. **Antologia pernambucana do folclore**. Recife: Massangana, 2001.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. –11. ed. – São Paulo: SENAC, 2006.

BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação no contexto da massa**. João Pessoa: Imprensa universitária, 2000.

_____. **Romaria como turismo religioso**. Recife: 1978.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira**: religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: KOINONIA, 2003.

BOFF, Leonardo. **Igreja, carisma e poder**. Petrópolis: Vozes, 1982.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1997.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do povo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CADÊ MEU SANTO?. Disponível em: <<http://www.cademeusanto.com.br/>>. Acesso em 13 abr. 2006.

CAMPELLO, Carlos Francisco Barreto. **São Severino dos Ramos... de todas as crenças!** Relatório da visita ao santuário de São Severino dos Ramos. Recife: mimeo [1997?].

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e Paradigmas Rivals. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, Adriany Rosa de Matos. **O turismo religioso popular em São Severino dos Ramos: um estudo de folkcomunicação**. Dissertação de Mestrado em Folkcomunicação. Recife: Mimeo/UFRPE, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Folclore do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. – 6. ed. – São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CATOLICANET. Disponível em: < <http://www.catolicanet.com.br/>>. Acesso em 10 jul. 2006.

CENTRO LATINO-AMERICANO DE PARAPSIKOLOGIA – CLAP. Disponível em: <www.clap.org.br>. Acesso em 05 maio 2006.

CHARTIER, Roger. Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995.

_____. **A História Cultura entre práticas e representações**. – 2. ed. – Lisboa: Difel, 2002.

CIPRIANI, Roberto; NESTI, Arnaldo. “Uno sguardo obliquo alla religione popolare in Messico: retablitos e santuari tra cultura e potere”. In: GONZÁLEZ, Jorge. **Programa Cultura da Universidad de Colima**. México, set. 1995.

CLAVAL, Paul. As abordagens da Geografia Cultural, in CASTRO; GOMES; CORRÊA (Orgs.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. – 2. ed. – Florianópolis: UFSC.

CONDEPE – Instituto de Desenvolvimento de Pernambuco. **Paudalho**. Série monografias municipais. Recife: CONDEPE, 1987.

CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia cultural: passado e futuro: uma introdução. In ROSENDAHL; CORRÊA (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

_____. **Trajetórias geográficas**. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

COSGROVE, Denis. Geografia cultural do milênio. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto lobato (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

DAVID, Solange Ramos de Andrade. **Cultura e religião: uma aproximação**. Acta Scientiarum. Maringá: 2001.

DENCKER, Ada Freitas Maneti. **Pesquisa em turismo: planejamento, métodos e técnicas**. São Paulo: Futura, 1998.

DEUTSCHES EPILEPSIEMUSEUM KORK. **Obras de Arte Religiosas**. Disponível em: <<http://www.epilepsiemuseum.de/espanol/kunst/severin.html>>. Acesso em 05 maio 2006.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Caderno Vida Urbana, coluna Terceira Idade. Recife: 25.07.2004.

DIAS, Reinaldo. O Turismo Religioso como Segmento do Mercado Turístico. *In*: DIAS, Reinaldo; SILVEIRA, Emerson J. S. (orgs.). **Turismo religioso: ensaios e reflexões**. Campinas: Alínea, 2003.

DIOCESE DI SAN SEVERO. **Santi Patroni**. Disponível em: <<http://www.diocesisansevero.it/storiadiocesi/patroni/sanseverino.htm>>. Acesso em 05 maio 2006.

DUMAZEDIER, Jofre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUPRONT, Alphonse. A Religião: Antropologia religiosa. *In*: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre(org.). **História: novas abordagens, segunda parte**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosas: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *In*: AMARAL, Rita. **A festa como objeto e como conceito**. Disponível em: <www.aguaforte.com/>

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EMPETUR. Disponível em:<<http://www.empetur.com.br>>. Acesso em 03 abr. 2006.

FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL. Disponível em: <<http://www.ffb.org.br/>>. Acesso em 05 maio 2006.

FERNANDES, José. Educação patrimonial e cidadania. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Anpuh/Marco Zero, v. 13, n. 25/26, set. 1992/ago. 1993.

FREYRE, Gilberto. Santos e quase santos – S. Severino do Ramo. **A Manhã**, Autores & Livros suplemento literário, Rio de Janeiro, v. III, n. 10, 4 out.1942.

_____. Santos e raças, **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 11 nov. 1950.

FREYRE, Gilberto. *Pessoas, Coisas & Animais*. – 2. ed. – Porto Alegre-Rio de Janeiro: Globo, 1981.

_____. *Casa-grande & senzala*. – 43.ed. – Rio de Janeiro:Record, 2001.

_____. Manifesto Regionalista de 1926. Biblioteca Virtual Gilberto Freyre - A Obra / opúsculos. Disponível em <<http://bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos.html>>. Acesso em 15 jun. 2006.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. – 3. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. – 6. ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

_____. In: D'ALÉSSIO, Márcia. Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Anpuh/Marco Zero, vol. 13, n. 25/26, set. 1992 / ago. 1993

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

HERMANN, Jacqueline. História das Religiões e das Religiosidades. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

HOONAERT, Eduardo. Distinção entre “Lei” e “Religião” no Nordeste. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v.29, n.3. Petrópolis, [s.d.]

_____. **O cristianismo moreno do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1991.

INSTITUTO ARQUEOLÓGICO, HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PERNAMBUCO. **Arquivos em genealogia, testamentos e inventários**. Recife, 2003/2004.

JACOBI, Pedro. In: LOUREIRO, LAYRARGUES; CASTRO (orgs.). **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.

JANGADA BRASIL. Disponível em: <<http://jangadabrasil.com.br/>>. Acesso em 08 set. 2005.

JORNAL DO COMMERCIO. Coluna Política. Recife: 05 fev.2002.

_____. Recife: 24 de março de 2002.

JULIA, Dominique. A Religião: História religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). **História**: novas abordagens, segunda parte. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LEGION HERMOSILLO. Disponível em: <http://www.legionhermosillo.com.mx/San_Severo_de_Napoles.html>. Acesso em 05 maio 2006.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). **História**: novas abordagens, segunda parte. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. – 2a ed. – Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LEERS, Bernardino, O. F. M. **Catolicismo popular e mundo rural**. Petrópolis: Vozes, 1977.

LÉVI-STRAUSS. *In*: BOURDIEU. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1997.

MACEDO, Helder; RIBAS, Cristina; MOREIRA, Maria das Neves. De como os mortos viam os vivos: do imaginário dos moradores da comarca do Príncipe, Rio Grande do Norte, Brasil, sobre a morte na segunda metade do século XIX. **Revista de Antropologia Experimental**, número 4. Espanha: Universidad de Jaén, 2004. Disponível em: <www.ujaen.es/huesped/rae/>

MAGNIFICAT. **Santoral**. Disponível em: <<http://magnificat.ca/>>. Acesso em 13 abr. 2006

MARINHO, Alba. **Devoção e Diversão em tempo de Globalização**: um estudo sobre o turismo religioso no Santuário de São Severino Mártir do Engenho Ramos – Pernambuco. Monografia apresentada para o “Prêmio Silvio Romero de Monografias sobre o Folclore e Cultura Popular do Centro Nacional de Cultura Popular – CNCP do IPHAN. Recife: 2005

MELO NETO, João Cabral de. Morte e vida Severina. *In*: _____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994.

MELO, Mário. **Pau d’Alho**: geographia physica e política. [s.l.: s.n.] 1918

MESQUITA, Mariana; BARRETO, Virgínia. **A comunicação entre o Popular e o Massivo na Romaria do Santuário de São Severino dos Ramos**. Recife: 1997.

MEU SANTO. **Escolha um Santo**. Disponível em: <<http://www.meusanto.com.br/>>. Acesso em 13 abr. 2006

MISSA TRIDENTINA. **Santoral**. Disponível em:
<http://ar.geocities.com/misa_tridentina/>. Acesso em 05 maio 2006.

MOLINA, Sérgio. **O pós-turismo**. São Paulo: Aleph, 2003.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1992.

MORIN, Edgar. **A religação dos saberes**: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2001.

_____. **Complexidade e Transdisciplinaridade**. Natal: EDUFRRN, 1999.

MOTA, Mauro. Romaria na Capela de São Severino do Ramo. *In*: **Canto ao Meio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Coleção Vera Cruz, vol. 69, 1964.

_____. **Antologia em verso e prosa**. [s.l.: s.n.] 1982.

_____. **Votos e ex-votos**. [s.l.: s.n.] 1968.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Cartilha de Segmentação do Turismo**. Brasília: [s.n.] 2006.

_____. **Turismo Cultural**: orientações básicas. Brasília: [s.n.] 2006.

_____. **Formação de redes**. Brasília: [s.n.] 2005.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Turismo religioso**. São Paulo: Aleph, 2004.

_____. **Basílica de Aparecida**: um templo para cidade-mãe. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do turismo**: teoria e epistemologia. São Paulo: Aleph, 2005.

PARAÍSO, Rostand. **Esses Ingleses...**. Recife: Bargaço, 1997.

PARÓQUIA ESPÍRITO SANTO. **Santo do Dia**. Disponível em:
<<http://www.paroquiaespiritosanto.com.br/santo.asp?mes=1&dia=8>>. Acesso em 05 maio 2006.

PARROQUIA SAGRADA FAMÍLIA. **Santoral**. Disponível em:
<<http://sagradafamilia.devigo.net/santoral/enero/8enero.htm>>. Acesso em 05 maio 2006.

PAULINAS. **Santo do Dia**. Disponível em:
<www.paulinas.org.br/diafeliz/santo.aspx?Dia=1...>. Acesso em 05 maio 2006.

PEARCE, Douglas G. **Geografia do turismo: fluxos e regiões no mercado de viagens**. São Paulo: Aleph, 2003.

PEREIRA DA COSTA, F. A. **Folk-lore pernambucano**. – 1. ed. – Recife: Arquivo Público Estadual, 1974.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Antologia do folclore brasileiro**. São Paulo: EDART, 1982.

PERREIRA, Mabel; CAMURÇA, Marcelo (orgs.). **Festa e religião: imaginário e sociedade em Minas Gerais**. Juiz de Fora: Templo Editora, 2003.

PERRUCCI, Gadiel. **A República das Usinas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PIERRARD, Pierre. **Dictionnaire des Prénoms et des Saint**. Paris: Larousse, 1974.

PIN, Emile. **Elementos para uma sociologia do catolicismo latino-americano**. Petrópolis: Vozes, 1966.

PRIMEIRA Relação procedida pela Companhia Pernambuco Paraíba. 1761.. Recife: Mimeo/ Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, 2003.

QUÉAU, Felipe. *In*: MORIN, Edgar. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2001.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS da Fé. Vídeo produção. Recife: [s.n.], 2002.

RETE CIVICA DEI COMUNI E DELLA PRIVINCIA DI RAVENNA. Disponível em: <<http://www.racine.ra.it/pontenuovo/vita.html>>. Acesso em 05 maio 2006.

ROSENDAHL, Zeny. Percepção, vivência e simbolismos do sagrado no espaço: peregrinos e turistas religiosos. *In* LIMA, Luiz Cruz (Org.). **Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico**. Fortaleza: UECE, 1998.

_____. Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise. *In* CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. Geografia da Religião: uma Proposição Temática. **Revista Espaço e Tempo**, n. 11, São Paulo: GEOUSP, 2002.

_____. Território e territorialidade: Uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. *In*: **ComCiência**, revista eletrônica. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/2005/05/12>>. Acesso em 15 dez 2007.

RIBEIRO DE OLIVEIRA, Pedro A. **Religiosidade popular na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1972.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e espaço**: rumo a um conhecimento transdisciplinar. São Paulo: Hucitec, 2001.

_____. Turismo e territorialidades plurais: lógicas excludentes ou solidariedade organizacional. *In*: LEMOS, Amalia Inés Geraiges de; ARROYO, Mónica; SILVEIRA, María Laura. **América Latina**: cidade, campo e turismo. São Paulo: CLACSO – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Dec. 2006. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemos/17rodrigu.pdf>>.

SANCHIS, Pierre (org.). **Catolicismo**: unidade religiosa e pluralismo cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

SANTI BEATI. **Indice Onomastico**. Disponível em: <<http://www.santiebeati.it/search/jump.cgi?ID=91208>>. Acesso em 05 maio 2006.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. *apud*: CORRÊA, Roberto Lobato (Org). **Geografia Conceitos e Temas**. – 5ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SANTUÁRIO DE SÃO SEVERINO DO RAMOS. Livros de visitas. Paudalho, 16.04.2000 a 17.09.2000; 25.09.2000 a 28.01.2001.

_____. Fotos e bilhetes dirigidos a São Severino deixados na capela do santuário. Paudalho, 2003 a 2007.

_____. Observação empírica dos ex-votos expostos no Museu dos Milagres. Paudalho, 2003 a 2007.

SERGIPE CULTURA. Disponível em: <<http://www.infonet.com.br/cgi-bin/link.pl?link=0311000501.htm>>. Acesso em 09 set. 2005.

SILVEIRA, Emerson José Sena. Turismo e consumo: a religião como lazer em Aparecida. *In*: ABUMANSSUR, Edin Sued (org). **Turismo religioso**: Ensaios antropológicos sobre religião e Turismo. Campinas: Papirus, 2003.

SOCIEDADE SÃO VICENTE DE PAULO – SSVP. **Santo do Dia**. Disponível em: <<http://www.caridade.org.br/santododia/detalhe.asp?codigo=8>>. Acesso em 05 maio 2006.

SOJA, Edward W. **Geografias Pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOUZA, Marcelo L. A expulsão do paraíso. O “paradigma da complexidade” e o desenvolvimento sócio-espacial, *in* CASTRO; GOMES; CORRÊA (Orgs.).

Explorações geográficas: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

ST. PATRICK CATHOLIC CHURCH WASHINGTON, D.C. Disponível em: <<http://www.saintpatrickdc.org>>. Acesso em: 05maio2006.

STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etmológicas e interpretações antropológicas. *In*: ABUMANSSUR, E. S. (Org.). **Turismo religioso:** ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas: Papirus, 2003.

_____. **O sertão das romarias:** um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. Catolicismo e cultura. *In*: VALLA, Victor Vicent (org), **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SCHÜLTER, Regina G. **Metodologia da pesquisa em turismo e hotelaria**. São Paulo: Aleph, 2003.

UNIVERSO CATÓLICO. **Santo do Dia**. Disponível em: <<http://www.universocatolico.com.br/>>. Acesso em 13 abr. 2006

USINA DE LETRAS. Disponível em: <<http://www.usinadeletras.com.br/>>. Acesso em 13 abr. 2006

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história:** micro-história. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VALLA, Victor Vicent (org). **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

VERITATIS SPLENDOR. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/>> Acesso em 13 abr. 2006.

VIDAS EJEMPLARES. **Santos de la Iglesia Católica**. Disponível em: <<http://www.vidasejemplares.org/>>. Acesso em 05 maio 2006.

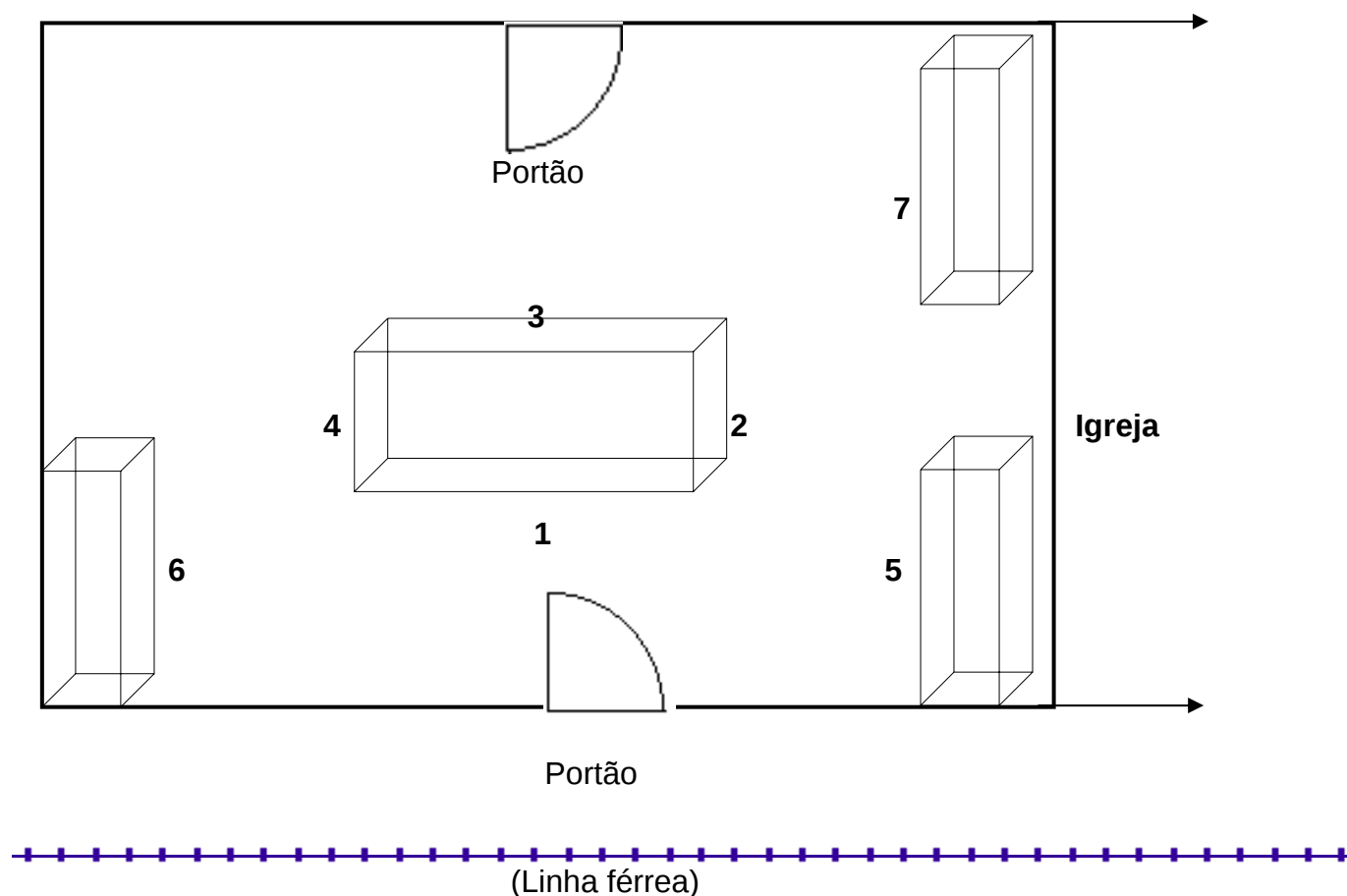
VILHENA, Maria Ângela. O peregrinar: caminhada para a vida. *In*: ABUMANSSUR, E. S. (Org.). **Turismo religioso:** ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas: Papirus, 2003.

WILLEKE, Frei Venâncio O. F. M. **Convento de Stº Antônio de Ipojuca**. Separata da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. 13. Rio de Janeiro: IPHAN, 1956.

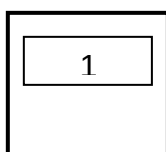
XAVIER, Herbe. **A percepção geográfica do turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A CEMITÉRIO DO ENGENHO RAMOS

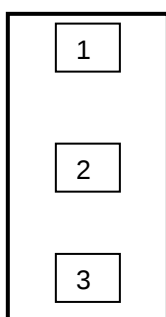


Face 1:



1 - Jazigo perpetuo das famílias Souza e Mello 1921 e Toscano de Mello 1934

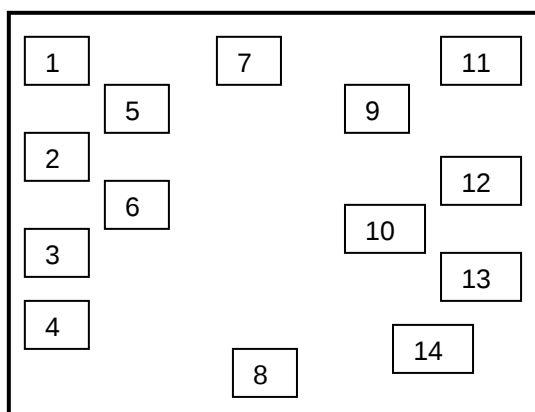
Face 2:



1 - "Aqui jaz Olympia M. de Souza e Mello. Nasceu em 05.11.1835 Falleceu em 3.10.1913. Lembrança de seus filhos".

2 - "Aqui descança Dr. Basílio de Souza Mello. Nasceu em 14 de junho de 1885. Formou-se em 21 de dezembro de 1907. Faleceu em 11 de dezembro de 1915. Paz a sua alma recordação da família"

3 - "Aqui repousam os restos mortaes do Capitão Francisco do Rego Mello nascido a 17 de maio de 1850. Fallecido a 30 de dezembro de 1917. Eterna recordação de sua esposa e filho PN /AM"

Face 3:

1 – Urbano José de Mello
+ 22.09.1877

2 – Urbano Toscano do Rego Mello
+ 1900

3 – Urbano Pinheiro Toscano de Mello
* 07.07.1915 + 25.07.1915

4 – Jorge de Souza Mello
Nasceu em 24-5-1891
Faleceu em 6-6-1933 – saudades de sua mãe e esposa

5 – Maria de Souza Mello (Marocas)
* 9-11-1866 + 1-10-1944
Eterna saudade de Zila, Calú, Anita e filhos

6 – Dr. Pedro Velho do Rego Mello
Nasceu a 14.12.1856
Faleceu a 4.9.1922 Lembrança de sua família

7 – Aqui jaz José de Souza e Mello
Nascido a 31 de agosto de 1861
Falecido a 15 de janeiro de 1922
Recordação eterna de suas irmãs PN./AM.

8 – Anna Gonçalves Coutinho Ramos
* 1-11-1856 + 30-7-1915

9 – Carolina de Souza Mello
* 26.2.1862 + 30.04.1955 - sincera gratidão
de Anita e filhos

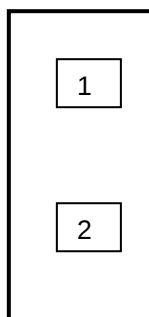
10 – Marianna Eugenia Toscano de Mello
* 19-8-1859 + 3-3-1926 saudade de sua família

12 - M^a da Gloria de Mello Valente
* 06-08-54 + 28-11-54

11 – M^a Antonia do Rego Mello
* 17.02.1831 + 17.08.1903

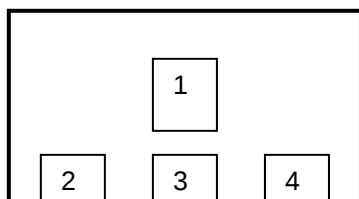
14 – Ana Rosa de Mello Mousinho
* 31.9.1943 + 2.10.1943
“Viveu apenas 2 dias, mas levou consigo todo nosso
entusiasmo pelas glórias terrenas. Eterna saudade dos
seus pais.

13 – Eugênia Pinheiro Toscano de Mello
* 29-05-1923 + 13-05-1924

Face 4:

1 – Aqui jaz Aldeyda Guabirú
Nascida a 1 de fevr^o de 1896
Faleceu a 23 de fevr^o de 1915 – saudade e gratidão da família Souza e Mello P.N. A.M

2 – Aqui descansa Maria Diva de Mello Alves
Nascida em Pau d'Alho a 8-8-1896
Casada a 6-4-1918
Falecida nesta cidade a 15-10-1918
Saudade eterna de seu marido, sua mãe e irmão

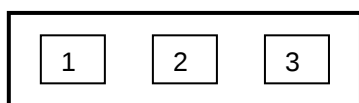
Face 5

1 – Cláudio Pinheiro Toscano de Mello
* 15.01.1922 + 25.03.1985

2 – Hilda Pontual Peres
* 10.11.1900 + 16.3.1974

3 - M^a do Rosário Peres Toscano de Mello (Zarinha)
* 05.10.30 + 30.08.79

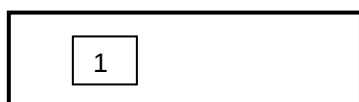
4 – Marcelo Gonçalves Peres
* 20.1.1895 + 14.5.1969

Face 6

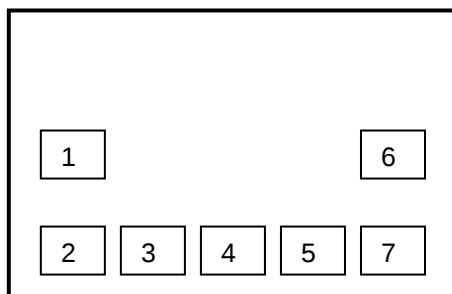
1 – Severino Toscano do Rego Mello
* 20.1.1895 + 14.9.1934

2 – Augusto Pinheiro Toscano de Mello
* 10.02.25 + 12.11.92

3 – Anna Pinheiro Ramos do Rego Mello
* 29.07.1884 + 11.12.1980
“saudades de sua família”

Face 7

1 – Stela Pinheiro de Mello Mousinho
* 30-11-1920 + 11-02-1979

Face 8

1 – João de Souza Mello
Nascido em 2 de junho de 1871
Falecido em 28 de fevereiro de 1912
P.N. A.M. Lembrança de sua família

2 – Rosalina de Souza Mello
* 19-8-1854 + 2-12-1954
Lembrança da família

3 – Aqui descansa eternamente o menino Severino
Ramos A. de Andrade
* 19.12.1950 + 23.1.1964
Lembrança de seus pais

4 – Maria da Conceição Carneiro de Mello (Ciçone)
* 9-11-1860 + 22-8-1944
Saudade eterna de seu filho

5 – Dr. Manoel de Rego Mello
“Exemplo de concórdia e de fraternidade. Na magistratura foi a identificação da justiça. Na sociedade a dedicação em pessoa e no lar o chefe de família modelo”.
Si grande foi sua cabeça, maior ainda foi seu coração”
Nasceu em 1857, faleceu em 1902

6 – Aqui jaz os restos mortais de
Belkiss Patsy Mocock
Nascida 13-4-1830 + falecida 31-8-1930
Mariinha P Mocock
Carles R Mocock

7 – Pedro Pereira da Silva
* 29-6-1897 + 29-2-1964
Saudade de sua família
Homenagem da Capela de N.S. da Luz ao seu
zeloso servidor

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO DE PERFIL DOS VISITANTES			
Questionário nº _____	Data _____ / _____ / _____	Hora _____	
Entrevistador: _____		Local: _____	

1. Onde reside ?
Cidade _____
Estado _____

2. Sexo:
1. () masculino 2. () feminino

3. Qual a sua idade ? _____

4. Qual a sua religião
1. () Católica
2. () Evangélica
3. () Espírita
4. () Umbanda / Candomblé
5. () Outra _____

5. É a primeira vez que vem a São Severino ?
1. () sim 2. () não

5.1. Se NÃO, indicar quantas vezes já esteve no santuário, incluindo esta visita:

6. O(A) Sr.(a) viaja:
1. () só
2. () com amigos
3. () com família
4. () em excursão

6.1. Quantas pessoas viajam, incluindo você?

7. Qual o meio de transporte utilizado para o(a) Sr.(a) chegar a São Severino ?
1. () Ônibus de linha
2. () Ônibus fretado
3. () Caminhão
4. () Lotação (Van, Kombi, Toyota etc)
5. () Mototaxi
4. () Carro particular
5. () Outro : _____

8. Qual o principal motivo desta sua viagem de hoje?
1.() Pagar promessa
2.() Pagar promessa e passear
3.() Pedir uma graça
4.() Pedir uma graça e passear
5.() Religião (sem compromisso de pagar promessa ou pedir de graça)
6.() Passeio
7.() Outro _____

9. Já alcançou alguma graça ou milagre através de São Severino?
1. () sim 2. () não

9.1. Se sim, indicar o motivo
1.() Trabalho
2.() Doença
3.() Amoroso
4.() Outro _____

10. Pensa em voltar ao Santuário?
1. () sim 2. () não 3. () não sabe

11. Recomendaria o Santuário a outra pessoa ?
1. () sim 2. () não 3. () não sabe

12. A viagem de hoje, além do Santuário de São Severino, inclui algum outro local?
1. () sim 2. () não

12.1. Se SIM, especificar nome do(s) atrativo(s) e localização:

OBSERVAÇÕES:

APÊNDICE C

Origem dos Entrevistados por Cidade de Residência Data: 04/03/2007

Estado	Município	Frequência
PERNAMBUCO	Abreu e Lima	01
	Aliança	01
	Bezerros	01
	Bom Jardim	01
	Buenos Aires	01
	Camocim de São Félix	01
	Camutanga	03
	Carpina	03
	Caruaru	11
	Chã de Alegria	03
	Condado	01
	Ferreiros	02
	Goiana	01
	Glória do Goitá	02
	Gravatá	01
	Igarassu	01
	Ipojuca	09
	Itambé	05
	Itaquitinga	01
	Jaboatão dos Guararapes	05
	João Alfredo	02
	Limoeiro	01
	Nazaré da Mata	01
	Olinda	01
	Paudalho	02
	Pombos	01
	Recife	15
	São Caetano	02
	São Lourenço da Mata	04
	São Vicente Férrer	01
	Tamandaré	01
	Timbaúba	01
	Vicência	02
	Vitória de Santo Antão	01
PARAÍBA	Barra de São Miguel	02
	Caapora	01
	Caturité	03
	Cruz do Espírito Santo	01
	João Pessoa	01
	Lagoa	01
	Sobrado	01
SÃO PAULO	São Paulo	01
Total		100

APÊNDICE D

QUESTIONÁRIO ORGANIZADORES/RESPONSÁVEIS			
QUESTIONÁRIO Nº	DATA	/	/
ENTREVISTADOR:			
1. Origem do grupo: Município _____ Estado _____			
2. O passeio inclui outros santuários ou atrativos? () sim () não Se SIM, especificar nome e localização: _____			
3. A inclusão do outro atrativo no roteiro foi feita: () Por idéia do organizador () A pedido dos passageiros			
4. Qual o local mais importante do roteiro do dia de hoje? () São Severino () Outros, quais e em que ordem de preferência? _____			
5. Com que frequência traz grupos ao Santuário de São Severino? () 1ª. Vez () semanalmente () mensalmente () anualmente			
6. O roteiro do ônibus é sempre o mesmo? () sim () não			
7. O Santuário de S Severino sempre faz parte do roteiro? () sim () não			
8. O organizador tem outra fonte de renda? () sim () não			
9. Organizador: Nome _____ Tel: _____			
Observações:			

APÊNDICE E

Origem dos Veículos Coletivos		Data: 07/01/2007
Estado	Município	Frequência
PARAÍBA	Alhandra	01
	Areia	02
	Arara	01
	Alagoa Grande	03
	Alagoa Nova	01
	Boqueirão de Cajá	03
	Caaporã	02
	Cachoeirinha	01
	Campina Grande	07
	Conde	01
	Guarabira	01
	Ingá	01
	João Pessoa	02
	Lagoa Seca	03
	Mari	02
	Matinhas	01
	Pedras de Fogo	02
	Pilar	01
	Pitimbu	01
	Remígio	01
	Riachão	02
	Riachão do Poço	02
	Santo André	01
	Santa Luzia	01
	Sapé	02
	Serra Redonda	02
	Sobrado	02
PERNAMBUCO	Aliança	03
	Araçoiaba	04
	Belo Jardim	01
	Bom Jardim	01
	Cabo de Santo Agostinho	03
	Carpina	01
	Caruaru	01
	Casinhas	04
	Chã de Alegria	01
	Condado	05
	Gravatá	01
	Itambé	04
	Jaboatão dos Guararapes	01
	Lagoa do Itaenga	01
	Machados	01
	Macaparana	01
	Nazaré	03
	Orobó	02
	Recife	04
	Riacho das Almas	01
	São Lourenço da Mata	01
	Santa Cruz do Capibaribe	01
	Surubim	02
	Tiimbaúba	02
	Toritama	01
	Tracunhaém	01
	Vertentes	02
	Vicência	01
RIO GRANDE DO NORTE	Bom Jesus	01
Total Geral		105

APÊNDICE F

Origem dos Veículos Coletivos		Data: 04/02/2007
Estado	Município	Frequência
PARAÍBA	Alhandra	01
	Alcantil	01
	Bananeiras	01
	Cruz do Espírito Santo	01
	Campina Grande	01
	Pedras de Fogo	02
	Salgado de São Félix	01
	São José dos Ramos	01
PERNAMBUCO	Abreu e Lima	01
	Araçoiaba	02
	Bom Jardim	01
	Buenos Aires	01
	Carpina	01
	Caruaru	01
	Casinhas	01
	Condado	02
	Glória do Goitá	01
	Ferreiros	01
	Goiana	01
	Itambé	03
	Itaquitinga	01
	Lagoa do Intaenga	01
	Moreno	01
	Orobó	01
	Recife	02
	Surubim	01
	Toritama	01
	Vertentes	01
	Vicência	02
	Vitória de Santo Antão	02
Total Geral		38

APÊNDICE G

Origem dos Veículos Coletivos		Data: 04/03/2007
Estado	Município	Frequência
PARAÍBA	Caaporã	01
	Campina Grande	02
	Caturité	01
	Cruz do Espírito Santo	01
	João Pessoa	02
	Mamanguape	01
	Pedras de Fogo	01
	Sobrado	01
PERNAMBUCO	Abreu e Lima	01
	Camutanga	01
	Caruaru	02
	Ipojuca	03
	Itaquitinga	01
	Jaboatão dos Guararapes	03
	Olinda	01
	Paudalho	01
	Recife	03
	Tamandaré	01
	Vicência	02
Total Geral		29

APÊNDICE H

Origem dos Veículos Coletivos		Data: 01/04/2007
Estado	Município	Frequência
ALAGOAS	Boca da Mata	01
	Deodoro	03
	Maceió	13
	Matriz de Camaragibe	01
	Novo Lino	01
	Paulo Jacinto	01
	Pilar	01
	Rio Largo	02
	São Luís do Quitunde	01
	Satuba	01
	Viçosa	05
PARAÍBA	Caapora	01
	Cabedelo	01
	Campina Grande	01
	Ingá	01
	Itabaiana	01
	João Pessoa	02
	Juripiranga	01
	Pedras de Fogo	06
	Santa Rita	01
PERNAMBUCO	Aliança	01
	Amaraji	01
	Araçoiaba	02
	Bom Jardim	01
	Cabo de Santo Agostinho	04
	Camaragibe	04
	Caruaru	02
	Condado	01
	Escada	05
	Gameleira	01
	Gloria do Goitá	01
	Goiana	01
	Igarassu	02
	Ipojuca	01
	Itambé	04
	Jaboatao dos Guararapes	10
	Joao Alfredo	01
	Moreno	02
	Nazaré da Mata	04
	Olinda	03
	Recife	21
	Riacho das Almas	01
	Ribeirao	01
	São Lourenço da Mata	01
	São Vicente Férrer	02
	Surubim	01
	Vicência	03
	Vitória de Santo Antão	01
RIO GRANDE DO NORTE	Canguaretama	03
	Lagoa Salgada	01
	Macaiba	05
	Natal	14
	Parnamirim	04
	Pedro Velho	01
	Santa Rita	01
	São Gonçalo do Amarante	02
Total Geral		158

ANEXOS

ANEXO A



Cantos Igreja São Severino

Entrada:Ô Pai Somos Nós O Povo Eleito

Ô Pai Somos nós o povo eleito
Que Cristo veio reunir (Bis)

- 1- Pra viver a sua vida, aleluia,
O senhor nos enviou, aleluia.
- 2- Pra ser Igreja peregrina, aleluia,
O Senhor nos enviou, aleluia.
- 3- Pra ser sinal de Salvação, aleluia,
O Senhor nos enviou, aleluia.
- 4- Pra anunciar o Evangelho, aleluia,
O Senhor nos enviou, aleluia.

Senhor, Quem Entrará

- 1- Senhor quem entrará no Santuário pra te louvar? (Bis)
Quem tem as mãos limpas, e o coração puro,
Quem não é Vaidoso e Sabe amar.
- 2- Senhor, eu quero entrar no Santuário pra te louvar? (Bis)
Ó dá-me mãos limpas, e um coração puro,
Arranca a vaidade, ensina-me a amar. (Bis).

Aclamação Ao EvangelhoEu vim para Escutar

- 1- Eu Vim para escutar.
Refrão: Tua palavra, tua palavra,
Tua palavra de amor.
- 2- Eu gosto de escutar.
- 3- Eu quero entender melhor.
- 4- O mundo ainda vai viver.

Vai Falar No Evangelho

- 1- Vai falar no Evangelho/ Jesus Cristo, Aleluia!
Sua Palavra é alimento/ que dá vida, aleluia!

Refrão: Glória a Ti, Senhor,
Toda graça e louvor. (bis)

- 2- A mensagem da alegria/ ouviremos, aleluia!
De Deus as maravilhas/ cantaremos, aleluia!

Ofertório

Sabes Senhor...

Refrão: Sabes Senhor,
O que temos é tão pouco pra dar.
Mas este pouco,
Nós queremos com os irmãos compartilhar.

- 1- Queremos nesta hora,
Diante dos irmãos,
Comprometer a vida,
Buscando a união.

- 2- Sabemos que é difícil
os bens compartilhar,
mas com a tua graça, Senhor, queremos dar.

- 3- Olhando teu exemplo, Senhor, vamos seguir,
Fazendo o bem a todos, sem nada exigir.

Preparo esta Mesa

Preparo esta mesa do povo Cristão
Oferto cantando o vinho e o pão.

Preparo também o meu coração
Jesus sempre chega em cada irmão.

Preparo minha casa Jesus vai chegar
Vou ver o que falta na vida e no lar.

Preparo minha rua mostrando alegria
Vou ser bom vizinho de noite e de dia.

Preparo também o meu coração
Jesus sempre chega em cada irmão.

Ao Pai do Céu, Vamos Ofertar (bis)
A Romaria vamos entregar (bis)
Vamos entregar com muita alegria (bis)
E a proteção da Virgem Maria (bis)

Ao Pai do Céu... A nossa vida ... Nosso trabalho...
Nossa família... O pão e o vinho...

ANEXO B

